

THIAGO LUIZ MENDES DUTRA

JORNAL POSIÇÃO

**A FUNÇÃO DE SUA IDENTIDADE GRÁFICA
NA MEMÓRIA COLETIVA CAPIXABA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Desenho Industrial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual.

VITÓRIA, 2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE DESENHO INDUSTRIAL - PROGRAMAÇÃO VISUAL

THIAGO LUIZ MENDES DUTRA

JORNAL POSIÇÃO

A FUNÇÃO DE SUA IDENTIDADE GRÁFICA NA MEMÓRIA COLETIVA CAPIXABA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Desenho Industrial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Letícia Pedrucci Fonseca
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Ms. Ricardo Esteves
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Uma importante etapa da minha vida se conclui e dela fizeram parte diversas pessoas com as quais convivi estabelecendo os mais diversos graus de envolvimento. Hoje torna-se difícil citá-las individualmente porque formam um grupo incontável de amigos, parentes, colegas de curso, professores etc. De qualquer forma sou sinceramente grato a cada circunstância por qual passei e a todos quanto estiveram ao meu lado nessa caminhada.

Sou especialmente grato à minha família, minha mãe **Fátima**, meu pai **Luiz** e minha irmã **Marília** por me ensinarem que não há laço mais forte que aquele definido pelo sangue: o apoio, a fé, as preocupações, as expectativas, os conselhos, o estímulo e especialmente o amor, foram fundamentais para a conquista dessa vitória. Amo tanto vocês que meu coração fica até espremido! Vou incluir aqui meu animalzinho de estimação e seu auge a uma estrelinha de plástico que mordida insistentemente ao deitar sobre o tapete do meu quarto enquanto eu passava horas trabalhando na frente do computador. Ela não entendia mas estava lá comigo.

Agradeço à minha orientadora, professora Letícia Pedruzzi, por acreditar no meu projeto, me incentivar e me conduzir até mesmo em momentos em que já estava exausto e desanimado. Sempre nas orientações ela dizia: "Vamos, Thiago! Termina isso logo! Você escreveu isso em dois meses então em uma semana você consegue fazer isso! Isso aqui vai ser fácil! E a banca?". Era a mesma coisa que ecoava dentro da minha cabeça enquanto escrevia, mas por vezes o eco diminuía e aí a Letícia aparecia e cumpria muito bem essa função. Obrigado.

Também sou grato pelas lições e experiências que a iniciação científica sob orientação da professora Heliana Pacheco e Letícia Pedruzzi no Nigráfica me proporcionou. Junto com Rayza Paiva, Camila Torres e Juliana Colli, aprendi muitas coisas dentre as quais talvez muitas delas não sejam evidentes. Eu mal sabia que aquele seria o embrião da minha monografia e veja só como são as coisas!

Agradeço a todos os meus amigos que me tiraram de casa à noite para beber uma boa e gelada cerveja porque passar por esse processo de cara limpa não é fácil. É claro que eles não encontraram muita resistência da minha parte... mas esses momentos de descontração foram fundamentais para arejar as ideias. Quando lembro do momento de produção dessa monografia, lembro também das conversas altas nos bares, da votação sobre quantas doses de seleta deveriam ser pedidas para a mesa, dos desabafos, das piadas, das palavras de ânimo, abraços e despedidas. Parecia que a minha realização era a deles também... e a realização de cada um tornou-se a minha também. Tenho amigos especiais (inacreditáveis, na verdade) e é uma honra ter pessoas tão fantásticas ao meu redor.

Finalmente agradeço à Deus, seja atendendo pelas expressões "existência superior", "força divina", "poder celestial" ou qualquer nome que refira-se ao efeito sobrenatural que me sustentou durante essa trajetória me mostrando que todo processo tem seu tempo e seu valor para o amadurecimento pessoal.

Muito obrigado!

ÍNDICE DE IMAGENS

<i>Figura</i>	<i>Fonte</i>	<i>Página</i>
1	Fotografia do acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	47
2.1	Fotografia do acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	48
2.2	Fotografia do acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	48
2.3	Fotografia do acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	48
3.1	Fotografia do acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	48
3.2	Fotografia do acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	48
4.1	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.66, 29 de outubro de 1981. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	49
4.2	Detalhe das páginas 6 e 7 do jornal <i>Posição</i> , nº.66, 29 de outubro de 1981. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	49
5	Fotografia disponível em: < http://migre.me/dvK5N >. Acesso em 3 de março de 2013. Link encurtado para fácil acesso.	51
6	Fotografia da mesa de fotografia para impressos. Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, janeiro de 2011.	52
7	<i>Print Screen</i> do acervo digitalizado do jornal <i>Posição</i> , abril de 2011.	52
8	<i>Print Screen</i> do site www.jotform.com , outubro de 2011.	55
9	FREGT, anexo II do CD-ROM.	56
10	FREGT, anexo II do CD-ROM.	58
11	Fotografia de Thiago Luiz Mendes Dutra, março de 2012.	59
12	FREGT, anexo II do CD-ROM.	60
13	FREGT, anexo II do CD-ROM.	63
14	Planilha digital gerada pelo site www.jotform.com , outubro de 2011.	64
15	IEGT, anexo III do CD-ROM.	64
16	IEGT, anexo III do CD-ROM.	65
17	IEGT, anexo III do CD-ROM.	65

18	Capa do jornal <i>Movimento</i> , nº.1, 7 de julho de 1975. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	74
19	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.1, 29 de outubro de 1976. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	80
20	Jornal <i>Posição</i> , nº.6, 21 de janeiro de 1977, p.4. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	82
21.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.7, 7 de fevereiro de 1977, p.8. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	83
21.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977, p.10. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	83
21.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.13, 28 de maio de 1977, p.11. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	83
21.4	Jornal <i>Posição</i> , nº.19, 27 de agosto de 1977, p.10. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	83
21.5	Jornal <i>Posição</i> , nº.27, 3 de janeiro de 1978, p.11. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	83
21.6	Jornal <i>Posição</i> , nº.27, 3 de janeiro de 1978, p.11. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	83
22.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.6, 21 de janeiro de 1977, p.8. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	84
22.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977, p.13. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	84
22.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.41, 22 de agosto de 1978, p.11. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	84
22.4	Jornal <i>Posição</i> , nº.48, 16 de dezembro de 1978, p.5. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	84
22.5	Jornal <i>Posição</i> , nº.19, 27 de agosto de 1977, p.10. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	84
23	Jornal <i>Posição</i> , nº.2, 2 de novembro de 1976, p.2. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	86
24	Jornal <i>Movimento</i> , nº.2, 14 de julho de 1975, p.6. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	87
25.1	Capa do jornal <i>Movimento</i> , nº.132, 9 de janeiro de 1978. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	88
25.2	Jornal <i>Opinião</i> , nº.34, 2 de julho de 1973. Disponível em: < http://migre.me/d1p5t >. Acesso em: 28 de janeiro de 2013. Link encurtado para fácil acesso.	88
26.1	Detalhe da capa do jornal <i>Posição</i> nº.6, 21 de janeiro de 1977. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	89
26.2	Detalhe da capa do jornal <i>Posição</i> nº.46, 15 de novembro de 1978. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	89

27	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.4, 17 de dezembro de 1976. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	90
28	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.5, 3 de janeiro de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	91
29	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	92
30	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.11, 26 de abril de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	93
31	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	94
32	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.21, 29 de setembro de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	95
33.1	Capa do jornal <i>Movimento</i> , nº.154, 12 de junho de 1978. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	96
33.2	Capa do jornal <i>Movimento</i> , nº.217, 27 de agosto de 1979. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	96
34	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.24, 17 de novembro de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	97
35	Jornal <i>Posição</i> , nº.39, 20 de julho de 1978, p.10. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	99
36.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	100
36.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	100
37	Jornal <i>Posição</i> , nº.3, 3 de dezembro de 1976, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	101
38	Jornal <i>Posição</i> , nº.6, 21 de janeiro de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	102
39	Jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977, p.4. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	103
40.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.6, 21 de janeiro de 1977, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	104
40.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.11, 26 de abril de 1977, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	104
40.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.21, 29 de setembro de 1977, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	104
40.4	Jornal <i>Posição</i> , nº.36, 30 de maio de 1978, p.7. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	104
40.5	Jornal <i>Posição</i> , nº.47, 1 de dezembro de 1978, p.9. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	104

41.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.4, 17 de dezembro de 1976, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
41.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.5, 3 de janeiro de 1977, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
41.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.16, 15 de julho de 1977, p.8. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
41.4	Jornal <i>Posição</i> , nº.21, 17 de novembro de 1977, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
42.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.8, 6 de março de 1977, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
42.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
42.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.31, 7 de março de 1978, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	105
43.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	106
43.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.41, 22 de agosto de 1978, p.7. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	106
43.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.2, 2 de novembro de 1976, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	106
43.4	Jornal <i>Posição</i> , nº.51, 9 de fevereiro de 1979, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	106
43.5	Jornal <i>Posição</i> , nº.7, 7 de fevereiro de 1977, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	106
43.6	Jornal <i>Posição</i> , nº.25, 3 de dezembro de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	106
44	Jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977, p.9. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	107
45	Jornal <i>Posição</i> , nº.6, 21 de janeiro de 1977, p.10. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	108
46	Jornal <i>Posição</i> , nº.8, 6 de março de 1977, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	109
47.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.4, 17 de dezembro de 1976, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	110
47.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.9, 24 de março de 1977, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	110
47.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.19, 27 de agosto de 1977, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	110
48.1	Jornal <i>Movimento</i> , nº.137, 13 de fevereiro de 1978, p.6. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	111

48.2	Capa do jornal <i>Movimento</i> , nº.210, 9 de julho de 1979, p.19. Obtido via AZEVEDO, Carlos (coord.). <i>Jornal Movimento: Uma Reportagem</i> . São Paulo: Manifesto Editora, 2011. CD-ROM.	111
49	Jornal <i>Posição</i> , nº.1, 29 de outubro de 1976, p.12. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	113
50	Jornal <i>Posição</i> , nº.4, 17 de dezembro de 1976, p.11. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	113
51	Jornal <i>Posição</i> , nº.4, 17 de dezembro de 1976, p.10. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	114
52	Jornal <i>Posição</i> , nº.8, 6 de março de 1977, p.3. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	114
53	Jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977, p.3. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	114
54	Jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977, p.9. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	114
55	Jornal <i>Posição</i> , nº.15, 1 de julho de 1977, p.6. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	115
56	Jornal <i>Posição</i> , nº.15, 1 de julho de 1977, p.9. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	116
57	Jornal <i>Posição</i> , nº.20, 14 de setembro de 1977, p.5. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	116
58	Jornal <i>Posição</i> , nº.31, 7 de março de 1978, p.3. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	116
59	Jornal <i>Posição</i> , nº.32, 22 de março de 1978, p.7. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	116
60	Jornal <i>Posição</i> , nº.34, 25 de abril de 1978, p.12. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	117
61	Jornal <i>Posição</i> , nº.35, 11 de maio de 1978, p.12. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	117
62	Jornal <i>Posição</i> , nº.37, 16 de junho de 1978, p.1. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	118
63	Jornal <i>Posição</i> , nº.42, 6 de setembro de 1978, p.4. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	118
64.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.12, 11 de maio de 1977, p.11. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	119
64.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.15, 1 de julho de 1977, p.10. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	119
65	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.13, 28 de maio de 1977. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	121
66	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.14, 10 de junho de 1977. Acervo do jornal <i>Posição</i> na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	122

67.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.16, 15 de julho de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	124
67.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.16, 15 de julho de 1977, p.8. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	124
68	Jornal <i>Posição</i> , nº.18, 13 de agosto de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	124
69	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.20, 14 de setembro de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	125
70	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.23, 29 de outubro de 1977. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	127
71	Jornal <i>Posição</i> , nº.23, 29 de outubro de 1977, p.19. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	128
72	Jornal <i>Posição</i> , nº.23, 29 de outubro de 1977, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	128
73	Jornal <i>Posição</i> , nº.27, 3 de janeiro de 1978, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	129
74.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.26, 17 de dezembro de 1977, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	130
74.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.26, 17 de dezembro de 1977, p.7. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	130
74.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.28, 17 de janeiro de 1978, p.6. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	130
75.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.26, 17 de dezembro de 1977, p.6-7. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	131
75.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.28, 17 de janeiro de 1978, p.6-7. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	131
76	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.35, 11 de maio de 1978. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	133
77.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.35, 11 de maio de 1978, p.4. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	134
77.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.41, 22 de agosto de 1978, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	135
78	Jornal <i>Posição</i> , nº.48, 16 de dezembro de 1978, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	135
79	Jornal <i>Posição</i> , nº.44, 7 de outubro de 1978, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	136
80	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.45, 29 de outubro de 1978. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	137
81	Jornal <i>Posição</i> , nº.45, 29 de outubro de 1978, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	138

82	Jornal <i>Posição</i> , nº.45, 29 de outubro de 1978, p.14-15. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	139
83	Jornal <i>Posição</i> , nº.45, 29 de outubro de 1978, p.3 Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	140
84.1	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.47, 1 de dezembro de 1978. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	141
84.2	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.50, 24 de janeiro de 1979. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	141
85	Jornal <i>Posição</i> , nº.51, 9 de fevereiro de 1979, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	142
86	Jornal <i>Posição</i> , edição especial, 23 de fevereiro de 1979, p.14-Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha. 15.	143
87	Jornal <i>Posição</i> , edição especial, 11 de abril de 1979, p.14-15. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	145
88.1	Jornal <i>Posição</i> , edição especial, 11 de abril de 1979, p.2. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	146
88.2	Jornal <i>Posição</i> , edição especial, 11 de abril de 1979, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	146
89	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.53, 4 de maio de 1979. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	148
90	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	149
91	Capa do jornal <i>Posição</i> , nº.55, 18 de maio de 1978. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	150
92	Jornal <i>Posição</i> , nº.55, 18 de maio de 1978, p.2-3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	152
93	Jornal <i>Posição</i> , nº.53, 4 de maio de 1979, p.8. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	152
94.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979, p.9. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	153
94.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.55, 18 de maio de 1978, p.4. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	153
95.1	Jornal <i>Posição</i> , nº.55, 18 de maio de 1978, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	153
95.2	Jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979, p.8. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	153
95.3	Jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979, p.13. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	153
95.4	Jornal <i>Posição</i> , nº.58, 8 de junho de 1978, p.10. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	153

96	Jornal <i>Posição</i> , nº.53, 4 de maio de 1979, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	154
97	Jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979, p.10. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	154
98	Jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979, p.2. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	155
99	Jornal <i>Posição</i> , nº.54, 12 de maio de 1979, p.4. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	155
100	Jornal <i>Posição</i> , nº.56, 25 de maio de 1979, p.5. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	155
101	Jornal <i>Posição</i> , nº.57, 1 de junho de 1979, p.3. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	156
102	Jornal <i>Posição</i> , nº.59, 23 de julho de 1979, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	156
103	Jornal <i>Posição</i> , nº.53, 4 de maio de 1979, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	157
104	Jornal <i>Posição</i> , nº.56, 25 de maio de 1979, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	158
105	Jornal <i>Posição</i> , nº.57, 1 de junho de 1979, p.12. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	159
106	Jornal <i>Posição</i> , nº.53, 4 de maio de 1979, p.13. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	160
107	Jornal <i>Posição</i> , nº.57, 1 de junho de 1979, p.9. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	161
108	Jornal <i>Posição</i> , nº.57, 1 de junho de 1979, p.11. Acervo do jornal Posição na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha.	162

TABELA

1	Relação edição x data de veiculação do acervo do jornal Posição	50
---	---	----

GRÁFICO

1	Exemplos de saídas estatísticas obtidas a partir da IEGT	66
---	--	----

SUMÁRIO

<i>Página</i>	<i>Estrutura do trabalho</i>
17	Apresentação do Projeto de Pesquisa
19	Objetivo Geral, Palavras-chave & Objetivos Específicos
21	Justificativa
23	Metodologia
<hr/>	
25	UNIDADE 1 - MEMÓRIA GRÁFICA
29	1 - O passado, o presente e a iminência da amnésia
33	2 - Uma fratura temporal entre a modernidade e o período contemporâneo
41	3 - Memória, identidade e projeto
<hr/>	
45	UNIDADE 2 - METODOLOGIA
47	4 - O acervo do jornal <i>Posição</i>
51	5 - Registro fotográfico e organização do acervo digitalizado
53	6 - Ficha de Registro dos Elementos Gráficos e Técnicos (FREGT)
55	6.1 - Elementos técnicos e expediente
56	6.2 - Capa e diagrama
61	6.3 - Tipografia do miolo
61	6.4 - Ilustrações, fotografias e publicidades no miolo
61	6.5 - Resultados
63	7 - Planilha digital: um inventário dos elementos gráficos e técnicos (IEGT)
<hr/>	
67	UNIDADE 3 - ANÁLISE GRÁFICA
69	8 - O berço de uma alternativa
75	9 - Um <i>Movimento</i> paulistano inspirador
77	10 - Análise gráfica do jornal <i>Posição</i>
78	10.1 - Primeira fase (outubro de 1976 a abril de 1979)
147	10.2 - Segunda fase (maio de 1979 a setembro de 1979)
165	11 - Um tímido reaparecimento
167	12 - Alternativas gráficas e os regimes de exceção
<hr/>	
171	CONCLUSÃO
175	Referências bibliográficas
<hr/>	
	CD-ROM
	Anexo I - Ficha de coleta de dados da revista <i>Vida Capichaba</i> .
	Anexo II - FREGT do jornal <i>Posição</i> .
	Anexo III - IEGT do jornal <i>Posição</i> .
	Acervo digitalizado do jornal <i>Posição</i> .

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

O presente trabalho insere-se na matriz de pesquisas concernentes ao patrimônio material da esfera pública que no desvelo dedicado ao passado, oferecem amparo e resguardo à memória coletiva. Em um setor particular desse campo, localiza-se a incipiente preocupação da área do design gráfico em examinar a memória gráfica de periódicos e peças gráficas iminentemente à beira do esquecimento.

No Espírito Santo há um valioso patrimônio material em acervos de bibliotecas e arquivos públicos favorecido pelo zelo e atenção de pesquisadores, de estudiosos e do poder público, porém, ainda é embrionário o olhar atencioso da área do design sobre esse legado, que aliás, em muito pode contribuir para iniciativas nesse sentido. Para elencar a empreitada que percebe a preservação da memória como essência da própria sociedade em constante transformação, muitos designers têm dedicado-se a mapear, estudar e a elevar a um valor memorialístico diversos desses materiais já esquecidos na lembrança social. Um desses materiais gráficos no estado do Espírito Santo é o jornal *Posição* que circulou entre os anos de 1976 e 1979 inserindo-se na classe de periódicos de teor noticioso e informativo, essencialmente contestador, em um período de forte incursão de movimentos sociais frente a vigência da ditadura militar no Brasil.

O interesse conduzido ao resgate e proteção da história gráfica local e nacional, motivou este projeto de pesquisa a analisar esse periódico capixaba por meio da ótica do design que entende as escolhas visuais e até mesmo os atributos físicos de uma peça gráfica, como um conjunto de características comunicacionais relacionadas à própria história do homem, sua identidade e envolvimento no tecido social. Acredita-se que o comportamento visual e projetual do jornal *Posição*, dotado de certo regionalismo em um grau ainda a ser averiguado, possa explicitar o espírito da época.

A motivação dessa iniciativa alinha-se à preocupação relacionada ao resgate e amparo da produção gráfica local contribuindo para o conhecimento da história gráfica capixaba e, em uma esfera maior, da história gráfica brasileira fortalecida a partir da memória.

OBJETIVO GERAL

Através do monitoramento do decurso dos aspectos estéticos e projetuais do jornal *Posição*, pretende-se descobrir uma identidade gráfica a ele relacionada, que o alinhe ao elenco de produtos gráficos amparados e preservados pelo design na memória coletiva capixaba.

PALAVRAS-CHAVE: Memória gráfica, análise gráfica, jornal *Posição*, design gráfico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Na empreitada pelo estudo da memória gráfica do jornal *Posição*, alguns subprodutos serão gerados entre os quais, alguns relacionados à própria metodologia da análise gráfica, que poderão configurar-se como referência para pesquisas semelhantes e posteriores. As metas previstas para essa pesquisa são:

- 1 Produzir um **acervo fotográfico do jornal *Posição*** montado a partir dos registros de cada exemplar disponível na Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha (BPES), localizada na Enseada do Suá, Vitória-ES. Para organização do acervo se fará necessário um sistema eficaz de organização e nomenclatura das imagens capturadas para rápido acesso em ambiente digital;
- 2 Desenvolver um modelo de ficha de coleta de dados (nesse caso, **Ficha de Registro de Elementos Gráficos e Técnicos – FREGT**¹) adaptada para essa publicação capixaba com objetivo de registrar a ocorrência de comportamentos relacionados a tipografia, uso de imagem, configuração da mancha gráfica, aspectos físicos, dados históricos, etc. A coleta se processará a partir do acervo fotográfico do jornal já adequadamente organizado e nomeado;
- 3 Projetar uma planilha digital em que constem os índices registrados através da FREGT e funcione como uma espécie de **Inventário dos Elementos Gráficos e Técnicos (IEGT**²) do jornal. Nessa etapa os dados coletados serão transferidos para uma planilha digital que possibilite a ampla exposição dos índices e permita saídas estatísticas e registros descritivos sobre a peça e;
- 4 Analisar dados coletados e registrados no IEGT do *Posição*, para mapear o comportamento e a história gráfica desse impresso ao longo de sua veiculação. A análise também pode resultar de associações a leituras relacionadas construindo assim, condições adequadas para a suposição de uma identidade gráfica a ele relacionada pautada a partir da recorrência de sua características mais marcantes e outras constatações de obras relacionadas.

1. O nome sugerido é uma proposta deste projeto e outras vezes atende pela expressão "ficha de registro". 2. O nome sugerido é outra proposta deste projeto, também atendendo pelo nome "planilha digital".

JUSTIFICATIVA

Meu contato com o tema veio desenvolvendo-se desde 2009, ocasião em que o encontro de interesses entre colegas do curso germinou uma preocupação direcionada ao passado dentro dessa área de conhecimento na universidade local. Nesse ano, na Universidade Federal do Espírito Santo, as professoras Leticia Pedruzzi e Heliana Pacheco e alguns estudantes do curso de Desenho Industrial com habilitação em programação visual, inscreveram no edital universal da Fundação de Amparo à Pesquisa – Fapes, o primeiro projeto de pesquisa dedicado à memória gráfica³ a partir da ótica do design. Da iniciativa fundou-se o **Núcleo Identidade Gráfica Capixaba – Nigrafica**, através de sua pesquisa pioneira relacionada à memória gráfica da revista *Vida Capixaba*, que perseguia a ideia de que o volume extenso de publicações resguardadas a acervos e arquivos públicos assume valor em suas manifestações visuais e aspectos projetuais capazes de descortinar ângulos da memória coletiva capixaba que excedem o conteúdo puramente textual. O convívio com aquele patrimônio público indicou uma ampla dimensão da cultura codificada nos aspectos mais elementares desses periódicos tais como tipografia, formato, ilustrações, fotografias, entre outros, até então desprovidos do olhar previdente da área do design. Muitos dos exemplares ali encontrados, exibiam variados estágios de deterioração consequentes da senilidade, sempre à espreita de enquadrá-los no esquecimento coletivo. Graças à iniciativas do Estado, esses materiais estão acondicionados em ambientes sadios para sua conservação e disponibilização ao público porém, ainda sujeitos às efemeridades ainda capazes de extingui-los.

O receio de que isso se suceda conduz um número considerável de pesquisadores de diversas áreas de abrangência ao engajamento rumo à conservação da memória no Espírito Santo salientando a contradição referente à negligência do design gráfico local nessa causa. Em maior escala, é incipiente a dedicação de profissionais da área do design com essa preocupação no país. Seria o design um campo alheio a esse tipo de preocupação? Nesse caso, seria necessária uma reavaliação geral da profissão pois a história de sua produção gráfica lhe é uma responsabilidade inerente. O design está totalmente incluído nessa empreitada pois é incabível não lhe atribuir responsabilidade sobre os aspectos projetuais, das escolhas estéticas e de usabilidade do mundo material até mesmos em circunstâncias remotas à institucionalização de sua área de abrangência. De outra forma seria mais irresponsável ainda lidar com a cultura material contemporânea, sem trilhar os passos que ela percorreu até os dias correntes. A relevância dos acervos e a incipiente vistoria desses materiais por parte dos designers, ganham reconciliações na conscientização de que a diligência nessa inspeção sobre o passado se faz urgente e essencial para a atuação profissional na manutenção do universo material com responsabilidade e eficiência no presente e no futuro.

Nesse intuito surgem conhecidos nomes que atuam pioneiramente nesse campo como Rafael Cardoso, Julieta Sobral e Chico Homem de Melo, concentrados na importância da cultura material e visual para formação de noções da identidade gráfica brasileira e desenvolvimento coletivo.

3. Essa pesquisa considera a memória gráfica como um campo de pesquisa estritamente relacionado às características estéticas e físicas de uma peça gráfica enquanto códigos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos.

O jornal *Posição* é um desses materiais capixabas que podem aplinar horizontes para essa finalidade. A meta é inseri-lo no elenco de publicações capixabas amparadas pelo olhar do design capaz de promovê-los a elementos memoriais da história e identidade gráfica brasileira. O periódico salta aos olhos e atrai a atenção por sua inserção histórica em um momento político conturbado na história da nação. Espera-se que seus aspectos estéticos e projetuais revelem sua identidade gráfica latente influenciada pela censura, limitada pelo maquinário disponível naquele período para sua produção e solidarizada por seus colaboradores frente a todo tipo de dificuldade que uma publicação alternativa em contexto de regime de exceção possa enfrentar. Para além das observações iniciais à luz da perspectiva estética, principalmente há de se considerar sua função social na esfera pública sendo um periódico contestador inserido no contexto da ditadura militar no país e a sua condição como publicação alternativa àquelas de circulação convencional. Sua perspectiva díspar, inserção histórica e configuração estética constituem lugares distintos a serem visitados e associados através de uma análise gráfica comprometida em traduzir não apenas sua esse parâmetro estético, mas também sua função social.

Além disso este projeto foi conduzido com o objetivo não apenas de participar de investigações na área gráfica e projetual, mas em especial, inaugurar um novo perfil de pesquisa na formação dos alunos do curso de Desenho Industrial da Ufes já que, segundo o historiador Rafael Cardoso, "enquanto os designers continuarem a desconhecer o rico e fértil legado histórico de projeto que existe em nossa cultura há um século ou mais, estarão condenados a descobrir a pólvora e a reinventar a roda a cada geração" (CARDOSO, 2005, p.16).

METODOLOGIA

Esta pesquisa será norteadada por uma análise gráfica que comprometa-se a maximizar o alcance do olhar técnico sobre características relacionadas ao design que nem sempre são vertidas em uma linguagem adequada para este tipo de análise. Isso pressagia o uso de uma metodologia que otimize a aproximação de atributos subjetivos relacionados ao impresso à medidas mais exatas, tais como os números, por exemplo. Nesse caso, cada incidência de um número representará um fenômeno, e a frequência com que cada fenômeno se repetirá, representará um comportamento, sendo este um padrão ou preeminente, será também suposto como um comportamento gráfico identitário. Além disso, a coleta de dados relacionados ao design e seu registro através de índices, permitirá que cada exemplar da amostra seja reconhecido através de seu comportamento gráfico e relacionado aos demais exemplares, elencando um inventário de elementos visuais e projetuais cujo mapeamento poderá ser facilmente acompanhado.

Ao final espera-se que uma ampla revisão bibliográfica, pesquisa histórica e demais modalidades de leituras associadas, promovam uma linha lógica de associação entre o comportamento gráfico do impresso, sua inserção histórica e prospecções sociais. Essa relação concluirá a proposta desta pesquisa em inserir-se na gama de projetos comprometidos com a preservação e o estudo da memória gráfica capixaba.

UNIDADE 1

MEMÓRIA GRÁFICA

Atualmente a memória gráfica apresentou-se como uma importante e, ainda embrionária, esfera de pesquisa do design contemporâneo. Aceitá-la sem entender sua real relevância para a sociedade moderna e contemporânea consistiria em reduzir o seu valor e o valor dos produtos de sua história gráfica ao esquecimento. O fato é que o conhecimento sobre a trajetória gráfica, nesse caso mais especificamente a trajetória gráfica brasileira, até o período corrente é essencial para o conhecimento do que constitui ponto de separação em relação ao primitivismo e do que alavanca as motivações para o futuro.

No capítulo inaugural **O passado, o presente e a eminência da amnésia**, são introduzidos conceitos elementares relacionados ao tema memória. A construção do primeiro capítulo apurou-se ao ato de lembrar-se, fundamentada em duas perguntas básicas: *lembrar-se do que e para que?* O livro de Vilém Flusser⁴ *O mundo codificado* permitiu que os caminhos da base teórica adentrassem na ideia de que o mundo material, esteja ele na lembrança remota ou na realidade vigente, é um sistema de códigos memorialísticos através do qual a humanidade se apoia para legar sua existência. Sobre um panorama mais geral, essa publicação revela a tecnologia como um instrumento de dominação do mundo material e vitória sobre as limitações físicas humanas, um ponto de separação do primitivismo. O livro foi organizado e dividido em partes por Rafael Cardoso, cujas partes recebem os títulos *Coisas*, *Códigos* e *Construções* e abordam teorias relacionadas a comunicação e design inseridos em uma esfera mais ampla de problematização social que prontifica-se a discutir o desenvolvimento humano a partir do mundo que constrói para si.

4. Vilém Flusser (1920-1991) foi um filósofo tcheco, naturalizado brasileiro. Fugindo do nazismo mudou-se para São Paulo onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia na Escola Politécnica da USP, Filosofia da Comunicação na Escola Superior de Cinema e na Escola de Arte Dramática (EAD). Nesse período também atuou como jornalista no jornal O Estado de São Paulo e como conferencista e escritor (cujo primeiro livro - *Lingua e realidade* foi lançado em 1963). Além disso, colaborou com a Bienal de São Paulo e outras iniciativas voltadas à arte. Deixa o Brasil em 1972 para viver na Europa onde manteve-se bastante ativo até o final de sua vida quando morreu em acidente de trânsito, ao visitar sua cidade natal, para ministrar uma conferência. Seus trabalhos se concentraram na discussão do pensamento de Heidegger, sendo marcados pelo existencialismo e pela fenomenologia.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs⁵, em seu livro *Memória coletiva*, sua obra mais famosa, estabelece uma relação entre a memória individual e a memória coletiva através do cruzamento, no presente, de lembranças passadas e prospecções relacionadas ao futuro que brotam da necessidade natural do homem de estabelecer elos. O que chama a atenção nas teorias desse livro de Halbwachs é a defesa da ideia de que a memória individual é um parâmetro sobre a memória coletiva e, esta por sua vez, é constantemente transformada pelas memórias individuais em um processo cíclico que atribui valor ao mundo material. Seu discurso vai mais à fundo, separando a história da memória como uma dicotomia testemunhal sobre o mundo, em que uma particulariza e outra generaliza lembranças que carecem de espaços⁶ para serem depositadas, sem os quais, cairiam no esquecimento. Esses espaços, chamados pelo autor de "espaços de memória", estão dissolvidos no mundo material carregados de significado e lembranças, na dependência de que sejam achados, retocados e incluídos na lembrança coletiva.

No segundo capítulo, *Uma fratura temporal entre a modernidade e o período contemporâneo* a discussão desloca-se dos conceitos didáticos em torno do tema para uma contextualização histórica que expõe as incógnitas relacionadas à recente (e urgente) preocupação relacionada ao conhecimento e preservação da memória. O livro *Seduzidos pela memória*, de Andreas Huyssen⁷, cujo conteúdo foi reunido a partir da seleção de quatro de seus ensaios, constitui um debate que domina a cena acadêmica preocupada com a crítica da cultura, especialmente em sociedades como a brasileira: marcada pela ditadura e pelo dilema entre memória e esquecimento. Sua teoria confronta o conceito iluminista de progresso social e indica uma forte tendência das sociedades contemporâneas à "musealização" do mundo e à idealização do passado através da memória como consequência do esgotamento das metanarrativas e promessas da modernidade já que, a vigorosa aceleração rumo ao futuro imposta pelo desenvolvimento tecnológico global não inspira segurança. O livro ainda indica um crise cronológica nas sociedades contemporâneas advindas das revoluções tecnológica e comunicacional sentidas nas últimas décadas e que ainda não tiveram tempo de serem digeridas e depositadas em um espaço de memória. Outra teoria de Huyssen, interessante para essa discussão, afirma que há uma rachadura entre o período contemporâneo e a modernidade provocada pela exposição dos aspectos mais obscuros do desenvolvimento tecnológico, tais como exterminação em massa, guerras e injustiças que legaram à geração contemporânea certo pessimismo em relação ao futuro e apego ao passado.

Essa crise desvendada por Huyssen é apontada por Luiz Oliveira⁸ como uma "fratura temporal". Na qualidade de sua especialização, Oliveira compôs o elenco de palestrantes do Seminário Internacional da Vale 2010, "Do abismo às montanhas" com o intuito de promover discussões generalizadas sobre uma crise - "ainda não assumida"- da sociedade contemporânea

5. Halbwachs (1877-1945), criador do conceito de memória coletiva, estudou filosofia na *École Normale Supérieure*, em Paris e na Universidade de *Göttingen*, Alemanha. Seu campo de pesquisa estendeu-se para a área de economia, marxismo e estatística antes de seu envolvimento no Ministério da Guerra alemão na Primeira Guerra Mundial. No período pós-guerra lecionou por uma década na Universidade de *Strasbourg* sociologia e pedagogia. Recebeu uma das maiores honrarias da França, uma cátedra de psicologia social no *Collège de France*. Após a ocupação nazista da França, Halbwachs foi detido pela *Gestapo* por seu envolvimento com o socialismo para ser deportado para *Buchenwald*, onde foi executado em 1945. 6. Mais tarde Pierre Nora (1930), pesquisador francês, chama esses espaços de "lugar de memória", reservados à função de funcionarem como marcos para a lembrança coletiva. 7. Huyssen (1942) é professor de Alemão e de Literatura Comparada na Universidade de Columbia, em Nova York. Lá fundou o *Centre for Comparative Literature and Society*, tendo sido também diretor do Departamento de Línguas Germânicas. Vencedor do Prêmio *Mark van Doren*, atribuído aos que demonstram "espírito humanitário, devoção à verdade e liderança inspiradora", Andreas Huyssen desenvolve trabalhos em torno de questões relacionadas ao papel dos intelectuais, do modernismo, do pós-modernismo, da memória histórica e da globalização. 8. Luiz Alberto Oliveira é Físico, pesquisador da Coordenação de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica (ICRA-BR) do Centro brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/MCT.

em relação às artes. Apesar de sua formação aproximar-se à área de exatas, sua contribuição nesse seminário oferece conceitos relativamente adaptáveis aos mais variáveis estudos relacionados. Para essa pesquisa o conceito de "mutação" serve de elo para costurar os assuntos já que oferece a ideia de transformação ao invés de conserto para superar a crise cronológica contemporânea. Dessa forma sua colocação é importante para perceber que a memória não se antecipa a reparar o passado mas de revisá-lo atribuindo-lhe lugar.

Ainda nesse capítulo vários outros pesquisadores figuram na lista de referências com propósito testemunhal dessas linhas teóricas. Uma dessas referências que representou um contato inconsciente inicial com o tema foi um artigo de autoria própria, construído em parceria com a Prof^a. Dr^a. Leticia Pedruzzi e a aluna de graduação Rayza Paiva na Ufes em 2010. A relação deu-se por acaso na constatação de que o tema memória está diretamente ligado às temporalidades de cada período histórico apontados nesse artigo. *Um olhar sobre o design contemporâneo* constitui uma reflexão sobre os caminhos que a sociedade moderna trilhou até os dias atuais e uma teorização sobre os possíveis caminhos que o design pode trilhar no futuro.

O terceiro capítulo **Memória, identidade e projeto** leva o título de um capítulo do livro de Gilberto Velho⁹ (1994) por abrir caminhos para a relação entre memória, identidade e projeto. Nesse capítulo evidencia-se a relação do design com projeto e sua consequente e involuntária relação com o tema. Sendo o capítulo de encerramento desta unidade teórica, retoma conceitos apresentados até então e citações de estudiosos da área de design para sintetizar as questões propostas no início dessa apresentação. A ampla experiência de Gilberto Velho na área de antropologia permitiu-lhe produzir um livro, da gama de publicações que produziu, intitulado *Projeto e metamorfose* utilizado nessa unidade como elemento de conexão entre os conceitos apresentados. O livro de Gilberto Velho aborda várias questões relacionadas às sociedades complexas como a existente no Brasil, estruturadas segundo a religião, a política, o desvio, as drogas, a literatura e a violência, a partir de um pensamento crítico que avalia a dinâmica orgânica dos núcleos urbanos e desencadeia reflexões associadas ao futuro.

O plano de contato que tangencia a intercessão entre memória e a análise gráfica do jornal *Posição* ainda não é apresentado nessa unidade e foi acomodado na conclusão dessa pesquisa por ser impossível de ser identificado sem que a análise gráfica seja feita anteriormente.

9. Gilberto Cardoso Alves Velho (1945-2012) foi um antropólogo brasileiro graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ainda na UFRJ tornou-se mestre em Antropologia Social, na Universidade do Texas especializou-se em Antropologia Urbana e das Sociedades Complexas e, pela Universidade de São Paulo tornou-se doutor em Ciências Humanas. Seu envolvimento com a academia perpassa sua atuação como coordenador do PPGAS do Museu Nacional e chefe de Departamento de Antropologia. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia, presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais e vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Foi membro do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e membro do Conselho Federal de Cultura. Desde 2000, é membro titular da Academia Brasileira de Ciências e foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico e com a Comenda da Ordem de Rio Branco.

CAPÍTULO 1

O PASSADO, O PRESENTE E A IMINÊNCIA DA AMNÉSIA

Ao lidar com o passado, o presente e a eminência do esquecimento Maurice Halbwachs (2004), em seu livro *Memória Coletiva*, identificou uma dicotomia no homem. Sobre seu ponto de vista, "o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido social" (p.23) para, inclusive, a constatação da exatidão de fenômenos. Para o autor, a constatação da veracidade de um fenômeno parte da unanimidade no essencial entre o *eu sensível*, uma espécie de "testemunha que vem depor sobre aquilo que viu", e pelo *eu comprobatório*¹⁰ que "talvez tenha visto no passado e, talvez tenha feito uma opinião apoiando-se no depoimento dos outros". Sua linha de pensamento afirma que apelamos ao testemunho do *eu comprobatório* para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras" (p.29). As contribuições do *eu sensível* para a constatação da veracidade dos fenômenos, na colocação de Halbwachs, jamais será autônoma porque nossas lembranças são coletivas, armazenadas na memória através de experiências anteriores "e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivermos envolvidos, e com objetos que só nós vimos" (p.30).

Vilém Flusser (2008) em seu livro, *O mundo codificado*, explica que há um contágio social inerente às ações e devaneios da psique humana mais elementares, fato exemplificado na ideia de que "após aprendermos um código, tendemos a esquecer sua artificialidade: depois que se aprende o código dos gestos, pode-se esquecer que anuir com a cabeça significa aquele 'sim' que se serve desse código" (p.90). A "acumulação de informações", nesse sentido, constrói fundações "cada vez menos prováveis" cuja generalidade dá-se principalmente através de contribuições coletivas (p.93). Nesse sentido há de se imaginar que a carga da memória e da história despejada no fluxo corrente é um acúmulo de sentidos subjetivos sobrepostos. Sobre a subjetividade da memória Halbwachs (2004) afirma que a lembrança, entretanto, mesmo quando localizada no tempo e no espaço, logicamente nunca corresponderá com exatidão ao objeto ou fenômeno lembrado pois, "mesmo sob uma descrição exata", sempre será abstrata e impossível de fazer-se viva (p.31-32). Dessa forma, é possível afirmar certa parcialidade na construção dos argumentos do *eu sensível* e do *eu probatório* a partir da intervenção da cultura na evocação de sentidos.

Vilém Flusser continua discorrendo sobre o que define como *mundo codificado* afirmando que diferentemente do comportamento natural de qualquer animal, o homem parece ser a única espécie interessada em registrar informações a serem acessadas posteriormente. Não se sabe se essa distinção o tornou obstinado por acumular informações com o objetivo de sustentar sua supremacia no mundo natural diante do perigo do esquecimento e consequente retorno à condição primitiva, ou vice-versa. O fato é que desde as primeiras iniciativas voltadas à descrição de fenômenos através de desenhos dotados de uma aura mística registrados nas paredes das cavernas, a maneira como o homem vem se comu-

10. O termo é sugerido por representar o conceito de Maurice Halbwachs de forma mais sucinta.

nicando sofre dramáticas transformações. Especulações a parte, é adequado lembrar a teoria de que as pinturas rupestres, por exemplo, funcionavam como signos representativos de fenômenos naturais que evocavam sua existência no registro, sem o qual cairia no esquecimento ou deixariam de existir. O desenvolvimento da escrita é outra teoria cabível nesse universo. Diz-se que o desenvolvimento da escrita era pressuposto pela criação de símbolos que constituem a abstração de animais e elementos da natureza familiares ao homem na idade pré-histórica que hoje constituem elementos absolutos emancipados em seu significado (desenvolveu-se o desenho das letras). Flusser (2008) afirma que a artificialidade da comunicação humana cria um "mundo de fenômenos significativos" cujo objetivo consiste em "que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada" (p.90). Considerar a ideia de que "o homem se comunica com outros homens por meio de artifícios" (p.89) através de "meios não naturais de comunicação"¹¹ fortalece argumentos para supor um mundo material composto de artefatos com funções comunicacionais no qual a definição do homem como essência, alma ou coisa pensante perde valor dando lugar à ideia de que esse na verdade, é apenas criador de modos de receber informações, armazená-las e emití-las. Essa consideração abre horizontes para contemplar modos de lidar com a memória distantes da pureza "natural" de significados que Flusser garante ser remoto à natureza humana. Essa incapacidade em estimar a "real natureza" das informações adquiridas ao longo da história do homem, surge da sua imersão no mundo de signos e seus significados que já fazem parte do repertório mais elementar da raça humana. Ainda que nos disponhamos à mais engajada busca pela "real natureza" das coisas, cairíamos em outros significados e novamente em um comportamento de interpretação ao invés de explicação (FLUSSER, 2008, p.89). O peso da imersão do homem em um mundo de significados que ele mesmo constrói, molda a forma como ele lida com sua própria história e conseqüentemente torna-se improvável supor ser esta, resguardada de suas influências ou do esquecimento.

A peculiaridade do universo material criado, manuseado e aprimorado pelo homem, proporciona um mundo repletos de códigos capaz de narrar sua história e evocar sentidos. Desse modo, o mundo material secular seria uma justaposição de lembranças alegóricas da história da humanidade acumuladas e não apenas uma narrativa universal linear como configura-se a história. São incontáveis as sobreposições de sentidos concretizadas no universo material coevo que persiste em tornar-se ainda mais complexo. A cada nova forma de comunicação inaugurada o homem imprime no universo material essa transformação, legando à gerações posteriores provas substanciais de seu período histórico que podem funcionar como uma espécie de testemunha ou de um *eu comprobatório*, manejado de duas formas citadas por Halbwachs: a forma parcial individual e a forma imparcial individual.

de um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam a tomar lugar suas lembranças: aqueles que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (HALBWACHS, 2004, p.57).

11. Vilém Flusser argumenta que a própria fala é uma normatização verbal atípica em relação aos demais sons emitidos por outros animais e dessa forma toda atitude comunicacional não é natural.

Tomando a história do homem, a partir do modo antropocentrismo como é particularizada, é possível notar na sua forma de construção essas formas de manejo citadas por Maurice Halbwachs. Assumindo esses dois gêneros de ordenação de lembranças, a não ser que a história fique retida no tempo e seja incapaz de ser evocada, retocada e aplicada sobre o presente, é legítimo reconhecer que a **memória coletiva constrói a história e, a história encoraja o fluxo de memórias em um circuito contínuo** que só acontece graças ao caráter não-natural da comunicação humana que confere ao mundo material, o poder de mediar o passado e o presente para a projeção do futuro. No que concerne às diferenças mais tangíveis entre memória e história, Halbwachs afirma que

a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda, naturalmente seria bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma reduzida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso (HALBWACHS, 2004, p.59).

Andreas Huyssen (2004), é um desses empenhados no tema "memória", que estimam ser tal preocupação superior à mera recordação histórica como muitos ingenuamente acreditam. Metaforicamente, Maurice Halbwachs compara a institucionalização de uma história universal à "um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturas" (p.59). Para Huyssen, todavia, a inquirição e amparo da memória na verdade, prestam-se ao escopo de edificar novos fundamentos, valores e significados para o futuro, com fundamental participação da história. Dessa maneira,

a história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou se quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência (HALBWACHS, 2004, p.71).

Halbwachs (2004) levanta a possibilidade de que se a história não se acomodasse às "séries de datas ou listas de fatos históricos, ela não desempenharia senão um papel bem secundário na fixação de nossas lembranças" (p.61). Em termos gerais, nosso *eu probatório* desenvolve-se a partir da acumulação dos relatos históricos arbitrários dos "sepulcros do tempo" para particularizar a memória individual do *eu sensível*. Juntando testemunhos é possível presumir elementos que não apenas particularizam e localizam nossa própria existência no espaço e tempo, mas também revelam no presente, heranças em formas de códigos capazes de projetar o futuro. Na opinião de Halbwachs, "é esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se a memória" (p.75). Para o autor há uma equivocada localização dos períodos históricos sujeita ao ruído da descontinuidade cronológica através da qual, o passado torna-se intocável.

Considerar o passado como ambiente absolutamente íntegro é declará-lo uma base indestrutível impossível de ser transportada para outro contexto temporal sob qualquer razão que seja. Nesse ponto irrompe o primeiro conflito entre história e memória. Halbwachs logo manifesta-se sobre essa barreira entre a história e a possibilidade de sua evocação no período corrente que, na sua opinião, consiste na descontinuidade temporal que foi conferida à história.

É a mesma sociedade transformada, sem dúvida, por novas experiências, aliviada talvez de preocupações ou preconceitos antigos, enriquecida de elementos mais jovens, adaptada de algum modo porque as circunstâncias mudaram, mas é a mesma (HALBWACHS, 2004, p.74).

O contra-argumento de Halbwachs em relação à ideia de que a história é um ambiente petrificado, consiste na teoria de que o presente está contaminado pelo passado e o passado influenciado por um futuro idealizado (o hoje), configurando uma combinação indissolúvel. Alvejando esse terreno de discussão, é exequível distinguir a história petrificada no passado e a memória irrequieta a partir de um presente que toma a história para se recriar. Halbwachs afirma que a memória é construída no presente e é tão somente através dele que se tem a oportunidade de encontrar as vivências individual e coletiva diárias forjando passados e simulando futuros. Dessa forma, toda vez que tomamos conhecimento de um relato passado, o relacionamos à nossa vivência, tomamos pontos de vista alheios e conhecemos uma de suas características obscuras, estamos "retocando" aquele fato passado em nossa memória com interações do presente, para construirmos perspectivas para o futuro. Maurice Halbwachs conclui então que "a memória coletiva não se confunde com a história" (HALBWACHS, 2009, p.100). Sem dúvida, há uma separação entre o que se lê (sobre gerações passadas, testemunhas e autores) e o que se lembra. No primeiro caso há uma descontinuidade cronológica mediada geralmente através de um suporte independente em sua existência e não-familiar que preenche os vazios da descontinuidade por sua sugerida autonomia. No segundo caso, mais provável e recorrente, há uma continuidade à beira da existência nos elos que o revisionismo pode construir entre tempos diferentes. A história, além de não deixar-se submeter a revisionismos por representar um terreno esquemático autônomo, não prevê a sociedade contemporânea como metamorfose do passado, tal como a memória concebe, e sim como uma consequência. Isso necessariamente impede o reconhecimento instintivo da história através da memória no próprio presente levando à uma contemplação dessas heranças com olhar pós-tumo para um passado estranho, esquemático e não-familiar (HALBWACHS, 2004).

32

Nos dias correntes o resgate e a proteção da memória pública são indicadas por diversos estudiosos e pesquisadores, como uma das preocupações centrais no cenário político e cultural da sociedade contemporânea, em especial as ocidentais. As causas para tal tendência podem estar relacionadas com algumas colocações de Luiz Oliveira no texto *Civilização, crise e mutação*, quando afirma que a sociedade contemporânea experimenta uma crise de "descontinuidade contínua" termo, que em princípio acrescenta uma contradição à discussão até aqui desenvolvida.

É inevitável a partir desse ponto, considerar que essa crise, que Luiz Oliveira também chama de fratura, pode ter íntima relação com uma confusão cronológica da sociedade atual. A memória (continuidade) e a história (descontinuidade) são conceitos que se divergem, na opinião de Halbwachs (2004) impedindo, por exemplo, a existência do termo "memória histórica" (p.84). A fala de Luiz Oliveira agrupa dois termos antagônicos (continuidade e descontinuidade) para anunciar o diagnóstico de que há uma "fratura" cronológica, uma crise temporal, nos fundamentos da sociedade contemporânea que demanda uma cura para seguir seu curso.

CAPÍTULO 2

UMA FRATURA TEMPORAL ENTRE A MODERNIDADE E O PERÍODO CONTEMPORÂNEO

O prenome "contemporâneo" é extensamente usado com o modismo de um termo inédito para referir-se aos dias atuais, contudo comporta-se de semelhante modo à apropriação do vocábulo "modernidade" para alcinhar o início do século XX no Brasil. No Brasil esse período se fez notório por recorrência desse termo que elucida o espírito da época, mas não foi inventado nesse contexto e nem para tal finalidade. A expressão "modernidade" é originária da transição teórica operada por Descartes na ruptura do ensino escolástico medieval e consolidou-se através da Revolução Industrial no mundo, passando a ser comumente proferida no Brasil sob égide de seu desenvolvimento tardio e contingente em relação aos países desenvolvidos. Esse período também condiz com o momento da história nacional em processo de amadurecimento político e o surgimento do Estado Moderno brasileiro, que envolvia um processo de intelectualização através do estabelecimento de normatizações em todas as instâncias sociais para uma civilidade semelhante ao estilo de vida europeu: ser moderno implicava diretamente em ser urbanizado e basear-se na ciência e conhecimento intelectual para alcançar o desenvolvimento.

Porém, não apenas no Brasil, o processo de digestão de acontecimentos do passado para nutrição do presente e crescimento no futuro, mostra-se desafiador considerando as consequências do desenvolvimento moderno para a sociedade contemporânea. É claro que a modernidade trouxe consigo progressos sem os quais o desenvolvimento tecnológico dos dias de hoje seria impossível, porém alguns de seus efeitos colaterais esgotaram os discursos que a alimentava. Os vastos horizontes vislumbrados pelos modernistas que simulavam a iminência de um descortinar de benesses e promessas que frutificariam a partir da modernização ruíram. A maneira com que o Brasil flertava com o autoritarismo e as metanarrativas para desenvolver-se através da dura normatização e regulamentação de comportamentos, rendeu-se às evidências exibidas pelos rastros de fracasso deixados pelos países com os quais tentava assemelhar-se. As "temporalidades diferentes" e as "modernidades em estágios distintos" fizeram brotar a desconfiança de que era necessário algo mais do que "apenas uma atualização de paradigmas ocidentais de modernização". Do germinar dessa nova consciência ensaiam-se novos "discursos de memória" que "surgiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960" estimulados por novas buscas direcionadas a "histórias alternativas e revisionistas" que vieram acompanhadas de sucessivas declarações de fim, não apenas no Brasil, mas no mundo todo (HUYSSSEN, 2004, p.9-10). Helizabeth Torresini afirma que "o sonho da modernidade acabou" de modo democraticamente indefinido.

Para alguns, ele se acabou junto com os anos 60. Depois dos primeiros inventários das cicatrizes do Vietnã, depois da "Primavera de Praga" - já conhecida a amplitude do Gulag e com a memória ainda fresca de "Budapeste 56" - , depois, enfim, dos abalos de "Maio de 68", não haveria mais lugar para ilusões. Entretanto, há quem considere que ele já havia terminado vinte anos antes, em consequência do balanço dos

anos de chumbo, do fascismo, da brutalidade e do horror da Segunda Guerra e de tudo aquilo que pode ser associado ao nome emblemático de "Auschwitz", como resultado do terror suscitado por um desastre sem precedentes: a destruição nuclear. Destruições em massa, destruição de enormes massas de indivíduos capazes de contestar, de refutar e de invadir a ideia de que tudo que é real é racional tudo que é racional é real (TORRESINI, 1998, p.27).

Declarações de Luiz Alberto Oliveria parecem encaixar-se perfeitamente ao conjunto de ensaios de Sérgio Paulo Rouanet intitulados *Mal estar da modernidade*¹², para complementar o que significam as "declarações de fim" citadas por Andreas Huyssen. Ambos autores concordam que o período contemporâneo comporta-se como um eclipse das convicções que vinham norteando o desenvolvimento social do mundo moderno, configurando uma crise.

O artigo *Um olhar sobre o design contemporâneo* publicado no 9º P&D pode agregar valor ao assunto ao reforçar a ilusão em torno da exclusividade da utilização do termo, (no início desse capítulo) para referir-se ao período contemporâneo, de desenvolvimento e consolidação do capitalismo pois, a "contemporaneidade sempre existiu no 'agora' de cada período histórico" e revela-se como uma tendência que salienta os rastros das "inseguranças e incertezas sobre aquilo que lhe foge ao controle" (DUTRA *et al.*, 2010, p.2). Talvez a partir desse fenômeno surja a insistente preocupação do homem em manter-se sempre atualizado de forma que lhe dê a sensação de que, munido de tecnologias de ponta, está em harmonia com seu período, acompanhando o mundo em transformação e protegido da possibilidade de ser antiquado e obsoleto e assim estar fora do seu tempo.

Na contramão das possíveis sugestões em torno desse paradoxo, Andreas Huyssen, com base em estudos de Hermann Lübbe e Odo Marquard, afirma que apesar do vigoroso progresso tecnológico dos últimos anos, existe nos dias atuais uma cultura de "musealização do mundo", em que o hoje é um passado que se manifesta como presente. Exemplificando através da forma como muitos produtos que são expostos em vitrines de lojas, já são apresentados como ultrapassados em relação a um outro modelo existente¹³, que por sua vez não é tão atual quanto o que será lançado na próxima semana, Huyssen afirma que a "velocidade sempre crescente das inovações técnicas, científicas e culturais gera quantidades cada vez maiores de produtos que nascem praticamente obsoletos" (2004, p.27). O fato é que durante o desenvolvimento das sociedades, o homem sempre olhou para a história como a própria significação do mundo, uma forma de leitura de significados e, agora "o significado geral do mundo e da vida em si mudou sob o impacto da revolução na comunicação" (Flusser, 2008, p.127).

O que se observa na apropriação, tanto do termo *modernidade* quanto do termo *contemporaneidade*, é a inclinação incipiente da coletividade em estar em conformidade com as transformações que se processam multilateralmente no mundo. Se a modernidade provoca a demanda por modernizar-se em um processo de retroalimentação, a contemporaneidade recai na necessidade do presentivismo. Dedutivamente, na contemporaneidade é tão perigoso estar assíncrono ao mundo em transformação quanto era na modernidade o obsoleto em comparação aos artefatos de ponta. Como as inseguranças e incertezas

12. *Mal estar da Modernidade* foi publicado em 1993 pela editora Companhia das Letras. Esse conjunto de ensaios se propõe a problematizar os impactos da modernidade no mundo contemporâneo. 13. Uma discussão mais aprofundada sobre o assunto pode ser acompanhada em LIPOVETSKY, Gilles. *et al.*, *Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

apresentam-se semelhantemente circundadas em torno "de um atraso", pode-se afirmar que há uma crise sintomaticamente e prioritariamente temporal agravada pelas sucessivas "declarações de fim", apontadas por Huyssen que, causam fraturas nas construções que vinham sendo arquitetadas para o desenvolvimento das sociedades. O trauma ocasionado pela sensação de incompletude que brota da necessidade de estar adequado ao seu tempo - e entretanto não se sabe que tempo é esse porque suas bases estão fraturadas - faz brotar a necessidade de lidar diferentemente com as formas de cura para essa fratura em relação às formas tradicionais de superação de crise. Nesse sentido Luiz Oliveira afirma que

Podemos tomar como ponto de partida, com vista a elaborar um diagnóstico da contemporaneidade, o esgotamento conceitual da noção de crise. Crise sempre é: crise do que? Trata-se sempre de um fundamento, de algo que está estabelecido, e então nele irrompe uma fissura, uma fratura. Antes apoio sólido, agora o fundamento fraturado se fragiliza, se desestabiliza. O remédio tradicional para tal estado é fazer uma reforma, ou seja, um restauro pelo qual essa fratura é preenchida, o fundamento é reconstituído e assim é reestabelecida a estabilidade necessária a um palco para os acontecimentos do mundo. [...] A sugestão aqui seria elaborar um diagnóstico renovado de nossa época a partir da noção de mutação. A figura da mutação não diz respeito à recuperação de um antigo fundamento fraturado, mas sim a um desvio, associado a uma fundação. Trata-se assim da instituição de um novo fundamento, através de uma operação de fundação, que teria lugar a partir de um desvio, de uma inovação (OLIVEIRA, 2010, p.85-86).

O colapso das ideias modernistas inauguraram sucessivas revisões e avaliações na história da humanidade que comportam-se como uma varredura em busca das causas dessa "fratura", "como se na atualidade experimentássemos uma fratura de tal amplitude, uma descontinuidade de tal abrangência, que acabasse por recobrir o próprio fundamento" (OLIVEIRA, 2010, p.85). Dessa forma não seria exagerado entender a preservação da memória como um remédio para as desilusões modernistas, à medida que transforma, muda, desloca sentidos ao invés de simplesmente "concertá-los". A vergonha relacionada a todos os fracassos da modernidade está exposta nos livros de história, mas a memória poderia ser capaz de parcializá-la.

Andreas Huyssen (2004), sobre esse panorama, confere à essa preocupação uma reação à eminência do esquecimento e considera que "o foco parece ter se deslocado dos futuros presentes para o passados presentes" e que este deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo precisa ser explicado historicamente e fenomenologicamente" (p.9).

Se a consciência temporal da alta modernidade no ocidente procurou garantir o futuro, então pode-se argumentar que a consciência temporal do final do século XX envolve a não menos perigosa tarefa de assumir responsabilidade pelo passado (HUYSSSEN, 2004, p.17-18).

A década de 1980 é apontada por Huyssen como estopim da chamada "cultura da memória" que se propõe a estabelecer valores a serem construídos nesse vão de varredura pelas causas da "fratura". Essa atribuição de valores passa a ser alicerçada em uma cultura de musealização do mundo em que a construção de memoriais, conservação de acervos, promoção de atos públicos de evocação de acontecimentos fatídicos ganham força para a resignificação do presente. Huyssen diz que "não há dúvidas de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo" (HUYSSSEN,

2004, p.15) aproveitando as progressivas manifestações públicas que vem se processando, especialmente a partir de 1980, para explicar sua afirmação:

A ascensão de Hitler ao poder em 1933 e a infame queima de livros, lembrada em 1983; a *Kristallnacht*, o pogrom organizado em 1938 contra os judeus alemães, objeto de uma manifestação pública em 1988; a conferência de Wannsee, de 1942, que iniciou a "Solução Final", lembrada em 1992 com a abertura de um museu na vila de Wannsee onde a conferência tinha sido realizada; a invasão da Normandia em 1944, lembrada com um grande espetáculo realizado pelos aliados, mas sem qualquer presença russa, em 1994; o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, lembrada em 1985 com um emocionado discurso do presidente da Alemanha e, de novo, em 1995 com uma série de eventos internacionais na Europa e no Japão (HUYSSSEN, 2004, p.11).

Estes eventos são apontados por Huyssen como alguns dos elementos de recodificação do passado, estendendo-os para além da referência histórica original e projetando futuros que recuperam-se gradativamente da fratura temporal. Tal recuperação se processa a partir da universalização de valores atribuídos a tais acontecimentos que são promovidos a alegorias, destituídas de sua função como índice para funcionar como ícone, capazes de "particularizar" e "localizar" memórias traumáticas semelhantes e potencialmente icônicas fundamentando os chamados "lugares de memória"¹⁴. Paradoxalmente, o perigo da estratificação de significados e interpretações incide na parcialidade que influencia na curadoria desses novos ícones, perigosamente fabricando passados parciais. É importante considerar a opinião de Halbwachs sobre isso quando afirma que as familiaridades, além de unificarem indivíduos distintos através da intercessão de particularidades reconhecidas entre si, paradoxalmente as enfatizam, reduzindo, conseqüentemente, o que lhe é menos afeito (2004, p.42-51). Esse argumento inspira desconfiança sobre a superestimação de alguns elementos da memória universal em detrimento a outros. Um exemplo disso é que o sucesso mundial do filme de James Cameron, *Titanic* (1997), pode tornar o fato histórico mais lembrado que outros episódios da história mundial, porém isso não o torna mais relevante, de fato, que outros acontecimentos da época. Só é possível superar a acusação de alienação da memória quando toma-se consciência de que "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva" capaz de interferir e sofrer interferências, naturalmente como qualquer evocação do passado.

Andreas Huyssen declara, tomando o exemplo do Holocausto¹⁵, que "seu lugar na reavaliação da modernidade ocidental" não dá conta de todas as suas nuances. "Há também muitas tramas secundárias, que constroem a memória narrativa atual no seu escopo mais amplo", possíveis de serem acrescidas à história através da "difusão das práticas memoralísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e do aumento do número de documentários na televisão". Conseqüentemente, na opinião do autor, "o que aí parece, agora, em grande parte como uma comercialização bem-sucedida da memória

14. A expressão "lugares de memória" foi criada pelo historiador francês Pierre Nora. Convencido de que no tempo em que vivemos os países e os grupos sociais sofreram uma profunda mudança na relação que mantinham tradicionalmente com o passado, Pierre Nora acredita que uma das questões significativas da cultura contemporânea situa-se no entrecruzamento entre o respeito ao passado – seja ele real ou imaginário – e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade; entre a memória e a identidade. Disponível em: <<http://migre.me/dlboxW>>, acessado em 29 de agosto de 2012, às 14h. Link encurtado para fácil acesso. 15. O termo era usado para designar sacrifícios de cunho religioso passando a especificar ao extermínio de milhões de pessoas que faziam parte de grupos politicamente indesejados pelo então regime nazista no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

pela indústria cultural do ocidente [...] assume uma inflexão política mais explícita em outras partes do mundo" (HUYSSSEN, 2004, p.14). A disseminação da internet, produções de documentários, veiculação de informação em diversos meios de comunicação, multiplicam os pontos de vista sobre um mesmo fato, democratizando a forma como a memória se fixa e se difunde. Essa consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação vem respaldar a ideia de que as narrativas homogênicas estão muito mais vulneráveis aos retoques memorialísticos do que em períodos históricos anteriores.

Os críticos da amnésia do capitalismo tardio duvidam que a cultura ocidental da mídia tenha deixado algo parecido com memória "real" ou com um forte sentido de história. Partindo do argumento padrão de Adorno, segundo o qual a mercadorização é o mesmo que esquecimento, eles argumentam que a comercialização de memórias gera apenas amnésia (HUYSSSEN, 2004, p.25).

O próprio autor Andreas Huyssen (2004), entretanto, não lança mão do argumento padrão de Adorno muito bem apresentado por diversos críticos da amnésia do capitalismo tardio, entre eles Walter Benjamin. Huyssen não considera "esse argumento convincente porque ele deixa muita coisa de fora". Na sua opinião "é muito fácil atribuir o dilema em que vivemos a maquinações da indústria cultural e à proliferação de novas mídias" (p.25). Luiz Oliveira (2010) concerne com essa asserção e arrisca uma teoria mais ampla. Sua hipótese parte da modernidade, para declarar que "a produção econômica alcançou tal dimensão que passou a tornar-se condicionante para a continuidade dessa mesma produção" (p.110) e dessa forma, o modelo de produção capitalista recai sobre o cenário capitalista para sua manutenção. Sob essa ótica, há de se supor que não é obrigatoriamente intencional a comercialização de memórias ou da cultura. É muito mais a consequência de uma corrente lógica de ação e reação em que o homem intervêm no meio e o meio intervêm no homem do que apenas um projeto capitalista. Não que a teoria de Adorno esteja incorreta mas ela não atinge o ponto chave da crise temporal experimentada pela sociedade contemporânea. A velocidade de veiculação de informação também é uma das interferências que fragiliza a história e consequentemente a expõe a retoques contínuos através da memória em um fluxo hipermediático. Seria um grande equívoco, entretanto, considerar que esse fenômeno está a mercê do capitalismo cultural porque a própria velocidade de informação e seu efeito multiplicador pelo mundo, capacita àqueles que a acessam a criticá-lo e questioná-lo através do revisionismo e reflexão. No caso do filme *Titanic*, por exemplo, os próprios espectadores disseminaram pela internet uma lista de mais de 242 erros de gravação, dentre eles, muitos associados a incoerências relativas à história verídica.

Vamos então fazer uso de teorias diferentes sobre a crise temporal contemporânea para retomar a discussão anterior à essa discussão em torno da teoria do adorno. A teoria de Luiz Oliveira e tentar vislumbrar alguma clareza que ajude a entender holisticamente essa fratura cronológica já apresentada anteriormente.

Retomar a revolução da comunicação consequente da modernidade, por exemplo, representa considerar implicações muito mais profundas na sociedade contemporânea do que um mero desenvolvimento tecnológico. Halbwachs (2004) diz que "as divisões de tempo, a duração das partes assim fixadas, resultam de convenções e costumes, e porque exprimem também a ordem, inelutável, segundo a qual se sucedem as diversas etapas da vida social" (p.95). A normatização da jornada de trabalho inaugurada pela modernidade

e a conseqüente instituição do *tempo livre*, comprovam tal argumento na medida em que exemplificam que, viver em sociedade enreda a necessidade de ajustar-se a ela em sua organização temporal e à duração de seus procederes: conhecer as convenções das quais são objetos torna-se pressuposição básica para o indivíduo social.

O ponto chave que estabelece o elo entre a musealização do mundo com a teoria de Luiz Oliveira, é tratado por Halbwachs no capítulo três de seu livro: *A memória coletiva e o tempo*. Chegando ao período contemporâneo, notamos uma forma dramaticamente diferente do homem de lidar com o tempo tal qual Halbwachs descreve no contexto de modernidade. Além de toda a problemática em torno da fratura cronológica da sociedade contemporânea, no artigo *Um olhar sobre o design contemporâneo* os autores resumem bem as transformações na veiculação de informação entre a modernidade e a contemporaneidade, que incidem nessa crise.

Na era pós-guerra, as telecomunicações passaram por uma profunda transformação, maximizada por novas tecnologias como os cabos de fibra ótica com poder de transmissão muito maior que sinais analógicos, e por mais de 200 satélites em órbita. O uso de aparelhos celulares e a difusão da internet somam a esses avanços um impacto incrível na veiculação de informação, proporcionando também mudanças sensíveis nas formas de interação. O advento da TV digital, por exemplo, não só permite que o telespectador selecione livremente o que quer assistir, de que forma, quando e de que ângulo, mas também a possibilidade de fazer compras pelo controle remoto diante da TV. Os aparelhos celulares fotografam e filmam com alta resolução, reproduzem músicas, comportam-se como *game boy* e computador de bolso (DUTRA *et al.*, 2010, p.2-3).

Como já foi abordado anteriormente, a transformação que o homem se submeteu em sua forma de comunicar-se, imprimiu no mundo material mudanças significativas que agora, transformam o próprio comportamento humano. O incrível poder de transmissão de informações após a revolução dos meios de comunicação no mundo, é responsável não apenas por conectar pessoas de diferentes procedências e classes sociais, mas também, por individualizar o tempo de cada usuário segundo suas experiências de interação. Com capacidades distintas de veiculação de informação, processamento de dados e execução de ações, os computadores pessoais conectados à internet particularizam o tempo e as ações de seus usuários que podem executar uma mesma tarefa através de meios distintos em prazos diferentes. Esse fenômeno caracteriza um novo desdobramento da fratura da sociedade contemporânea, mas que também está relacionado ao tempo. A modernidade que prevê a unicidade temporal em um contexto social homogêneo ideologicamente, não combina com a pluralidade e a particularização do tempo focado em cada indivíduo social do período contemporâneo. Luiz Oliveira afirma que

assim o problema antecipado por Marx se apresenta: não mais se trata da expansão no espaço, mas da extensão no tempo. O mercado deu a volta ao mundo, os horizontes espaciais foram ultrapassados; agora, os horizontes que importam são da duração: o mercado infinitizado contemporâneo do capital pode perpetuar? É compatível com a continuidade do capital - e com a sustentação da vida? [...] o sistema produtivo expandiu até abranger seu embasamento último, o planeta. Ao agir sobre si mesmo, ao se confundir com seu contexto, o sistema passa a ser condição para o comportamento do sistema (OLIVEIRA, 2010, p.109-110).

Talvez a partir daí tenha germinado a preocupação do mundo em torno de um capitalismo sustentável: as ações do homem capitalista que configuram o contexto capitalista incidindo novamente no homem. Diante desse ciclo cuja preocupação central deslocou-se para a duração e manutenção do capitalismo torna-se redundante apontar um novo sintoma da crise que se estabelece no mundo em relação ao tempo.

Agindo assim, ainda restariam questões que Huyssen levanta sobre esse fenômeno contemporâneo em torno da memória: "Por quê? E especialmente: por que agora? Por que essa obsessão pela memória e por que este medo do esquecimento? Por que estamos construindo museus como se não houvesse amanhã?" (HUYSSSEN, 2004, p.20).

No tocante a esse ponto, uma grave suposição sobre o resgate da memória coletiva pode ser levantada. Já que revisionismos não dão conta de aliviar o pessimismo contemporâneo em relação ao seu passado e às incertezas do futuro, há outras histórias alternativas para aliviar a culpa? Teóricos da revolução dos meios de comunicação acordam com Huyssen ao considerar que "quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltarmos para a memória em busca de conforto" (HUYSSSEN, 2004, p.33).

CAPÍTULO 3

MEMÓRIA, IDENTIDADE E PROJETO

Quando Luiz Oliveira anuncia que o capitalismo atingiu seu diâmetro máximo sobre o mundo material atribuindo valor a cada matéria e ideia existente no globo, respalda a importância do recente desenvolvimento das telecomunicações no processo de quebras de barreiras geográficas, étnicas e religiosas, que em seu ápice, assume o nome de globalização (OLIVEIRA, 2010, p.108-109). Há de se agregar também as ideias de McLuhan¹⁶, cujo pensamento prevê o meio como extensão da identidade humana que nesse contexto, mostra-se mais desinibida e vulnerável à influências multilaterais do tecido social e agora global.

Já foi visto que Vilém Flusser (2008) propõe esse mundo material e global como um conjunto de códigos memorialísticos e identitários disponíveis às preferências do homem para maturação de sua identidade individual e da memória. Nesse caso o novo cidadão globalizado firma-se sobre a liberdade de construir sua identidade de forma híbrida segundo suas adesões, pondo a termo a ideia do pertencimento proibitivo das sociedades tradicionais. Os estímulos externos seriam dessa forma ampliados, confrontados, assimilados e agregados à identidade do sujeito através do contato com o que lhe pode ser potencialmente inerente.

Sem maior envolvimento com a Teoria do Adorno de Walter Benjamin ou qualquer outra teoria em torno do capitalismo, a discussão prossegue retomando a ideia de Luiz Oliveira de que o homem modifica o ambiente e vice-versa alimentando um ciclo contínuo de metamorfose. O distanciamento aqui proposto seleciona a acessibilidade de um mundo conectado globalmente ao invés de discussões em torno de maquinações da indústria capitalista para assegurar a ideia de que

Essa coexistência, mais ou menos tensa, entre diferentes configurações de valores é uma das marcas de vida na sociedade moderna¹⁷ [...] existe um campo de possibilidades que, se não é exclusivo, é bastante típico desta sociedade, aparecendo fortemente solidário com o desenvolvimento de ideologias individualistas (VELHO, 1994, p.98-99).

Essa abertura à coexistência da multiplicidade particulariza a existência individual, constitui uma característica específica desse período contemporâneo em comparação a outros períodos históricos preliminares cuja noção de existência individualmente emancipada já existia porém, era sucumbida pela ênfase que se dava ao indivíduo e sua linhagem.

Obviamente isso não significa que não haja consciência ou percepção do ciclo vital dos indivíduos A e B que nascem, vivem e morrem. Mas a persistência da unidade englobante é permanentemente englobada através de mitos, narrativas que reforçam o pertencimento dos indivíduos biológicos àquelas unidades (VELHO, 1994, p.99).

16. MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 1974. 17. O termo moderno nesse contexto não deve ser confundido com a modernidade tardia de países subdesenvolvidos como o Brasil do século XX e sim como uma expressão genérica que refere-se ao desenvolvimento atrelado à tecnologia.

Tal qual a teoria de Stuart Hall, que afirma que a noção de sujeito soberano¹⁸ nasceu entre os séculos XVI e XVIII representando uma ruptura em relação à noção de identidade biológica antes vigente, teóricos contemporâneos consideram que o sujeito autônomo é a matéria prima da sociedade e da história. Para Hall, o sujeito autônomo é um "ser totalmente centrado em um núcleo interior, dotado de capacidades e razão, de consciência e de ação" ainda que sobre influência de um grupo, ou complexo em sua própria estrutura, permanece sendo indivisível, compacto e irreduzível¹⁹ no tecido social (DUTRA *et al.*, 2010, p.2).

Através desse ponto de vista a identidade coletiva passa a ser fragmentada em identidades individuais, cuja percepção de cada indivíduo torna-se mais importante que a existência associada a famílias, castas, tribos e clãs. Dessa forma "a trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido, mas constituidor da sociedade" (VELHO, 1994, p.100). É essa voz ativa que confere ao indivíduo autônomo, quando inserido em um tecido social, o poder de particularizar um contexto geral a partir de sua ótica e modificá-lo retocando-o. Quando Halbwachs é citado no início dessa unidade apresentando a dicotomia do homem capacitado a lembrar em duas vertentes, o *eu sensível* e o *eu comprobatório*, estabelece uma ponte entre a individualidade e a coletividade através da memória: visitando e revisando o passado, o indivíduo autônomo trás a luz sua contribuição pessoal em relação ao passado coletivamente conhecido modificando-o.

O deslocamento de "futuros-presentes" para "passados-presentes" atribui a essa geração a responsabilidade de construir bases capazes de dissipar o nevoeiro do pessimismo existente entre o presente e o futuro através do projeto. A fratura temporal indicada por Luiz Oliveira no segundo capítulo, cujas razões estão enraizadas em promessas frustradas de completude através da tecnologia dilatada, precisa de uma transformação (mutação, metamorfose) capaz de penetrar no fundamento da sociedade contemporânea agregando novo sentido ao passado e perspectivas para o futuro. Na opinião de Gilberto Velho,

toda a noção de projeto está indissolúvelmente imbricada à ideia de indivíduo-sujeito [...] se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória ou biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e afins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos (VELHO, 1994, p.101).

Diante disso surge o princípio de que projeto é continuidade e, na manutenção da continuidade, ou seja, no ato de projetar, os elos entre passado, presente e futuro se articulam. De forma mais clara Helmut Wagner diz que "a memória, voltada retrospectivamente de forma reflexiva, é suplementada pela antecipação, voltada para frente, prospectivamente" (Wagner, 1983 *apud* VELHO, 1994, p.103).

Esclarecida dessa forma a relação entre memória e projeto cabe agora reforçar que se faz urgente e essencial a preocupação da área do design com a memória por estar diretamente relacionada a projeto. Adrian Forty (2007, p.12) declara que ao design é inerente a "preparação de instruções de bens manufaturados" e dessa fala pode-se concluir o ato de

18. HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 19. Na atualidade, até mesmo no artigo *Um olhar sobre o design contemporâneo*, a noção de identidade admite a ideia de que o homem pode ser fragmentado em partes ainda menores relacionadas às suas escolhas, adesões às ofertas do mundo globalizado configurando nuances de um novo perfil de identidade humana: híbrida, fragmentada e múltipla. Entretanto essa consideração não afeta a ideia de que o homem ainda é considerado partícula elementar do tecido social.

projetar o mundo material unidirecionalmente para o futuro, para o qual, o passado sempre deve ser retomado na busca de base sólida capaz de suportar as projeções da sociedade contemporânea e mapear seus possíveis caminhos. É impossível discutir o design sem projeto e "a consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos" (VELHO, 1994, p.101).

Sem agregar a memória a qualquer projeto de design, ainda citando Forty, haveria uma deficiência que incidiria em reduzir o contexto social a "um ornamento que permite que os objetos sejam vistos como se tivessem uma existência autônoma, na qual tudo, exceto as considerações artísticas, é insignificante". Talvez porque transformações no design "são descritas como se fossem mutações no desenvolvimento de produtos, estágios de uma evolução progressiva na direção de sua forma mais perfeita" mas não passam de reflexos de um contexto social. Os artefatos "não têm vida própria e não há provas da existência de uma lei de seleção natural ou mecânica que os impulse na direção do progresso". O design é determinado pelas pessoas que o consomem, pelas indústrias que o produzem e pelas múltiplas relações nas quais pode ser abarcado (FORTY, 2007, p.13-14). Na habilitação para design gráfico esse caminho que perpassa o passado para construção do conhecimento e prospecção para o futuro não poderia ser trilhado de forma diferente. Sobre isso Rafael Cardoso (1998, p.28) concorda, por exemplo, que "igualmente, qualquer revista nas bancas expressa significados bem mais sofisticados que 'abre-se da direita para a esquerda' ou 'esta manchete reporta-se àquela fotografia'". Obedecendo essa lógica, visitas ao passado de publicações brasileiras estão sendo promovidas com o intuito de resgatar e preservar a memória gráfica. Julieta Sobral é uma pesquisadora qualificada e envolvida nessa ideia afirmando que

ainda não foi devidamente dimensionada a importância da cultura material e da cultura visual para a formação de noções de identidade brasileira e desenvolvimento coletivo; e grande parte dessa deficiência pode ser atribuída ao simples desconhecimento das fontes históricas existentes¹⁸

Para entender a que objetivo esse gênero de pesquisa se presta não será necessário muito devaneio. A ideia de monitorar o comportamento dos elementos gráficos e técnicos de um tipo de publicação ao longo de um determinado período de tempo, busca prever através do registro da frequência de determinados fenômenos, uma espécie de projeto gráfico.

O projeto é um instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo (VELHO, 1994, p.103).

Adentrado na terminologia conceitual da palavra "projeto" e adequando-a à expressão "projeto gráfico", tona-se redundante afirmar que os elementos gráfico de uma publicação podem revelar a forma com que a sociedade de uma determinada época e local se relacionava com seu passado e seu período corrente de forma a traduzir "prospecções para o futuro" porque é a isso que um projeto se presta. O irônico em relação a isso é que as prospecções para o futuro de um determinado período remoto podem ser exatamente

20. (SOBRAL, J. Memória Gráfica Brasileira: Quem somos). Em: <<http://www.memoriagraficabrasileira.org/>> Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

para esse período contemporâneo. Dessa forma, iniciativas relacionadas à pesquisa e preservação da memória gráfica fazem-se urgentes e inadiáveis e o presente trabalho, presta-se ao escopo de contribuir para o autoconhecimento da memória coletiva local e nacional através do retoque que aqui está proposto a fazer.

A escolha do objeto de pesquisa foi pautada primeiramente segundo sua linha editorial diante da possibilidade de que esse poderia manifestar em seus aspectos gráficos e projetuais, características relacionadas ao design particulares desse perfil de publicação. Essa averiguação poderia ser processada relativamente a qualquer outro produto da cultura material mas foi a partir da constatação da existência de um acervo completo e incursão histórica ímpar no estado, que a investigação aqui proposta encontrou motivação. A contribuição para a vistoria e proteção da memória gráfica local através deste projeto é pequena, mas encarrega-se de livrar esse periódico capixaba do anonimato dentro da área de design verificando em que intensidade sua relação estética e projetual se dá com o espírito da época.

UNIDADE 2

METODOLOGIA DE PESQUISA

Na incumbência de favorecer e conservar a memória gráfica do jornal *Posição*, a áxis descritiva desta unidade consiste na síntese da projeção metodológica da análise gráfica adaptada ao caso dessa publicação. O referencial mais próximo que oferece acesso a uma contemplação holística sobre as etapas da análise gráfica, é a pesquisa inaugural do Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica). Credenciado no CNPq em 2009 e vinculado ao curso de Desenho Industrial da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) para instalar-se e promover estudos e análises de impressos antigos com objetivo de identificar o que seria característico da identidade gráfica capixaba.

A pesquisa inaugural referida, analisou graficamente a revista *Vida Capichaba* (1923-1957) e foi construído através do empenho de seus bolsistas²¹, no qual meu nome está arrolado sob orientação da Prof^a. Dr^a. Heliana Pacheco e da Prof^a. Dr^a. Leticia Pedruzzi. Hoje é incontestável que o contato com uma publicação mais antiga que o jornal *Posição*, condensou-se em uma experiência preliminar que legou um certo *know-how* para aperfeiçoamento e produção dentro dessa linha de pesquisa. Por essa razão, a projeção e execução das etapas metodológicas serão articuladas e descritas simultaneamente através de uma só trajetória, interceptada ocasionalmente por observações e comentários baseados em produções científicas e experiências de pesquisa relacionadas à revista *Vida Capichaba* no Nigráfica.

Em minúcias, critérios norteadores destacam-se logo no contato primário com o acervo e são descritos no capítulo **O acervo do jornal Posição** mostrando que o contato com aspectos físicos do impresso por vezes constituiu critérios importantes para projeção das etapas seguintes. O segundo capítulo desta unidade descreve os processos de **registro fotográfico e organização do acervo digitalizado** e o terceiro capítulo adentrará na projeção do instrumento que será utilizado para coleta de dados que passa a ser

21. Juliana Colli, Rayza Paiva e Camila Torres

identificada sobre o nome **ficha de registro de elementos gráficos e técnicos - FREGT**. O capítulo seguinte irá expor a forma como os dados coletados através da ficha de registro serão tabulados de forma a preencher uma **Planilha digital** capaz de mostrar por códigos, o comportamento dos elementos gráficos do jornal através de sua trajetória.

CAPÍTULO 4

O ACERVO DO JORNAL *POSIÇÃO*

Voltando-se para os atributos físicos do objeto a ser analisado com a determinação de conhecê-lo em sua autonomia original, o contato com o objeto de pesquisa foi estabelecido durante visitas ao acervo de exemplares da Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha (BPES), localizada na Enseada do Suá, Vitória-ES. Encadernados em dois volumes (Fig.1) e refilados, os exemplares do jornal *Posição* acondicionados não preservam as dimensões originais denunciando que a maneira como este (e outros materiais impressos de mesma linha editorial) ali conservados, preservam prioritariamente seu conteúdo textual afora sua integridade física enquanto peça gráfica.

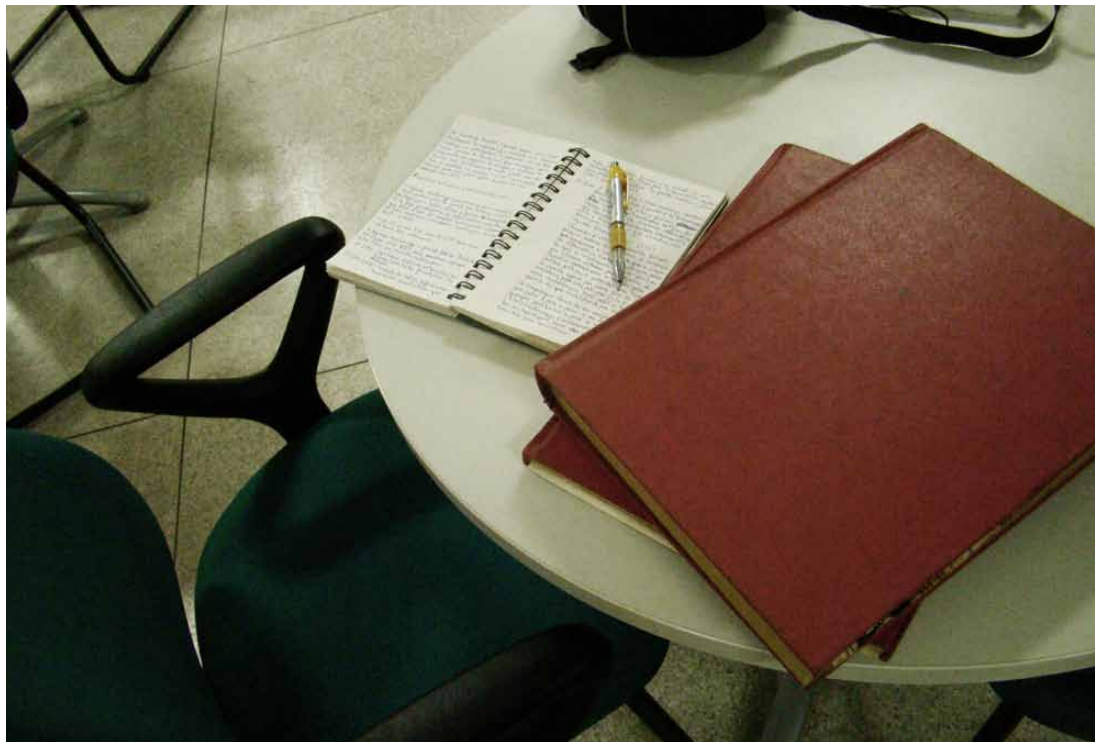


Figura 1: Os dois volumes com todos os exemplares disponíveis no acervo da BPES.

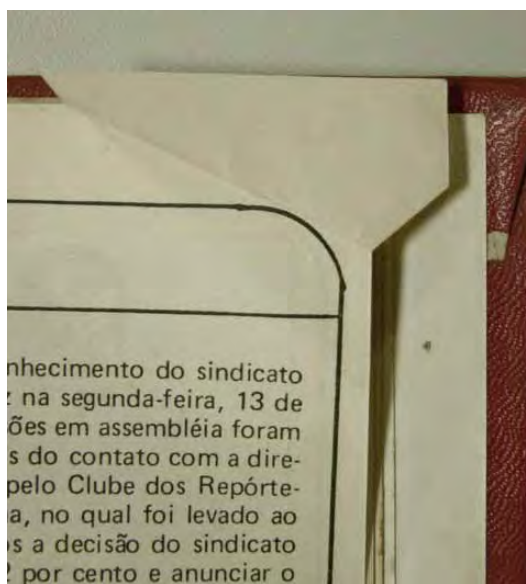
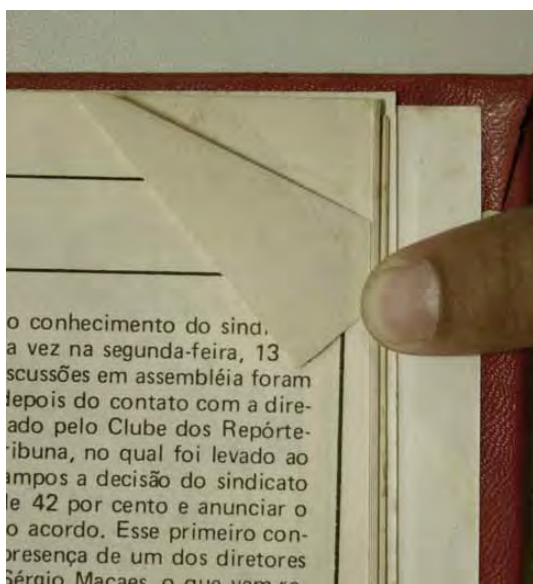
Essa primeira constatação é lastimável pois as dimensões autênticas do impresso, quando preservadas, podem oferecer informações valiosas em relação aos critérios de composição dos elementos que acomodam-se nas páginas.

Casualmente folheando páginas, um detalhe despercebido, fruto do processo de encadernação dos exemplares, fez-se substancial para remediar essa limitação que a preservação focada no conteúdo textual impôs. O acervo contido nos dois cadernos, foi montado através do agrupamento dos exemplares que, quando empilhados não foram cuidadosamente arrumados para o refile. É possível notar algumas dobras nos extremos das páginas em edições esparsas que preservam as medidas originais do impresso mesmo após o refile (Fig.2.1 a 2.3). Para outra finalidade um descuido, neste caso uma sorte. Sob essa

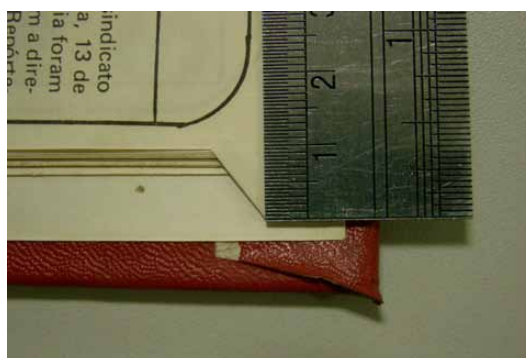
vantagem percebeu-se o formato dos exemplares com dimensões susceptíveis a deduções através da mensuração das orelhas ilesas ao refil.



48



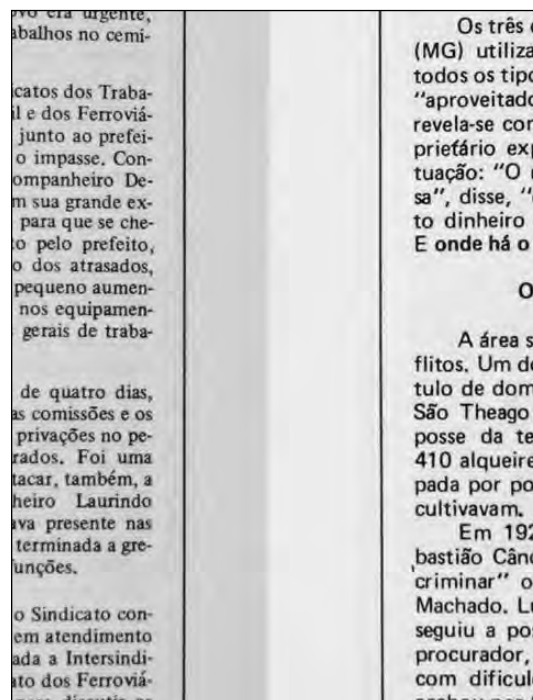
Figuras 2.1, 2.2 e 2.3: Exemplos de dobras que preservaram a medida original do documento após o refil.



Figuras 3.1 e 3.2: Mensuração das dobras que preservaram a medida original do documento após o refil.

A mensuração (Fig.3.1 e 3.2) foi aplicada a edições esparsas dentro das condições já citadas e derivou argumentos para supor as medidas da margem superior, inferior e externa constantes ao longo de toda a trajetória da publicação (hipótese confirmada pela constatação de que as medidas da mancha gráfica também são permanentes). Procedendo assim os valores exatos inferidos das margens, superior (1,6 cm), inferior (1,3 cm) e externa (1,3 cm), são provenientes de edições selecionadas a cada 20 publicações a saber: nº.1, nº.20, nº.40 e nº.60. O valor exato da área total da mancha gráfica de uma página (25 cm x 34,5 cm) é proveniente de edições selecionadas a cada 10 publicações a saber: nº.1, nº.10, nº.20, nº.30, nº.40, nº.50 e nº.60.

Sendo constante a mancha gráfica e o formato do impresso, bastaria apenas uma edição avulsa não encadernada para oferecer a medida da margem interna. O exemplar avulso nº.66, (Fig.4.1) apesar de estar refilado como os outros, não estava encadernado e concedeu a medida derradeira, a da margem interna (1,6cm) que acabou por mostrar um formato de página fechada constante de 27,9cm x 37,4cm, um mini-tablóide (Fig.4.2). Essas descobertas revelaram que as dimensões do formato e da mancha gráfica dos exemplares são as mesmas ao longo da história do jornal, e portanto, não há necessidade de incluí-las como variáveis na FREGT.



Figuras 4.1 e 4.2: Respectivamente à esquerda a imagem da capa da edição nº.66 e à direita detalhe da dobra dessa mesma edição revelando o valor da margem interna.

O exemplar nº.66 representa um caso a parte do acervo do jornal: circulou em 25 de outubro de 1981, cerca de 2 anos após o fim do jornal, numa tentativa de fazê-lo voltar a circular nas mesmas configurações. Nesse caso, o caminho da pesquisa percorre um planejamento de análise gráfica que o exclui cabendo apenas alguns comentários sobre essa edição *sui generis* ao final da análise por um motivo simples: consiste em um caso isolado e pontual.

A análise gráfica desse impresso passa por uma metodologia de pesquisa próxima à de qualquer outra pesquisa das ciências exatas. "Tudo o que tratar, por pouco que seja, de coleta, processamento, interpretação e apresentação de dados pertence ao domínio da Estatística, assim como o planejamento detalhado de que precede todas essas ativida-

des" (FREUND, 2004, p.15). A quantidade de edições disponíveis revelou a existência de um acervo completo com ausência de apenas um exemplar direcionando a análise para o ramo da Estatística Descritiva ao invés da Estatística Inferencial. Todos os exemplares veiculados durante a existência da redação do jornal foram relacionados e podem ser conferidos na tabela que segue abaixo, na qual a única edição ausente é a de nº.10:

Tabela 1: Relação edição x data de veiculação do acervo do jornal *Posição*.

Nº.	DATA	Nº.	DATA	Nº.	DATA
1	29/10/1976	24	17/11/1977	47	1/12/1978
2	2/11/1976	25	3/12/1977	48	16/12/1978
3	3/12/1976	26	17/12/1977	49	5/01/1979
4	17/12/1976	27	3/01/1978	50	24/01/1979
5	3/01/1977	28	17/01/1978	51	9/02/1979
6	21/01/1977	29	1/02/1978	E	23/02/1979
7	7/02/1977	30	21/02/1978	52	16/03/1979
8	6/03/1977	31	7/03/1978	E	11/04/1979
9	24/03/1977	32	22/03/1978	53	4-11/05/1979
10	Ausente	33	8/04/1978	54	12-19/05/1979
11	26/04/1977	34	25/04/1978	55	18-25/05/1979
12	11/05/1977	35	11/05/1978	56	25/05 - 1/06/1979
13	28/05/1977	36	30/05/1978	57	1-8/06/1979
14	Confiscada	37	16/06/1978	58	8-15/06/1979
15	1/07/1977	38	4/07/1978	59	23-29/07/1979
16	15/07/1977	39	20/07/1978	60	1-7/07/1979
17	30/07/1977	40	4/08/1978	61	8-14/07/1979
18	13/08/1977	41	22/08/1978	62	15-21/07/1979
19	27/08/1977	42	6/09/1978	63	22-28/07/1979
20	14/09/1977	43	23/09/1978	64	05-11/08/1979
21	29/09/1977	44	7/10/1978	65	7-14/09/1979
22	13/10/1977	45	29/10/1978	66	29/10/1981
23	29/10/1977	46	15/11/1978		

Além da ausência da edição nº.10, constatou-se que a edição nº.14 só apresenta uma capa, fato corroborado posteriormente pela informação que em sua produção original, realmente foi composta por apenas uma capa e seu verso após a edição ser confiscada pela censura. Outra particularidade do acervo diz respeito à 2 edições especiais intercaladas pela edição nº.52, cujas numerações não se ajustam à contagem regular de edições desde o lançamento do primeiro exemplar.

CAPÍTULO 5

REGISTRO FOTOGRÁFICO E ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DIGITALIZADO

A etapa seguinte ao contato inicial com o acervo, consistiu na fase de registro fotográfico dos exemplares para conservação da fonte primária sem sujeitá-la ao constante manuseio de uma pesquisa. Além disso, através da experiência anterior relacionada à pesquisa da revista *Vida Capichaba*

Percebeu-se que a maneira mais eficiente e prática de registro era fotografar página-a-página todas as revistas (neste caso um jornal) da amostragem para realizar o preenchimento da ficha a posteriori. Com essa modificação, o tempo de coleta em campo foi otimizado e permitiu um maior detalhamento no momento de preenchimento das fichas, que passou a ser realizado em casa ou no laboratório à partir das imagens feitas (DUTRA *et al.*, 2010, p.4, glifo meu).

A câmera utilizada (Fig.5) foi uma câmera digital da SONY de 9.1 MPx com zoom óptico de 15x, instalada em uma mesa para fotografia de impressos e captura de imagens macro (Fig.6) de forma a possibilitar o registro planejado de imagem. Durante o registro a câmera foi configurada em sua resolução máxima aproveitando plenamente a luz natural do dia na varanda da biblioteca e garantindo a máxima fidelidade do registro.



Figura 5: Imagem da câmera SONY utilizada para registro fotográfico das edições do jornal *Posição*.

Apesar desse cuidado, a encadernação dos exemplares e seu tamanho relativamente grande não permitiu o registro fielmente planejado das páginas da publicação suscitando uma deformação côncava junto à lombada dos cadernos e outra convexa próximo às arestas, assim, dentro das limitações impostas por essas condições, foram capturadas as imagens de todas as edições disponíveis.



Figura 6: Imagem da mesa de fotografia para impressos utilizada no processo de registro fotográfico.

A relação das edições do jornal permitiu uma eficiente organização do acervo dos registros fotográficos dos exemplares para posterior facilidade de acesso em ambiente digital (Fig.7). Como as fotografias foram batidas capturando as imagens de páginas faceadas, arquivos que continham a última e a primeira páginas de edições distintas, tiveram que ser separados. Os nomes dos arquivos foram organizados hierarquicamente facilitando o acesso seguindo o modelo utilizado para a pesquisa sobre a revista *Vida Capichaba*, por exemplo, a imagem das páginas 2 e 3 da edição nº.1 de 1976 receberam o seguinte nome: JP_76_01_02_03, onde: JP (Jornal *Posição*); 76 (Ano de publicação); 01 (Número da edição); 02_03 (Páginas).

52

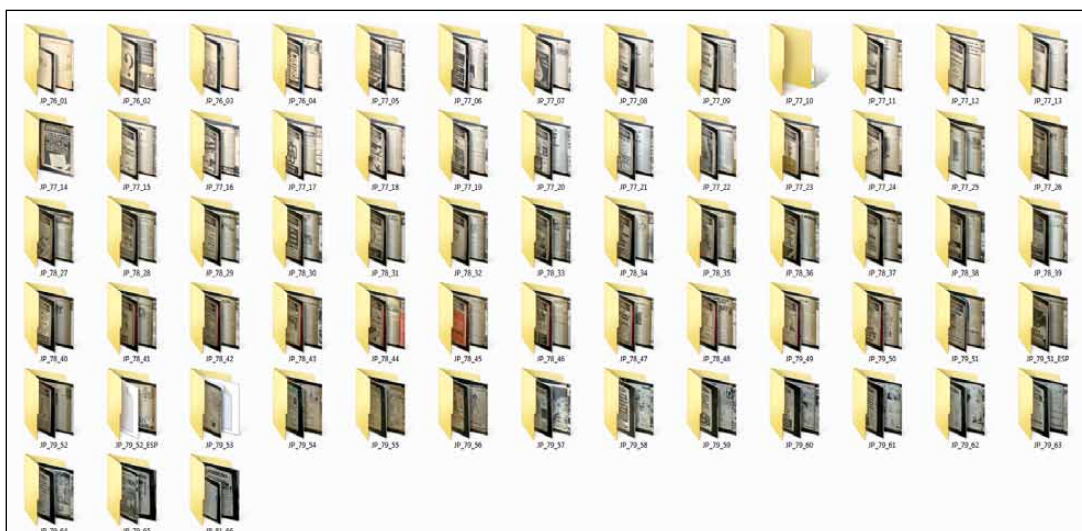


Figura 7: Print Screen do acervo de exemplares do jornal, renomeado e organizado.

CAPÍTULO 6

FICHA DE REGISTRO DOS ELEMENTOS GRÁFICOS E TÉCNICOS (FREGT)

Organizado o acervo e a relação de exemplares do jornal, a etapa de seleção e mapeamento do objeto de estudo está concluída. A etapa seguinte consiste na criação de um instrumento capaz de reunir variáveis para análise gráfica que funcione como registro das principais características gráficas e técnicas do objeto estudado. Referido em diversas outras pesquisas do gênero como *ficha de coleta de dados*, o instrumento que define as variáveis da análise consiste em um questionário que registra e classifica as características do impresso especialmente em itens de múltipla escolha.

A referência utilizada para a construção desse instrumento foi a *ficha de coleta de dados da revista Vida Capichaba* desenvolvida durante minha experiência como bolsista no Nigráfica a partir de 2009. Na opinião do grupo que criou esse instrumento, a “ficha de coleta de dados”, visa agilizar o processo da coleta, arquivar e catalogar a amostragem obtida possibilitando o estudo detalhado dos aspectos gráficos do impresso” (DUTRA *et al.*, 2010, p.3). Esse instrumento materializa a primeira iniciativa no departamento de Desenho Industrial da Ufes aplicada à análise gráfica, norteada principalmente pelas metodologias de trabalho desenvolvidas pelos grupos de pesquisa *Tipografia e Linguagem Gráfica do Centro Universitário Senac* em São Paulo e; pelo *Laboratório Oficina Guaianases de Gravura da Universidade Federal de Pernambuco* em Recife. É importante salientar que a ocasião de sua criação, demandou planejamento e reflexão para que se tornasse um modelo para outras frentes de pesquisa no núcleo (como já vem sendo usado desde então).

O instrumento de registro de variáveis para análise gráfica do jornal *Posição*, recebe a proposta de um novo nome pela consideração de que o termo *ficha de coleta de dados* utilizado em pesquisas anteriores, como na revista *Vida Capichaba*, é genérico e não o localiza como instrumento de pesquisa específico do design. De modo abrangente, em uma pesquisa de análise gráfica, relacionada ao “estudo da identidade gráfica de uma publicação pode envolver, entre outros mecanismos, a discriminação dos seus elementos gráficos, o registro de seus dados técnicos e a captação eficiente de imagens” (DUTRA *et al.*, 2010, p.3). Portanto, similarmente, o termo *ficha de coleta de elementos gráficos*, embora seja um pouco mais específico e usual, também não é capaz de balizar sua função porque as variáveis da análise não surgem exclusivamente dos aspectos gráficos mas também dos aspectos técnicos do material²¹. Também surgiu a necessidade de analisar a substituição do termo *coleta* por *registro* porque o anterior está associado, em princípio, apenas ao ato de colher e arrecadar, enquanto o termo registro associa-se não apenas à reunião de variáveis, mas também à sua autonomia ao patentear-se e legitimar-se através de sua própria qualidade como documento irrevogável. Dessa forma, o nome sugerido para a nomenclatura desse instrumento surge da abreviatura de seu nome real – FREGT: **Ficha de Registro de Elementos Gráficos e Técnicos**.

22. Os aspectos gráficos, como já é de conhecimento da área, abarcam a tipografia, a ilustração, a fotografia, os ornamentos, a mancha gráfica, etc., enquanto os aspectos técnicos são aqueles referentes à produção do material, tais como o expediente da redação, o preço, a estrutura física, o número da edição, a data de veiculação, etc.

A FREGT do jornal *Posição* mostrou-se bastante peculiar em relação a outras versões desse instrumento de registro de variáveis. Primeiramente porque lida com uma fonte primária que compõe uma população e não uma amostragem. Quando a fonte primária é uma população, os caminhos da pesquisa percorrem a descrição precisa e pontual de determinados comportamentos sem as generalizações que brotam a partir da análise de uma amostra. Ao projetar a FREGT priorizou-se portanto, o registro de elementos gráficos e técnicos que permitissem saídas estatísticas mais descritivas evitando, dessa forma, que os registros incorram em um emaranhado de dados *imprecisos* ou *irrelevantes*. Na intenção de filtrar as variáveis que irão compor a FREGT, um dos fatores influentes envolvidos nessa seleção foi o alcance de conhecimento dentro da minha formação sem adentrar nas especificidades de um especialista. Nessa etapa questioneei a eficiência do ato de contar quantas tipografias diferentes para títulos figuram nas páginas do jornal por no mínimo dois motivos simples (e ambos relativos a minha capacidade pessoal de análise): o primeiro deles é que as variações entre tipografias muitas vezes são sutis exigindo uma especialização no assunto ou um método particular de observação e registro para que as informações levantadas não resumam-se apenas à *imprecisão* (dessa forma procedendo, torna-se inevitável prever a complexidade extrema que essa análise envolveria); o segundo deles é a indagação sobre qual resultado deseja-se alcançar na quantificação de tais variações: se meramente for possível, ao fim, chegar à conclusão de que a quantidade de famílias tipográficas é grande e variada, qual a *relevância* científica ou estatística da coleta de tais elementos? Portanto, para essa pesquisa estabeleci dois critérios fundamentais para a seleção de quais variáveis irão integrar a FREGT: *precisão* e *relevância* de acordo com meu conhecimento e formação dentro da área.

Definido o nome do instrumento e seus critérios de seleção das variáveis, a criação da FREGT, como já foi explicado, segue com objetivo de sintetizar os atributos gráficos e técnicos de cada exemplar codificando-os de forma que permitam saídas estatísticas através da frequência de fenômenos. Espera-se com isso que a frequência estatística de determinados fenômenos permitam conhecer aqueles mais recorrentes que configuram um comportamento padrão típico de uma identidade gráfica. Um exemplo desse uso de códigos é a hipótese de criação de um item "Cabeçalho" na FREGT cujas opções ofereçam as alternativas "superior", "inferior" ou "ausente" codificadas pelos números 1, 2 e 3 (como no caso da revista *Vida Capichaba*), para que as estimativas estatísticas sejam favorecidas. Havendo predomínio absoluto da opção 1, será esse o índice de uma regra e as ocorrências das opções 2 e 3 que fogem ao comportamento mais recorrente serão observadas como exceções. Apesar dessa codificação concentrar ainda mais o registro de variáveis no ramo da estatística descritiva, no relato do grupo que analisou a revista *Vida Capichaba* há uma parte que diz que após uma fase de testes com uma ficha exclusivamente quantitativa notou-se que seriam "necessários campos de observação para o relato de hipóteses e outros questionamentos a serem debatidos pelo grupo". Portanto, reservou-se também na FREGT, um campo de preenchimento descritivo cujo espaço é destinado a citar particularidades inusitadas ou observações que não encontram lugar na FREGT para serem registradas, conseqüentemente, constituindo um instrumento de coleta de dados **quantitativos** e **qualitativos** (DUTRA *et al.*, 2010, p.4).

Os critérios para estruturação da FREGT também foram alicerçados na ficha de coleta de dados da revista *Vida Capichaba*, e sua adaptação ao contexto do jornal *Posição* deu-se de forma bastante proveitosa. O diferencial dessa etapa da pesquisa para aquela realizada em 2009 é que ela passa a ser feita em meio digital através de um formulário

online capaz de transpor automaticamente as variáveis registradas para uma planilha digital que funcionará como um inventário dos elementos gráficos e técnicos do jornal posteriormente (Fig.8). Esse recurso é disponibilizado pelo site www.jotformz.com que reúne diversas ferramentas de questionário.

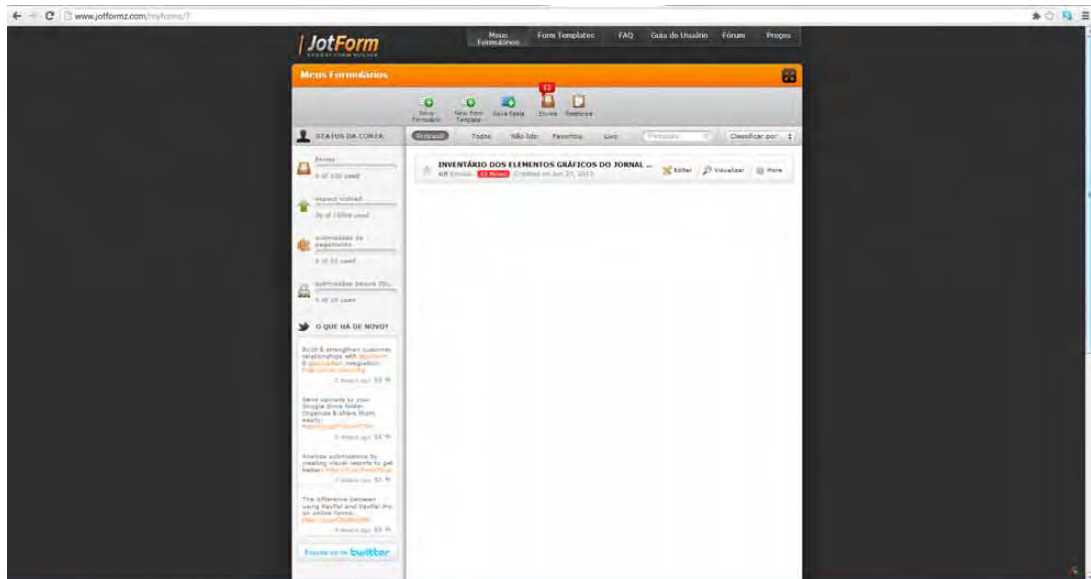


Figura 8: Print Screenshot do site www.jotformz.com.

No caso da revista *Vida Capichaba*, a ficha de coleta de dados foi estruturada em "oito seções, a saber: capa, imagem da capa, *lettering* da capa, ilustrações do miolo, estrutura da edição, mancha gráfica, poesia e vinhetas", e considerando o gênero de objeto analisado, algumas adaptações mostraram-se fundamentais e a partir desse momento passam a ser descritas em tópicos (DUTRA *et al.*, 2010, p.4).

Para a apreciação da ficha de coleta de dados utilizada na pesquisa de 2009 acesse o anexo I no CD-ROM que acompanha este impresso.

6.1 - ELEMENTOS TÉCNICOS

Na ficha de coleta de dados da revista *Vida Capichaba*, especificamente no canto superior direito, há um box para registros de alguns elementos técnicos sobre os exemplares, que não recebe um título específico. Essa parte da ficha é composta pelos campos de preenchimento de nomes *Tema*, *Data*, *Ano*, *Edição*, *Número de páginas*, *Formato*, *Preço*, *Local* e *Redatores*. No caso do jornal *Posição*, essa estrutura precisou ser modificada a começar pelo item *Tema*.²³

Tema, no caso da revista *Vida Capichaba*, corresponde a um campo de preenchimento relacionado a um elemento verbal presente na capa de cada edição da revista, prática usual da época, que para o *Posição*, não se aplica muito bem porque não há necessariamente um tema específico para cada edição do jornal. Esse item foi retirado dessa etapa da FREGT para ser recolocado em outro momento sob o nome de *Manchete* que será explicado mais adiante no tópico sobre a capa. O campo de preenchimento

23. Essa parte da ficha de coleta de dados da revista *Vida Capichaba*, mesmo sendo relativa a aspectos administrativos, política interna da redação e outros aspectos gerais em nada relacionados à análise gráfica, mostrou-se de fundamental importância para considerações históricas relativas à revista. Da mesma forma, esses aspectos foram aproveitados para a inserção histórica do jornal *Posição*.

FICHA DE REGISTRO DOS ELEMENTOS GRÁFICOS E TÉCNICOS DO JORNAL POSIÇÃO

Edição	Data	Preço (Cr\$)	Páginas
<input type="text" value="1"/>	<input type="text" value=""/> <input type="text" value=""/> <input type="text" value=""/>	<input type="text" value="0"/>	<input type="text" value="1"/>
	<small>Dia Mês Ano</small>		

Expediente

Endereço da Redação

- Av. Governador Bley, Edifício Glória, 3º andar, Centro-ES
- R. Santa Cecília, nº7, Centro-ES
- Av. República, nº1, sala 507
- Outro

Gráfica

- Gráfica Providência de N. S. da Conceição (R. Além Paraíba, nº189, Belo Horizonte-MG)
- Gráfica e Editora da Mantiqueira S.A. (Av. Rio Branco, nº2288, 4º andar, Juiz de Fora-MG)
- Artgraf LTDA (Av. Marechal campos, nº380, Vitória-ES)
- Indefinido

Composição

- José Alberto Diniz Andrade (R. Juscelino Barbosa, nº254, Belo Horizonte-MG)
- JADA Composição Eletrônica (R. Juscelino Barbosa, nº254, Belo Horizonte-MG)
- Neo Print (Campus Universitário, Vitória-ES)
- Gráfica e Editora da Mantiqueira S.A. (Av. Rio Branco, nº2288, 4º andar, Juiz de Fora-MG)
- Indefinido

Fotolito

- Indefinido
- Fotolito do Armando (R. Sete de Setembro, nº475 ou Jardim da Penha, Vitória-ES)

Diretor(es)

Redator(es)-chefe

Colaboradores

Conselho editorial

Conselho de redação

Editor gráfico

Montagem

Figura 9: Detalhe do questionário *online* mostrando campos de registro dos elementos técnicos do impresso.

relativo aos *redatores* da revista, no caso do jornal *Posição*, também precisou ser retirado, ampliado e realocado dada sua insuficiência para descrever a gama de profissionais e dados envolvidos na produção da revista. Isso resultou em uma nova seção da FREGT dentro de *Elementos técnicos* que recebeu o nome de *Expediente*, e reuniu campos de preenchimento tais como *Endereço* (ou *Local* no caso da *Vida Capichaba*), *Gráfica*, *Composição* etc. Os itens de preenchimento *Papel* e *Impressão* da ficha de coleta de dados da *Vida Capichaba* não foram aproveitados para esta análise pois o tipo de papel e gramatura são os mesmos durante toda a veiculação do jornal não constituindo variável para análise e a situação se repete no caso da *Impressão* que é *offset*. Consequentemente, o item *Gramatura* foi retirado da FREGT assim como o item *Ano* já que o período de circulação do *Posição* foi de três anos, um espaço de tempo muito reduzido para que esse item constituísse uma variável a ser registrada.

A saber, a nova estrutura de questionário relativo aos elementos técnicos do jornal foi composta pelos campos: *Edição*, *Data*, *Preço*, *Páginas*, e *Expediente* entre os quais este último resume-se a um campo de preenchimento qualitativo que reúne o elenco de colaboradores e funcionários da redação, bem como os meios através dos quais foram produzidas cada edição. Constituindo um desdobramento do campo de preenchimento *Redatores* presente na ficha de coleta de dados da revista *Vida Capichaba*, essa seção na FREGT abarca *Endereço da redação*, *Gráfica*, *Composição*, *fotolito*, *Diretor(es)*, *Redator(es)-chefe*, *Colaboradores*, *Conselho editorial*, *Conselho de redação*, *Editor gráfico* e *Montagem* (Fig.9).

Comparativamente, pode-se afirmar que as diferenças relacionadas à coleta de dados técnicos entre a revista *Vida Capichaba* e o jornal *Posição*, foram dramáticas especialmente devido a divergências de gêneros das publicações e do período histórico. A janela temporal entre essas duas publicações já mostra que o jornal *Posição*, publicação mais recente na história gráfica local, é produto de uma redação mais estruturada e consolidada em termos de articulação e tecnologia.

6.2 - CAPA E DIAGRAMA

A seção *Capa* (Fig.10) da FREGT é estruturada a partir da reunião das seções *Capa*, *Imagem da capa* e *Lettering da capa* da ficha de coleta de dados da *Vida Capichaba*.

De certa forma, pode-se dizer que as capas do jornal *Posição* funcionam como uma espécie de cartaz com predomínio de recursos imagéticos ou tipográficos relativos às manchetes noticiadas em cada edição. Da seção *Capa*, que aparece na ficha de coleta de dados da *Vida Capichaba*, aproveitou-se apenas o campo de preenchimento para registro de sua *Composição*. Ali, o pesquisador registra a porcentagem que o *lettering* com nome da revista, *Cabeçalho* e *Imagem* ocupam na página.

No caso da FREGT, esses registros relativos à composição podem ser encaixados em 4 categorias: *Cabeçalho* (que já inclui o *lettering*/logotipo do jornal), *Elementos Imagéticos*, *Elementos textuais* e *Contragrafismo*. A categoria *Contragrafismo*, foi criada com a intenção de registrar aquelas composições em que há um generoso espaço sem impressão. O método utilizado para estimar que porcentagem do papel cada classe de elementos gráficos ocupa, lançou mão da utilização da sobreposição de um papel milimetrado sobre a imagem fotográfica reproduzida pelo monitor do computador (Fig.11). Isso só foi possível porque durante a fase de registro fotográfico do acervo,

Capa

Composição

- Lettering
- Elementos imagéticos
- Elementos textuais
- Contragrafismo

Total:0 /100

Gênero do(s) elemento(s) imagético(s) da capa

- Fotografia
- Ilustração
- Letra desenhada
- Misto

Cores

- Uma cor
- Duas cores
- Três cores ou mais

Manchete (marque mais de uma opção quando for o caso)

- Política Urbanização/Habitação
- Notícia/Informação Economia
- Trabalhadores Educação
- Saúde Segurança
- Internacional Outros

Tipos de variações tipográficas nas capas

- | | | |
|---------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Srf. light | <input type="checkbox"/> Srf. light cond. | <input type="checkbox"/> Srf. light exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. regular | <input type="checkbox"/> Srf. regular cond. | <input type="checkbox"/> Srf. regular exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. bold | <input type="checkbox"/> Srf. bold cond. | <input type="checkbox"/> Srf. bold exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. itálica | <input type="checkbox"/> Srf. itálica cond. | <input type="checkbox"/> Srf. itálica exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. light | <input type="checkbox"/> Sns. light cond. | <input type="checkbox"/> Sns. light exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. regular | <input type="checkbox"/> Sns. regular cond. | <input type="checkbox"/> Sns. regular exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. bold | <input type="checkbox"/> Sns. bold cond. | <input type="checkbox"/> Sns. bold exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. itálica | <input type="checkbox"/> Sns. itálica cond. | <input type="checkbox"/> Sns. itálica exp. |

Caixa das manchetes

- C.A. C.A.b.
- C.b. Versal

Diagrama

Rodapé

- Número da edição Posição
- Data Página

Ornamentos

- Sim
- Não

Quebra da mancha gráfica

- Sim
- Não

Interação imagem/texto

- Sim
- Não

Frequência de colunas

- 1 3 5
- 2 4 6

Alinhamento do texto

- À esquerda Justificado
- À direita Ao centro

Figura 10: Detalhe do questionário *online* mostrando campos de registro de aspectos da capa e do diagrama.

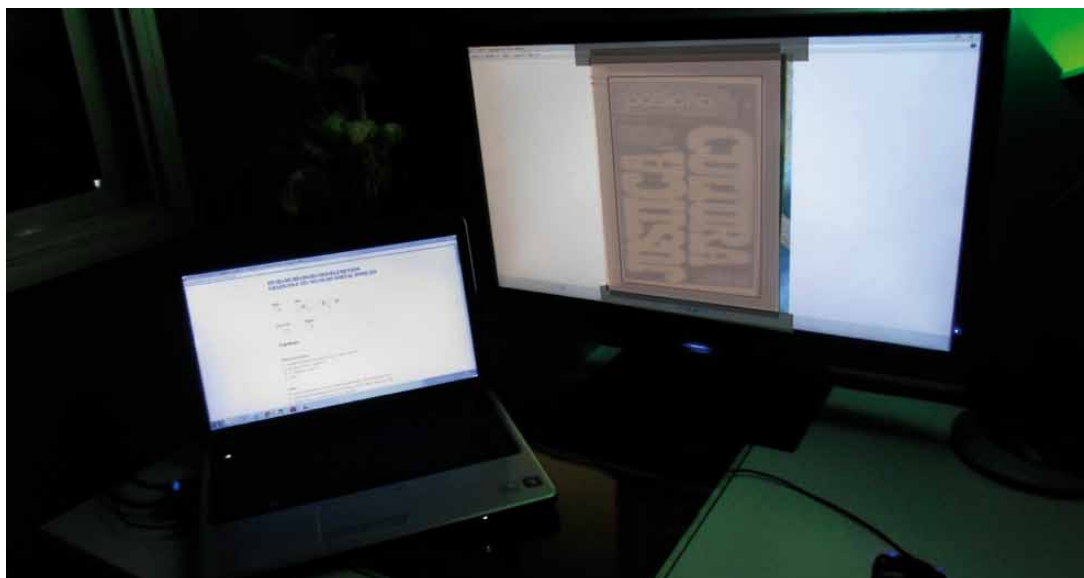


Figura 11: Etapa de registro da composição da capa e preenchimento simultâneo da FREGT.

a câmera esteve fixada à uma mesma altura. Dessa forma, os registros em torno da composição da capa constituíram estimativas percentuais aproximadas em relação à área que cada elemento ocupou na capa.

Os itens de preenchimento *Papel* e *Impressão* da ficha de coleta de dados da *Vida Capichaba* não foram aproveitados para esta análise pelos motivos já explicados anteriormente. Apenas o campo de preenchimento *Cores* permaneceu da seção *Impressão* limitando-se a oferecer as opções *1 cor*, *2 cores* ou *3 cores ou mais*. O *Cabeçalho* ainda é analisado, mas somente sob o parâmetro de sua participação na composição da capa porque sempre aparece na parte superior da página ao contrário da ficha da *Vida Capichaba* que analisava se sua posição era *Superior*, *Inferior* ou estava *Ausente*.

Da seção *Imagem da capa*, aproveitou-se apenas o campo de preenchimento que especifica o gênero de imagem que aparece na capa classificando se é *Fotografia*, *Ilustração*, *Letra desenhada* ou *Misto*. Os campos de preenchimento que analisam a *Tipologia*, *Característica* e *Estilo* não foram aproveitados para esta análise sendo filtrados segundo critérios de *relevância* e *precisão*. Na verdade, o item *Tipologia* juntou-se ao item *Tema* (retirado da seção de registro dos *Elementos técnicos* da FREGT), para formar um novo campo de preenchimento denominado *Manchete*, que registra as principais notícias que figuram nas capas classificando-as dentro das categorias *Política e justiça*, *Trabalhadores*, *Urbanização e habitação*, *Notícia ou informação*, *Segurança*, *Economia*, *Educação*, *Internacional* e *Outros*.

A seção *Lettering da capa* foi descartada mas inspirou a criação de uma seção de registro das características tipográficas dos conteúdos textuais presentes nela mais focada nas variações tipográficas do que tipografias. Dessa forma, além do registro de caixa da letra, também segundo critérios de *precisão* e *relevância*, esta seção reservou-se a registrar a frequência de letras com ou sem serifa e, para cada classificação, registro de frequência de tipografias *light*, *regular*, e *em negrito*, com suas variações em *italico*, *expandidas* ou *condensadas* articuladas sob as mais diversas combinações como demonstrado na Figura 10.

A seção *Diagrama* (Fig.10) foi originada a partir da seção *Mancha gráfica* da ficha da *Vida Capichaba* mas é resultado de uma cisão entre as seções *tipografia* e *grid*. Essa seção da FREGT abarca campos de preenchimento relativos a *Rodapé*, e como sempre está posicionado na parte inferior da página, restaram campos que registram se inclui *data* de veiculação, *título* da publicação, *número* da edição e *página*. Além disso essa seção tam-

Tipografia do miolo

Famílias tipográficas para títulos e subtítulos

1
 2
 3
 4
 5 ou mais

Tipos de variações tipográficas nos títulos

- | | | |
|---------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Srf. light | <input type="checkbox"/> Srf. light cond. | <input type="checkbox"/> Srf. light exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. regular | <input type="checkbox"/> Srf. regular cond. | <input type="checkbox"/> Srf. regular exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. bold | <input type="checkbox"/> Srf. bold cond. | <input type="checkbox"/> Srf. bold exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. itálica | <input type="checkbox"/> Srf. itálica cond. | <input type="checkbox"/> Srf. itálica exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. light | <input type="checkbox"/> Sns. light cond. | <input type="checkbox"/> Sns. light exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. regular | <input type="checkbox"/> Sns. regular cond. | <input type="checkbox"/> Sns. regular exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. bold | <input type="checkbox"/> Sns. bold cond. | <input type="checkbox"/> Sns. bold exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. itálica | <input type="checkbox"/> Sns. itálica cond. | <input type="checkbox"/> Sns. itálica exp. |

Caixa dos títulos

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> C.A. | <input type="checkbox"/> C.A.b. |
| <input type="checkbox"/> C.b. | <input type="checkbox"/> Versal |

Tipos de variações tipográficas nos subtítulos

- | | | |
|---------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Srf. light | <input type="checkbox"/> Srf. light cond. | <input type="checkbox"/> Srf. light exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. regular | <input type="checkbox"/> Srf. regular cond. | <input type="checkbox"/> Srf. regular exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. bold | <input type="checkbox"/> Srf. bold cond. | <input type="checkbox"/> Srf. bold exp. |
| <input type="checkbox"/> Srf. itálica | <input type="checkbox"/> Srf. itálica cond. | <input type="checkbox"/> Srf. itálica exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. light | <input type="checkbox"/> Sns. light cond. | <input type="checkbox"/> Sns. light exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. regular | <input type="checkbox"/> Sns. regular cond. | <input type="checkbox"/> Sns. regular exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. bold | <input type="checkbox"/> Sns. bold cond. | <input type="checkbox"/> Sns. bold exp. |
| <input type="checkbox"/> Sns. itálica | <input type="checkbox"/> Sns. itálica cond. | <input type="checkbox"/> Sns. itálica exp. |

Caixa dos títulos

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> C.A. | <input type="checkbox"/> C.A.b. |
| <input type="checkbox"/> C.b. | <input type="checkbox"/> Versal |

Famílias tipográficas no texto

1
 2
 3 ou mais

Ilustrações, fotografias e publicidades no miolo

Ilustrações

Fotografias

Publicidades

Assinaturas das ilustrações

Particularidades

Figura 12: Detalhe do questionário *online* mostrando campos de registro relacionados a tipografia do miolo, ilustrações, fotografias, publicidades do miolo e particularidades em geral.

bém encarrega-se em registrar a presença ou ausência de *Ornamentos*, *Quebra da mancha gráfica* e *Interação imagem-texto*. Ela ainda registra a *Frequência de colunas* de texto por página através de notação numérica e seus *Alinhamentos* (à direita, à esquerda, ao centro e justificado). Os registros das bitolas das colunas e espaço entre colunas, presentes na ficha de coleta de dados da *Vida Capichaba*, não superaram as etapas de avaliação segundo critérios de *relevância* e *precisão* por grande probabilidade de incidência de erros e baixo aproveitamento para análise gráfica. Porém o corpo do texto será medido separadamente a partir de edições esparças e contantes ao longo da história do jornal.

6.3 - TIPOGRAFIA DO MIOLO

A seção *Tipografia do miolo* (Fig.12), é iniciada com um campo de preenchimento relativo a quantas *famílias tipográficas* são utilizadas para *títulos* e *subtítulos*. A partir de cinco famílias, os registros foram agrupados em uma mesma opção: "5 ou mais". Para essas duas categorias, também são analisados os tipos de variações semelhantemente ao modelo que foi desenvolvido para análise das *tipografias da capa*: além do registro de caixa da letra, tem-se o registro da frequência de letras *com* ou *sem serifa* e, para essas duas opções, o registro de frequência de tipografias *light*, *normais*, e *em negrito*, para então finalmente a notação de quantas são *itálicas*, *expandidas* ou *condensadas*. Essas opções foram combinadas de múltiplas formas tentando prever as mais diferentes articulações entre esses aspectos e configuraram campos de preenchimento plenamente eficientes. Finalizando a seção, há um campo de preenchimento para registro de quantas famílias tipográficas são utilizadas para corpo de texto prevendo pouca variedade.

A ideia central para a formulação dessa seção partiu da intenção de agrupar tipografias segundo características comuns no desenho da letra destacando suas semelhanças ao invés de salientar suas diferenças. Trocando em miúdos, segundo a minha falta de aprofundamento na área de tipografia, contar quantas famílias tipográficas são utilizadas para títulos, subtítulos e texto corrido em cada exemplar, transforma o registro em uma quantificação imprecisa diante das sutilezas entre famílias tipográficas as quais não sou afeito. Muito mais relevante, nesse caso, torna-se saber quantas dessas famílias, tem serifa ou não, e dentro de cada categoria, quantas são *light*, regular ou em negrito e quais suas variações (se são normais, itálicas, condensadas ou expandidas).

6.4 - ILUSTRAÇÕES, FOTOGRAFIAS E PUBLICIDADES NO MIOLO

Nessa seção da FREGT (Fig.12), é quantificado o número de *ilustrações*, *fotografias* e *publicidades* presentes na edição. Um campo de preenchimento qualitativo denominado *Assinaturas*, reserva-se a registrar autorias, quando identificadas, de ilustrações e fotografias.

6.5 - RESULTADOS

A fase de planejamento e estruturação da FREGT teve longa durabilidade e foi minuciosamente executada para que, durante do preenchimento das fichas não houvessem erros. O campo *Particularidades*, ao final da FREGT, foi fundamental para anotação de nuances

dos exemplares que não encontraram lugar no questionário para serem registradas. Dessa forma nenhuma reestruturação na FREGT foi realizada após testes com os três exemplares avulsos, os de nº.1, nº.30 e nº.60 e o modelo completo pode ser visto no anexo II no CD-ROM que acompanha este material. Ao final foram preenchidas 66 FREGT's contendo os dados de cada exemplar do acervo do jornal *Posição*.

CAPÍTULO 7

PLANILHA DIGITAL: UM INVENTÁRIO DOS ELEMENTOS GRÁFICOS E TÉCNICOS (IEGT)

A planilha digital consiste em um suporte que sintetiza os dados registrados através da FREGT em um único documento que funciona como uma espécie de inventário dos elementos gráficos do objeto analisado. Através dele, o monitoramento e manipulação dos índices são realizados com maior facilidade permitindo que sejam elaboradas saídas estatísticas, cálculos e mapeamento dos exemplares para análise.

Após os registros de elementos gráficos e técnicos coletados através da FREGT, o site www.jotform.com realizou automaticamente a transposição de dados para uma planilha digital. Esse processo conhecido como tabulação, segundo as pesquisadoras Marconi e Lakatos²⁴, é parte importante do processo técnico de análise estatística em projetos de pesquisa, pois permite sintetizar os dados de observação conseguidos pelas diferentes categorias e representá-los graficamente expondo valores comparativos entre os dados obtidos e frequência de determinadas ocorrências capazes de gerar uma saída estatística - ou *output*. A planilha eletrônica resultante do registro de variáveis através da FREGT e posterior processo de tabulação de dados, pode exibir tanto o comportamento dos elementos gráficos e projetuais de uma única edição inteira isolada das demais, quanto pode mostrar a incidência de uma única variável em todas as edições. Ao assumir valores numéricos correspondentes a inúmeros atributos e observações registradas, esse tipo de tabulação simplifica a análise gráfica e o processamento de dados. Pode-se tirar médias, frequências, estimar hipóteses, comparações, observar desvios, localizar mais facilmente edições de características específicas, comparar e mapear as evoluções nas técnicas de impressão, etc.

O processo automático de tabulação resultou em uma planilha estruturada horizontalmente onde, em linhas apruma-se cada exemplar e em colunas, os registros das variáveis em uma mesma categoria e poupou parcialmente o preenchimento manual porque ainda assim, o processo de tabulação automática resultou em uma planilha carente de adaptações.

Capa	
Composição	
<input type="text"/>	Lettering
<input type="text"/>	Elementos imagéticos
<input type="text"/>	Elementos textuais
<input type="text"/>	Contra grafismo
Total: 0 / 100	

Figura 13: Campo de preenchimento virtual da seção Capa

24. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Atlas, 2002.

Como exemplo, a seção *Composição da capa* (Fig.13) apresenta campos de preenchimento com variáveis percentuais de 0-100% para cada item. Quando tabuladas para uma planilha digital pelo site www.jotform.com, as variáveis não acomodaram-se devidamente na planilha automática (Fig.14) de forma a permitirem saídas estatísticas. O site www.jotform.com, nesse caso realizou apenas a transcrição descritiva dos campos para a planilha de modo que ela precisou passar por um processo de adaptação (Fig.15).

Composição			
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 28	Elementos textuais = 23	Contra grafismo = 29 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 0	Elementos textuais = 80	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 49	Elementos textuais = 18	Contra grafismo = 13 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 0	Elementos textuais = 80	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 0	Elementos textuais = 80	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 80	Elementos textuais = 0	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 80	Elementos textuais = 0	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 4	Elementos textuais = 72	Contra grafismo = 4 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 0	Elementos textuais = 80	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 0	Elementos textuais = 80	Contra grafismo = 0 Total: 100
Lettering = 20	Elementos imagéticos = 24	Elementos textuais = 56	Contra grafismo = 0 Total: 100

Figura 14: Detalhe da seção *Composição da capa* da planilha digital gerada automaticamente pelo site www.jotform.com a partir da FREGT.

CAPA			
Composição			
Lettering	Texto	Contra grafismo	Imagem
20	23	29	28
20	80	0	0
20	18	13	49
20	80	0	0
20	80	0	0

Figura 15: Detalhe da seção *Composição da capa* da planilha digital após adaptação.

A necessidade de interferência nesse processo de tabulação levou à formatação da planilha de forma a otimizar a exposição dos dados como mostra o resultado final no Anexo III contido no CD-ROM que acompanha este impresso. Logo percebe-se na Fig.15, que também há mudança na cor das células que trazem os nomes das variáveis. A planilha resultante do processo de tabulação automática, é muito limitada e incapaz de ser organizada e bem estruturada hierarquicamente e a atribuição de cores diferentes a cada seção foi uma saída encontrada para compor o IEGT do jornal *Posição* de forma clara e sintetizada. Dessa forma, a seção de *Aspectos técnicos* recebeu a cor azul, a seção da *Capa* recebeu a cor vermelha, e a seção *Miolo*, que engloba as demais seções da FREGT, recebeu a cor verde.

Outro exemplo que esclarece mais a forma como certas adaptações se dera na planilha gerada a partir do site www.jotform.com, diz respeito aos campos de preenchimento relativos às manchetes da capa do jornal. Da mesma forma que o exemplo anterior, os resultados do registro através da FREGT foram transpostos de forma descritiva e em seguida adaptadas para exibição dos resultados em números que registram a frequência de cada tipo de manchete.

As mudanças prosseguem por toda a tabela seguindo o princípio da síntese das variáveis registradas, de forma que descrever cada uma das adaptações seria adentrar em uma complexidade descritiva desnecessária para o propósito desta análise. O que é mais importante que deve ser registrado nesse capítulo é que todos os índices

coletados através da FREGT percorreram a trajetória da lapidação e otimização da exposição de variáveis.

Consequente, duas modificações na planilha tornam-se realmente notáveis para citação aqui. A primeira delas é que o campo de registro de *particularidades* de cada exemplar, presente ao final de cada FREGT que recebeu a cor roxo, originou uma nova aba na planilha (Fig.16) em que poucas alterações foram feitas, preservando o caráter descritivo do registro. Em linhas, as edições aparecem organizadas e uma coluna com nome *Status* foi inserida nessa nova planilha de título *Particularidades* para que durante a análise, fique certificado de que cada observação relativa a cada edição foi vistoriado.

nº	Status	Particularidade
1	ok	ilustração interessante
2	ok	editoria
3	ok	coluna única
4	ok	anúncio, ilustração, foto com texto
5	ok	tipografia título / conselho editorial /
6	ok	capitulares/ Olho com fios / primeiro anúncio do jornal
7	ok	editoria/ olho no texto
8	ok	texto com título serifado / olho / ilustrações
9	ok	tina amado no expediente / carta de despedida de rogerio / montagem / anúncio do jornal
11	ok	página do meio com fonte manuscrita / montagem / editoria na última página
12	ok	A sessão "O olho crítico de Mauricio" dá lugar à "O livro visto por B. Lyra" / ilustração
13	ok	ilustrações / tipografia / nota sobre prisão de correspondente

Figura 16: Detalhe da segunda planilha eletrônica intitulada *Particularidades*.

A outra importante intervenção feita na planilha diz respeito à criação de uma segunda aba na planilha intitulada *Colaboradores* (Fig.17), extraída da seção de elementos técnicos do *expediente* na FREGT. Essa alternativa deu-se a partir da constatação, assim como no exemplo anterior, de que os registros não poderiam deixar de ser descritivos e necessitavam de um espaço mais adequado para acomodação. A diferença do segundo para o primeiro caso é que no segundo, em linhas, aparecem os nomes dos colaboradores e em colunas o número de cada edição, de forma que no cruzamento de ambos há a possibilidade de registro quantitativo através de um índice numérico.

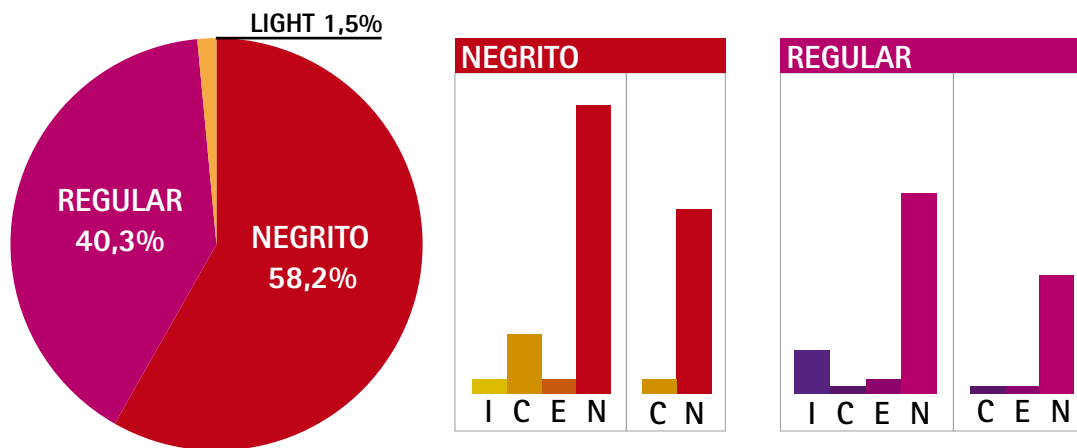
Colaborador	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
J. Carlos Torenzanni																												
A. Otto Fiedler			3																									
Adilson Vilaça				4																								
Alejandro P. Becerra					4																							
Altran Castor																												
Amélia Carolina Gama		1																										
Amylton de Almeida				4																								
Ana Maria Dolmo César																												
Ângelo Zurlo																												
Antônio Carlos Campos	1	2							9	10	11																	
Antônio Carlos Lacerda																												
Antônio Moreira																												25

Figura 17: Detalhe da terceira planilha eletrônica intitulada *Colaboradores*.

Munido dessa planilha composta por três abas originadas a partir da FREGT, as variáveis foram acomodadas, otimizadas e puderam ser utilizadas para a análise que segue na próxima unidade. Para apreciação do Inventário dos Elementos Gráficos e Técnicos Completo, vistorie o anexo III localizado no CD-ROM que acompanha este impresso.

A seguir, um exemplo de gráfico gerado a partir da IEGT, pode exemplificar com eficácia os tipos de saídas obtidos a partir de estimativas estatísticas.

USO DE TIPOGRAFIA NA CAPA DURANTE A 1ª FASE DO POSIÇÃO



USO DE TIPOGRAFIA NA CAPA DURANTE A 1ª FASE DO POSIÇÃO

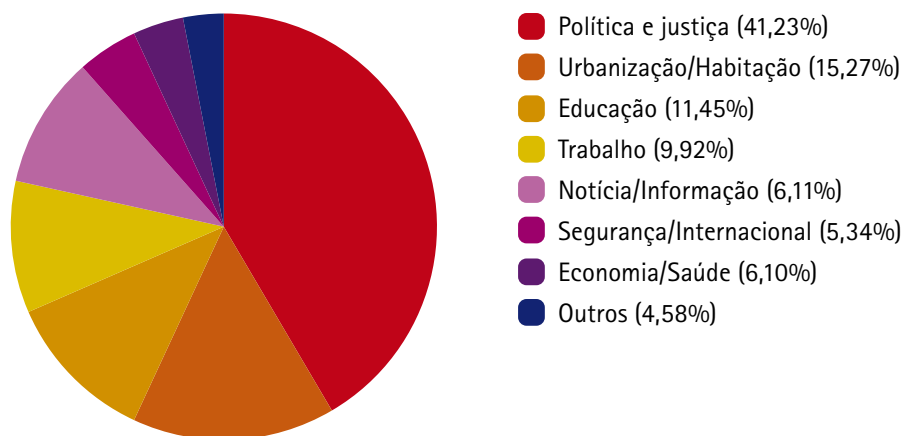


Gráfico 1: Gráficos em pizza obtidos a partir da IEGT, exemplificando o monitoramento estatístico sobre dados registrados através da FREGT.

UNIDADE 3

ANÁLISE GRÁFICA

A análise gráfica descrita nesta unidade foi feita através das imagens fotográficas registradas a partir do acervo e pelo dados registrados na FREGT posteriormente transpostos para IEGT. As saídas estatísticas e observações descritivas costuradas pelo contexto histórico e demais reflexões construídas por diversos pesquisadores que dedicaram-se a registrar suas contribuições em torno dessa publicação serviram de base para a composição dessa unidade.

Em uma esfera maior é de grande contribuição o livro *História do Brasil* (1996) escrito por Boris Fausto²⁵ que aborda a história nacional desde a colonização do território brasileiro à década de 1990. O livro é referência no país especialmente para historiadores e apresenta uma leitura bastante sucinta e elucidativa sobre a história nacional.

Bernardo Kucinski²⁶ presta sua contribuição através de um livro que merece ser averiguado por aqueles interessados na imprensa alternativa brasileira chamado *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa* oferecendo aos leitores um amplo esclarecimento sobre a influência do regime militar sobre a imprensa alternativa brasileira. Outra grande referência surgiu da intenção de formular um inventário das publicações alternativas veiculadas nos anos 1960 a 1980 em todo Brasil, através de uma iniciativa da RIOARTE²⁷ que, em 1992 doou ao Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro uma relação completa²⁸ desses periódicos por iniciativa de Maria Amélia Mello, coordenadora do Cen-

25. Boris Fausto é historiador e cientista político nascido em 1930. Formou-se bacharel em direito pela Faculdade do Largo de São Francisco da Universidade de São Paulo em 1953 e tornou-se mestre em 1967 pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Recentemente passou a compor a Academia Brasileira de Ciências sendo de sua autoria, diversas obras de referência acadêmica relacionadas à política e história do país. 26. Bernardo Kucinski nasceu em São Paulo em 1937, formou-se em física pela Universidade de São Paulo, mas começou sua carreira como redator da revista *Máquinas e Metais* e posteriormente como editor da revista *Vêja*. Participou da criação da revista *Bondinho*, do semanário *Opinião, Movimento e Em Tempo*. Kucinski teve ampla participação como correspondente do Brasil em diversas publicações estrangeiras e é autor dos livros *O que são as Multinacionais*, *Fome de lucros*, *Pau de arara*, *A violência militar no Brasil*, *Ditadura da dívida* e *Abertura, história de uma crise*. 27. Órgão da Secretaria Municipal das Culturas/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro 28. Essa relação é um documento precioso sobre esse período da história gráfica brasileira e pode ser checada através do arquivo em .pdf do *Catálogo da Imprensa Alternativa*. Disponível em: <<http://migre.me/d30NH>>, acesso em 31 de janeiro de 2013 às 13h. Link foi encurtado para fácil acesso.

tro de Cultura Alternativa, criado em 1980, quando era presidente daquela fundação o escritor José Rubem Fonseca.

Sem dúvidas, uma das obras escritas sobre a imprensa alternativa de maior valor para essa unidade é um livro cuja coordenação é de Carlos Azevedo²⁹ sobre o semanário paulistano *Movimento*. A publicação impressiona pelo grau de detalhamento relacionado à memória desse periódico sobre diversos aspectos: político, estético, econômico, jornalístico etc. Ao longo da análise gráfica do *Posição* tornou-se sensível diversas similaridades entre ambos e imediatamente, o jornal paulistano tornou-se parâmetro de comparações. Chama atenção nessa obra coletiva, a disponibilização das 341 edições do semanário organizadas cronologicamente em um cd-rom que também reúne entrevistas, depoimentos, e textos adicionais sobre esse, que mostrou-se bastante similar a seu congênere, o capixaba *Posição*. Dessa constatação surgiu a necessidade de maior esmero na apresentação desse periódico paulistano em um capítulo específico que permeia bem ao meio, no calor da narrativa que conta o contexto onde *Posição* nasceu, apresentando-se decisivamente como parâmetro para a exposição de elos entre ambos.

O jornalista e professor José Martinuzzo³⁰, contribui para essa análise através de duas de suas publicações *Quase 200* (2008) e *Impressões Capixabas* (2005), em que apresenta de forma resumida a trajetória de diversas publicações capixabas (inclusive o jornal *Posição*) particularmente sob a ótica jornalística. Através de seus textos aconteceu o primeiro contato com a tentativa de classificar a trajetória da publicação em fases distintas.

A tese de mestrado de Lino Resende³¹ também foi um achado sobre o tema. *Mídia, ditadura e contra-hegemonia: A ação do jornal Posição no Espírito Santo* é um trabalho de pesquisa importante sobre o *Posição* com abordagem histórica e política que faz refletir a função social do periódico em contexto ditatorial no país. Finalizada em 2005, a tese de Lino Resende adentra em temas relacionados à direitos civis, jornalismo e política reunindo a mais completa coleção de depoimentos de colaboradores e envolvidos na produção do jornal *Posição* enquanto circulou. Sua pesquisa é bastante esclarecedora sobre o tema porém as datas sobre mudanças no expediente da publicação apontadas pelo pesquisador, divergem da fonte primária. Nesse caso, esta pesquisa norteou-se pelo próprio expediente registrado nas imagens coletadas em campo.

29. Carlos Alberto de Azevedo nasceu em 11 de dezembro de 1939, em São Paulo. Jornalista desde 1959, foi repórter em *A Hora*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Diário da Noite*, nas revistas *O Cruzeiro*, *4 Rodas*, *Realidade*, entre outros até 1968. Em seguida, participou do movimento de resistência à ditadura, colaborando em jornais clandestinos como *Libertação* e *Classe Operária* e em livros clandestinos como o *Livro Negro da Ditadura Militar* (1970), *Política de Genocídio contra os índios do Brasil* (1973). Entre 1975 e 1979 foi colaborador do jornal *Movimento*. Fez programas políticos de TV para o PCdoB entre 1989-98. Foi editor-chefe das campanhas de TV de Lula à Presidência da República em 1989 e 1994. Entre outros, escreveu os livros *Do tear ao computador, a luta pela industrialização no Brasil* (três edições, 1986/88/89, com Guerino Zago Jr.) e *Cicatriz de Reportagem* (2007). Participou como editor-chefe da elaboração dos livros *Brasil, Direitos Humanos* (2008); e *Habeas Corpus - que se apresente o corpo* (2010), ambos para a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. O livro *Jornal Movimento: uma reportagem* é seu trabalho mais recente, escrito com a colaboração de outros autores, sob encomenda da Editora Manifesto. Disponível em: <<http://migre.me/d3Jlv>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2013 às 16h. Link encurtado para fácil acesso. 30. José Antônio Martinuzzo é Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1992), tem Mestrado (2003) e Doutorado (2006) em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória. Suas áreas de atuação e pesquisa são: economia política da comunicação; internet, mídias digitais e política; comunicação organizacional; assessoria de imprensa; mídia e sociabilidades; jornalismo, práticas e teorias; livro-reportagem e história da comunicação; psicanálise e comunicação. Disponível em: <<http://migre.me/dpBWF>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2013 às 9h. Link encurtado para fácil acesso. 31. Lino Resende possui graduação em Letras (Português), jornalismo e direito, ambas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especializou-se em Estudos Avançados de Comunicação pela Faculdade Cândido Mendes de Vitória (2003) e tem mestrado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2006). Atualmente é Sócio da RS Comunicação e Professor Assistente da Favi Instituto de Ensino Superior. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Relações Públicas e Propaganda atuando principalmente nos seguintes temas: Autoritarismo, Censura, Censura à imprensa, Ditadura militar, Jornal alternativo e Jornalismo impresso. Disponível em: <<http://migre.me/d04WV>> Acesso em: 27 de janeiro de 2013 às 11h. Link encurtado para fácil acesso.

CAPÍTULO 8

O BERÇO DE UMA ALTERNATIVA

Iniciava-se em 31 de março de 1964, um período na história política do país conhecido como regime militar que estendeu-se até o ano de 1985³². A locação do Brasil no continente latino-americano em contexto de Guerra Fria, forjou discursos para que a ditadura militar alcançasse legitimidade ideológica firmada na teoria de que o comunismo cubano, poderia promover a eclosão de revoluções internas que ameaçariam o sistema político e econômico nacional³³. Para Bernardo Kucinski (1991, p.13), a bandeira fincada sobre a especulação em torno de um golpe comunista no país, caracterizaram as primeiras ações repressivas "muito mais pelo grotesco do que pelo trágico. Os próprios derrotados referiam-se à ditadura como ditamole, enquanto os generais golpistas retroagiam o marco histórico do golpe do risível *primeiro de abril* para 31 de março". Porém, na opinião do Historiador Boris Fausto, gradativamente foi instalando-se no país uma atmosfera de medo pelo poder militar na intenção de ajustar uma espécie de contrarrevolução à ameaça de um comunismo iminente e duvidoso. No cenário internacional o combate ao comunismo foi acenado com aprovação pelos credores europeus (ou Clube de Haia) e pelos Estados Unidos, que através da Aliança para o Progresso³⁴, inaugurada pelo presidente John Kennedy, ajudou o país a estancar provisoriamente o déficit econômico (FAUSTO, 1996, p.440 e 473).

Sob a Presidência inaugural do Regime de Alencar Castelo Branco, o Brasil passou a desenvolver-se sobre a égide dos primeiros Atos Institucionais (AI's)³⁵ que conferiram reforço ao poder executivo e redução do campo de atuação do Congresso sujeitando à condenação de crime contra o Estado e seu patrimônio, aqueles que ameaçassem "a ordem política e social" ou promovessem "atos de guerra revolucionária". Os AI's consistiam em decretos com aparente objetivo de "livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia" sob a justificativa de emanarem "do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções" (FAUSTO, 1996, p.465). Porém notou-se no decorrer dos anos, que as medidas adotadas durante o Regime Militar eram impostas ao Congresso às custas de sacrifícios da classe trabalhadora, "sem que esta tivesse condições de resistir" (FAUSTO, 1996, p.470-471).

Para Kucinski "os jornais alternativos dos anos 70 foram nascendo na forma de gerações superpostas, à medida que iam mudando os imaginários de seus principais protagonistas, basicamente os derrotados de 64" (KUCINSKI, 1991, p.3). O primeiro jornal alternativo sob o nome de *Pif-paf*, foi concebido pelo humorista Millôr Fernandes antes mesmo da deflagração do golpe de 1964 e foi lançado menos de 2 meses após o episó-

32. Pela primeira vez na história do país, os militares assumem o poder através de um golpe de estado determinando um governo autoritário que pôs fim à experiência democrática do período de 1945-1964 no derradeiro governo de João Goulart até a ocasião em que Tancredo Neves é eleito civilmente como presidente da República (FAUSTO, 1996, p.461). 33. Como ideologia socioeconômica oposta ao capitalismo, o comunismo na América representava uma ameaça aos Estados Unidos porque alinhava-se ao socialismo da União Soviética, seu rival durante os anos de Guerra Fria (FAUSTO, 1996, p.439). 34. Uma espécie de política financeira que destinava recursos do cofre americano para impedir o avanço do comunismo na América Latina (FAUSTO, 1996, p.440). 35. Espécie de decretos que mudavam as instituições do país para legitimar a vontade do Regime Militar (FAUSTO, 1996, p.465).

dio, em ocasião que perdia espaço de atuação na grande imprensa. Antes, o nome era utilizado para intitular uma das seções de *O cruzeiro*, que continuou produzindo através de colaboração após sua saída da empresa. Curiosamente, a intensão de Millôr Fernandes não era difundir uma ideologia contra-hegemônica, mas assim foi classificado pelo relatório do exército ao apreender a última edição da história da publicação. A partir daí há um forte engajamento estudantil pelo país que impulsionou a fundação de diversos periódicos alternativos de contestação ao Regime Militar com o perfil de guerrilha dentro do contexto sul-americano (KUCINSKI, 1991, p.17-19).

No Espírito Santo, a política era monopolizada pelo Partido Social Democrático (PSD), domínio que se estendeu por cerca de 50 anos sob o comando da família Lindenberg. A economia estadual era basicamente agrícola com cultivo predominante do café que fazia movimentar a economia local até que, por determinação do governo federal, os cafezais foram erradicados causando um grande colapso econômico local. Foi esse o cenário que o primeiro governador indicado pelo Regime Militar, Christiano Dias Lopes Filho, encontrou para administrar. O êxodo rural e a infraestrutura urbana incipiente exigiram do Regime Militar, planejamento de novas estratégias que promovessem a industrialização através do incentivo ao crédito (RESENDE, 2005, p.74).

O clima de descontentamento e temor em relação ao governo autoritário que fixava-se no país acentuou-se ao longo dos anos proporcionalmente à progressiva convergência de poder nas mãos do Executivo. O poder Legislativo do Congresso, por exemplo, limitou-se apenas ao sacramento da decisão final do Alto Comando das Forças Armadas personificada no poder presidencial (FAUSTO, 1996, p.475). O Estado, através dos Atos Institucionais aumentou tarifas, reduziu salários, aprovou a Lei da Greve (que praticamente a impediu de atuar na legalidade dentro da burocracia necessária), aumentou a arrecadação de impostos, criou o Fundo de Garantia por Tempo de serviço (que pôs termo à estabilidade empregatícia), reduziu o déficit do setor público e diminuiu o crédito privado entre outras medidas arbitrárias mas aparentemente positivas. Essas ações ofereciam bases para a estabilização das finanças da União através da modernização e desenvolvimento capitalista através de um sistema econômico que recaía em si mesmo para "conter a ameaça comunista" entretanto maquiava um desenvolvimento contingente e aparente (FAUSTO, 1996, p.470-471). Na opinião de Boris Fausto, a medida mais importante no campo político foi estabelecida através do AI-2 que extinguiu todos os partidos políticos existentes forçando o enquadramento dos partidários na "Aliança Renovada Nacional (Arena), que agrupava partidários do governo e; no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reunia a oposição" (FAUSTO, 1996, p.474). Sobre a afirmação de que o Brasil estava à iminência constante e progressiva de conspirações comunistas, "desencadearam-se perseguições aos adversários do regime, envolvendo prisões e torturas" (FAUSTO, 1996, p.466-467). Em 1967, antes que Costa e Silva assumisse a presidência do país, uma nova constituição foi imposta ao Congresso, que havia sido fechado desde outubro de 1966 e reconvocado pelo AI-4, com o único propósito de aprovação da nova constituição (FAUSTO, 1996, p.473).

Kucinski (1991, p.37) afirma que entre 1967 e 1968 "desaparecem os alternativos inspirados pelo imaginário de guerrilha. O *Pasquim* só surgiria no final desse período, junho de 1969; passaram-se muitos meses até surgirem os alternativos seguintes". Ainda na opinião do autor, isso revela que o surgimento de jornais alternativos surgem em períodos de exceção, cujo enfrentamento político civil direto não é exequível. Em suas palavras,

Essa alternância entre imprensa alternativa e atividade política direta sugere um modelo funcional da imprensa alternativa no Brasil, muito mais como substituta da ação política, do que como parte dessa ação. Ao contrário, portanto, do que ocorreu na Europa em 1968, quando a busca de formas alternativas de expressão fez parte essencial do processo de contestação política e protestos estudantis (KUCINSKI, 1991, p.37)

Em 25 de junho de 1968 no Rio de Janeiro, setores representativos da sociedade uniram-se aos estudantes como, a Igreja e a classe média urbana, para protestar contra a o autoritarismo do regime militar empenhados "na luta pela redemocratização". O episódio foi acompanhado pela eclosão de diversas greves operárias no país e ficou conhecido como a *Passeata dos cem mil* (FAUSTO, 1996, p.477). O movimento condensou o clima de insatisfação da sociedade civil em um ato público de protesto que manifestava o desejo de mudança.

Através de cada Ato institucional, que culminaram na criação do AI-5 de 1968³⁶, o país viu-se sob a suspensão da Constituição de 1946, a revogação de liberdades individuais, a dissolução do Congresso Brasileiro e a concepção de um código de processo penal militar que autorizava o exército e a polícia militar brasileira a prender e encarcerar "suspeitos" de conspiração contra o governo além de qualquer revisão judicial. O AI-5 foi uma resposta clara à *Passeata dos cem mil* sinalizando a consolidação da ditadura e modificando as condições de exercício do jornalismo crítico na imprensa convencional no Brasil (KUCINSKI, 1991, p.39). Lino Resende afirma que "um contexto do Brasil, quando se fala do Regime de 1964, não estará completo se a censura à imprensa não for abordada". Foi através dela que o governo encontrou meios legais de controlar o conhecimento público em relação ao contexto opressivo da ditadura criando espaço para o surgimento da imprensa alternativa que cumpria o objetivo de denunciá-lo. (RESENDE, 2005, p.65). Citado por Lino Resende, Domingos Freitas Filho escreve em sua tese de doutorado que "Depois do AI-5 (1968) a esquerda no Espírito Santo passou por um largo jejum até voltar a ocupar espaços na imprensa local. O jornal *Posição* passou a ocupar quinzenalmente esse espaço" (FILHO, 1988 *apud* RESENDE, 2005, p.76).

Movimentos de oposição ao Regime Militar começaram a tomar força através de grupos armados urbanos e suas ações espetaculares que, logo declinaram e praticamente foram reduzidos à inexistência a partir do governo do general Emílio Garrastazu Médice em outubro de 1969, mandato que deveria durar até 1974 (FAUSTO, 1996, p.483).

Em sucessão ao governo de Christiano Lopes, Arthur Carlos Gerhardt Santos, indicado por Médice, procurou demonstrar ao governo federal a capacidade do estado capixaba de receber grandes projetos capazes de funcionar como polos de atração para outros investimentos. Ainda nos anos da década de 1960, ambiciosos projetos do gênero já haviam sido iniciados pela Companhia Vale do Rio Doce como a implantação de usinas de pelotização e do Porto de Tubarão. Mesmo assim, o desenvolvimento industrial capixaba ainda permaneceu incipiente até o início da década de 1970 (RESENDE, 2005, p.74-75).

Enquanto o país vivia um dos seus períodos políticos mais tenebrosos, o governo alcançava êxitos na área econômica. [...] Em 1968 e 1969, o país cresceu em ritmo impressionante [...] Começava assim o período do chamado 'milagre econômico' (FAUSTO, 1966, p.482).

36. O AI-5 cancelou todos os mecanismos da Constituição de 1967 que abriam brecha para atuação da oposição passando a atuar na marginalidade (FAUSTO, 1996, p.480).

Nos anos de 1970, a imprensa alternativa articula-se às organizações esquerdistas portando um projeto nacional e atuando dentro de estratégias defensivas possíveis em uma ditadura. "Por outro lado, o impulso decisivo da empreitada alternativa não foi partidário, e sim o jornalístico. E nos grandes momentos de comoção social, a grande imprensa reabre seus espaços críticos. Quando isso acontece, os jornalistas não procuram a alternativa" (KUCINSKI, 1991, p.38). Lino Resende concorda com Bernardo Kucinski afirmando que apesar da crise financeira interna foi especialmente o fim da censura prévia que levou ao fim da circulação de *Posição* em 1979 (RESENDE, 2005, p.145).

No início da década de 1970, os Atos institucionais tornaram-se cada vez mais violentos, a exemplo dos AI-12 e AI-13 que criaram "a pena de banimento do território nacional, aplicável a todo brasileiro que 'se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional'" e a pena de morte. "A pena de morte nunca foi aplicada formalmente, preferindo-se a ela as execuções sumárias ou no correr de torturas, apresentadas como resultantes de choques entre subversivos e as forças da ordem ou como desaparecimentos misteriosos" (FAUSTO, 1996, p.481). Bernardo Kucinski afirma que começa a partir daí

a ser erigido o universo simbólico pós-64 em que a classe operária e intelectuais se tornam iguais na condição de vencidos [...] Começou o tempo de baixa reatividade social frente ao arbítrio, do exílio de mais intelectuais e jornalistas [...] e do nascimento dos primeiros grandes jornais alternativos (KUCINSKI, 1991, p.43).

72

O período que ficou conhecido como "milagre econômico", sob a administração política do general Médice, foi aquecido pela intensa propaganda institucional visando à elevação da aprovação pública e fiscalização da imprensa alternativa para que essa não lhe fizesse frente. Slogans e músicas de apelo cívico como a marchinha *Pra frente Brasil* e a expressão "ninguém segura esse Brasil" eram amplamente difundidas, fixando-se no ambiente coletivo e a intensa campanha publicitária promovida pelo governo através da mídia institucionalizada, criou um clima de desenvolvimento social apesar das crescentes perseguições e torturas a opositores do regime militar. O fato é que havia um clima de despolitização com apogeu na Copa do Mundo de 1970 prolongado até 1974 e tal façanha só foi possível através de uma conveniência bastante peculiar entre grande imprensa (especialmente a TV GLOBO) e governo do general Médice (FAUSTO, 1996, p.484-485). "Frequentemente, os jornais resvalavam para o colaboracionismo veiculando *notícias* plantadas pela polícia sobre *fugas* ou *atropelamento* de presos políticos, indiscriminadamente chamados de *terroristas*" (KUCINSKI, 1991, p.44-45). Porém o Milagre Econômico de Médice, só se configurou através do aumento da dívida externa nacional acumulada através de empréstimos tomados no cenário estrangeiro e políticas de incentivo à importação que aumentavam a dependência brasileira ao cenário internacional. "Outro aspecto negativo do 'milagre' que perdurou depois dele foi a desproporção entre o avanço econômico e o retardamento ou mesmo abandono dos programas sociais do estado" (FAUSTO, 1996, p.487). O aparente desenvolvimento econômico era um contraponto também à violenta perseguição à opositores sob a forma de tortura, desaparecimento e até mesmo, mortes dentro da legalidade. Kucinski (1991, p.46), entretanto, ressalta que "foram criados nesse período cerca de vinte alternativos, entre os quais cinco dos mais duradouros e influentes: *O Pasquim* (1969), *Bondinho* (1970), *Politika* (1971), *Opinião*³⁷ (1972), *Ex* (1973).

37. *Opinião* é um dos periódicos mais anunciados e citados nas edições de *Posição*. Dessa publicação, fundada por egressos da revista *Veja*, surgiu outra publicação alternativa chamada *Movimento*, também amplamente anunciada e citada nas edições de *Posição*.

Não havia, entre esses jornais, divergências táticas ou estratégicas decisivas, até porque não havia definições ou propostas precisas dessa ordem sendo colocadas ou dividindo a sociedade civil. Havia divergências ideológicas, e diferentes alinhamentos, mas os vários grupos e jornais enxergavam-se muito mais como complementares, coadjuvantes de uma mesma frente de resistência, não como competidores (KUCINSKI, 1991, p.47).

Em 1972, mais especificamente em outubro, nasce o semanário *Opinião*, uma das publicações opositoras ao regime de maior importância da época e, mais especificamente em dezembro, a censura prévia tomou uma forma mais brutal de atuação e "achatou padrões estéticos e de linguagem". A imprensa alternativa passou a ser obrigada a remeter suas edições a Brasília antes de serem publicadas, de onde "retornavam em pedaços para serem remontados" enquanto a grande imprensa contou com maior complacência por parte do regime militar (KUCINSKI, 1991, p.54).

Em janeiro de 1974, toma posse da presidência do país o general Ernesto Geisel que, abriu um lento, gradual e inconstante caminho rumo à abertura política. Nas palavras do próprio Geisel "Às vezes, eu chegava à conclusão que era melhor cassar. A cassação tinha suas vantagens, no sentido de arrefecer o ímpeto da oposição (...) e de arrefecer a pressão da área militar"³⁸. Suas intenções comprimiam-se entre a linha-dura do poder militar, o recente fortalecimento da oposição e o desgastante atrito com a igreja católica. As diretrizes que formatavam seu governo abarcavam a combinação entre a repressão e uma relativa abertura democrática que funcionaram bem ao determinar contrapontos para equilíbrio entre as forças partidárias, população e igreja, pelo menos até 1975 (FAUSTO, 1996, p.489-491).

38. D'ARAÚJO, Maria Celina e CASTRO, Celso (Orgs). Ernesto Geisel. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1997, p.391.

MOVIMENTO

ANO - 1 N° 1 Crs 5,00



Central do Brasil, Rio

CENA BRASILEIRA:

SUBURBIO CARIOCA

por Aguinaldo Silva.

ESTÓRIAS BRASILEIRAS:
contos inéditos de

Hermito Borba Filho
Moacyr Scliar

VOCE É A FAVOR DO ACORDO ATÔMICO?

Figura 18: Capa da primeira edição do jornal Movimento veiculada em 7 de julho de 1975.

CAPÍTULO 9

UM MOVIMENTO PAULISTANO INSPIRADOR

Em 1975, a ditadura militar completava 11 anos e no dia 7 de julho chegava às bancas a aguardada edição de estreia do jornal *Movimento*. Os vinte e um mil leitores que compraram a edição inaugural (número divulgado por Carlos Azevedo em seu livro), sabiam que naquele periódico estava o aguardado "retrato de uma batalha, da luta pela liberdade de opinião" (AZEVEDO coord., 2011, p.9). A edição de lançamento (Fig.18) foi pouco divulgada pela grande imprensa e nasceu da costura de fragmentos dos cortes realizados pela censura prévia: "nasceu feio. A capa não convidava o leitor, dava a impressão de que nem fora paginada" (AZEVEDO coord., 2011, p.10).

Poucos tomaram conhecimento das dificuldades envolvidas na produção da primeira edição, que chegou à gráfica com 17 horas de atraso. "O esforço para suprir os 'buracos' da tesoura não foi pequeno; os censores vetaram nada menos que quatro proposta de capas do jornal, além de 18 matérias inteiras, 8 fotografias, 10 ilustrações e 12 charges" (AZEVEDO coord., 2011, p.12).

Movimento nasceu da reunião de egressos da redação do *Opinião* principalmente por divergências sobre a linha editorial do periódico e pelo ideal de efetivar o projeto de "um jornal feito por uma empresa de jornalistas" na empreitada de "não apenas descrever o mundo, mas ajudar a transformá-lo", como está relatado no nº.0 do *Movimento* (edição preliminar de propaganda) (AZEVEDO coord., 2011, p.17).

Kucinski (1991, p.59, 60 e 62) conta, em um panorama mais amplo, que "o protesto de jornalistas, de início tímido e hesitante, explodiu num movimento que envolveu personalidades do centro e até do campo conservador" e considera que esse fato histórico "provocou crises internas agudas em algumas redações, levando à ruptura nas relações de trabalho e ao surgimento de uma nova modalidade de jornais alternativos, de caráter regional" dentro da qual, na opinião do autor, *Posição* se adéqua com "padrão superior de qualidade". Consentindo com a afirmação de Kucinski, concomitantemente na capital espírito-santense, também

por volta de 1975, um pequeno grupo de jornalistas – especialmente o Luzimar, o Bininho (Antonio Carlos Campos), o Ivanzinho, o Joaquim (Nunes), o Rogério Medeiros e eu³⁹ – decidimos que seria oportuna a criação de um jornal de resistência (RESENDE, 2005, p.15).

A audácia do *Movimento* viria a repercutir em todo o país ainda nos meses seguintes desempenhando um papel fundamental e inspirador de resistência que brotava da intenção de circular um periódico comprometido com o jornalismo genuíno sem manipulações tácitas. Logo, o paulistano já tinha sucursais instaladas no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campinas, Salvador, Recife, Belém, Curitiba, Londrina e Porto Alegre, contagiando diversas regiões do Brasil através de seu discurso opositor (AZEVEDO, 2011, p.35-52).

39. Jô Amado em entrevista a Lino Resende.

A morte do jornalista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da Tv Cultura, após o comparecimento ao DOI-CODI de São Paulo por intimação do governo e posterior declaração de falecimento por suicídio, foi um dos fatores históricos sentidos com maior evidência pelos opositores não apenas na capital paulistana mas em todo Brasil. Poucos meses mais tarde, em janeiro de 1976, o metalúrgico Manuel Fiel Filho foi dado como morto nas mesmas circunstâncias e assim, a indignação da sociedade agravou-se por todo país (FAUSTO, 1966, p.491-492). "Era preciso, então, calar a oposição, impedindo-a de mostrar a realidade do país. E é com esse objetivo que o Ministério atua, agindo em outra área sob sua responsabilidade, que é a censura" (RESENDE, 2005, p.56).

O surgimento do *Movimento* e o fortalecimento da linha-dura configuraram contrapontos que exemplificavam toda a tensão política que eclodia no país. Nesse contexto, nasce *Posição*: a voz contra-hegemônica do estado capixaba.

CAPÍTULO 10

ANÁLISE GRÁFICA DO JORNAL *POSIÇÃO*

Uma das explicações possíveis para o surgimento do perfil de publicação alternativa e regional no qual *Posição* se enquadra, pode estar atrelada à crise financeira e política pós milagre econômico de Médice. Bernardo Kucinski explica que "o Milagre havia provocado o maior êxodo da história do Brasil, inchando as regiões metropolitanas. Agravaram-se as condições de moradia e transporte. Proliferaram as favelas e explodiram epidemias" (KUCINSKI, 1991, p.56).

No Estado do Espírito Santo, Élcio Álvares assume ainda em 1975 o governo promovendo obras ambiciosas relacionadas ao desenvolvimento urbano e logística, como por exemplo, o início das obras da Terceira Ponte e da Rodovia do Sol. Havia uma relação colaborativa particularmente diferenciada entre Geisel e o novo governador do estado, o jovem político Élcio Álvares. O próprio Geisel afirma essa relação em depoimento dado ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, que rendeu, por exemplo, a implantação no Estado da Companhia Siderúrgica de Tubarão (SILVA, 2004 *apud* RESENDE, 2005, p.75). Os grandes investimentos no Estado alteraram a imagem econômica e administrativa local mas trouxeram os efeitos colaterais típicos de núcleos urbanos brasileiros que passaram por um processo acelerado de urbanização frente ao desenvolvimento contingente e emergente, acobertados pela grande mídia aliada ao governo. Na opinião de Lino Resende, "o ponto destoante era, exatamente, o jornal *Posição*, que havia nascido já no contexto dos chamados grandes projetos [...] exercendo, sobre seus leitores, um papel de esclarecimento" (RESENDE, 2005, p.75-76).

Nestes anos difíceis, em que o espaço da política e do político se estreitava, é que um grupo de jornalistas decide fundar o jornal *Posição*. Seu objetivo: trabalhar no sentido da mudança, opondo-se ao regime militar e levando a seus leitores uma visão diferente da que oferecia a chamada "grande mídia", controlada por pressões econômicas e pela censura, esta última que também afetou a imprensa alternativa (RESENDE, 2005, p.58).

De forma geral, Lino Resende classifica a história do periódico em cinco fases distintas relacionadas a mudanças na diretoria e redação e, sobre sua dinâmica de funcionamento (RESENDE, 2005, p.77). Já o jornalista José Martinuzzo no livro *Impressões Capixabas*, classifica a história do jornal *Posição* em três fases distintas relacionadas à sua forma de comunicar-se com o público. A primeira seria aquela fase de estruturação inicial do jornal em que temas populares representam o foco do jornal até início de 1977 quando começa uma fase de diversificação dos colaboradores envolvidos na circulação dos periódicos e conseqüentemente seu conteúdo noticioso. A terceira fase seria de decadência do jornal com conteúdos de teor partidário e linguagem mais formal (MARTINUZZO e col., 2005, p.291-296). Entretanto tais classificações não podem ser notadas com clareza nos aspectos gráficos de suas páginas.

Esteticamente o jornal não acompanha as mudanças da redação, direção e administração e concede ao periódico um comportamento bem linear com poucas mudanças gráficas. Propondo uma classificação para a história do jornal *Posição* sob a ótica do design gráfico, é possível considerar duas fases distintas separadas pela edição nº.53 publicada em 4 de maio de 1979, a primeira da história do jornal a ser publicada semanalmente. Tal edição expõe um novo comportamento gráfico que vai se consolidando gradativamente mas ainda reservando-se à sutileza. É claro que durante a história dessa publicação capixaba diversas mudanças são notadas porém, elas se processam de forma esparsa durante sua veiculação não chegando a constituir um conjunto de transformações significativas e determinantes para identificar uma outra fase.

O comportamento gráfico do jornal será mostrado em consonância com os acontecimentos históricos de forma linear ao curso dos anos e ao fim de cada fase, comentários e apanhados gerais serão registrados para delimitar cada uma delas.

A apresentação prévia do jornal *Movimento* não é à toa. Os pontos de contato entre o paulistano *Movimento* e o capixaba *Posição* são tangentes a aspectos relacionados não apenas à linha editorial mas também a um determinado alinhamento estético que será demonstrado nessa análise gráfica do alternativo capixaba. As semelhanças revelaram-se notáveis e acabam mostrando um estilo gráfico identitário intimamente e prioritariamente relacionado ao perfil militante enquanto publicações contestadoras. Essa constatação entretanto foi revelada naturalmente ao fim da vistoria e análise gráfica dos exemplares do acervo do *Posição* e a consequente necessidade de uma aproximação com algum congêneres. Mais do que qualquer outra publicação, o *Movimento* marca maior presença nas páginas do *Posição* e consequentemente essa associação através do papel contestador entre ambas publicações, vez por outra torna-se mais palpável através dos anúncios do seu congêneres *Movimento*, da presença de algumas charges cedidas pelo paulistano como a ilustração cuja assinatura atende pela palavra "Lot" na edição nº.49 e pela cobertura noticiosa aos atentados sofridos pela redação do semanário paulistano etc. Em termos de identidade gráfica, as semelhanças continuam e antes de determinar uma relação pautada na influência ou causa e efeito, torna-se mais interessante apontar uma relação de gênero.

10.1 - PRIMEIRA FASE (OUTUBRO DE 1976 A ABRIL DE 1979)

No dia 29 de outubro de 1976, pela Edições do Leitor LTDA, cuja estância da administração e redação localizava-se na Avenida Governador Bley, edifício Glória, 3º andar, da capital capixaba; chegava às mãos dos leitores um "jornal de jornalistas e não de um industrial, de um empresário" (*Posição*, 29 de outubro de 1976, nº.1, p.2). Aqui é impossível não notar a semelhança no discurso da linha editorial do periódico aos seus semelhantes tais como *Movimento*. As ideias em torno da fundação de um jornal opositor ao regime de exceção vinham amadurecendo desde meados de 1975 e *Posição*

deveria ter circulado, pela primeira vez, no dia 5 de abril de 1976, como anunciava o prospecto elaborado pelos sete componentes do que seria o futuro conselho da redação. [...] POSIÇÃO não circulou na data prevista e o projeto acabou quase desacreditado.[...] Finalmente, seis meses depois, exatamente no dia 29 de outubro de 1976, chegamos às bancas (*Posição*, 16 de setembro de 1978, nº.48, p.2).

Segundo Kucinski (1991, p.4), pode-se afirmar que *Posição* nasce na 4ª categoria de jornalismo em um contexto que "os primeiros presos políticos com penas já cumpridas reintegram-se à vida civil através da imprensa alternativa, os jornais incham e se multiplicam". Continuando, Kucinski explica que a tendência recorrente de publicações pertencentes à 4ª categoria, era a de abordarem questões regionais de onde eram produzidas.

A ideia inicial da criação de um jornal de resistência foi de Jô Amado que encontrou o apoio de Rogério Medeiros, nome conhecido no meio jornalístico da época que garantiu maior facilidade para o lançamento do periódico ao intermediar contato com prefeituras, viabilizando o sustento inicial necessário para circulação dos primeiros números. O único membro do grupo inicial que não era jornalista foi Walter Araújo. Responsável pela administração do jornal, fez o registro da empresa no Cartório de Registro Civil de Vitória no endereço que era seu (RESENDE, 2005, p.15-16).

Tanto críticos quanto as pessoas mais chegadas à nossa redação eram unânimes: 'Não dura nem três edições' diziam os mais otimistas. Foi durando. As dúvidas, as especulações continuando. Nossa linguagem era diferente, atrevida, ousada. Falávamos o que todo mundo sabia - mas não falava - contávamos, em linguagem direta e coloquial, aquilo que as pessoas bem comportadas contavam às mesas dos botecos, nas bocas dos becos - mas ninguém escrevia (*Posição*, 20 de julho de 1978, nº.38, p.9).

Com formato de um mini-tablóide 27,9 x 37,4cm e mancha gráfica de 25 x 34,5cm, as 12 páginas⁴⁰ de papel jornal impressas em *offset* que constituíam os exemplares eram encartadas sem qualquer tipo de cola ou grampo e assim chegavam aos domicílios de capixabas - inicialmente da Grande Vitória e posteriormente de outros 18 municípios - através de um esquema de distribuição rudimentar executado pelos próprios jornalistas. Uma parte restante era destinada à venda nas bancas através da empresa *Copolillo* e, outra, a maior parte dos rendimentos, vendida pelos próprios jornalistas que "contavam, no caso da Universidade Federal do Espírito Santo, com a ajuda de estudantes do Diretório Central, dentre eles o estudante de economia Paulo César Hartung Gomes" (RESENDE, 2005, p.18).

Sob a direção de Rogério Medeiros e Pedro Maia, administração de Walter Pereira, e gerência da redação de Jô Amado, o periódico era composto eletronicamente em Juiz de Fora na Rua Juscelino Barbosa, nº.254 e impresso, com tiragem inicial de três mil exemplares, na Gráfica Providência de N. S. da Conceição localizada na rua Além Paraíba, nº.189, em Belo Horizonte, MG. Os textos eram feitos na redação, enviados para Juiz de Fora para composição, em seguida retornavam à capital capixaba para montagem de onde seguiam para Belo Horizonte para impressão⁴¹.

A capa da primeira edição (Fig.19) do periódico revela um aparecimento tímido manifesto visualmente pelo elevado contraste entre as ínfimas áreas de grafismos e a generosa área de contragrafismos que acaba construindo um vazio amplo na composição. A distribuição dos elementos é modular e parece dividir a capa, afora seu cabeçalho, em duas partes através de uma linha vertical como se tudo fosse cuidadosamente acomodado na página com o cuidado de ainda não atrair tanto o olhar.

Rogério Medeiros, em entrevista a Lino Resende, afirma que o jornal vendia bem e sempre esgotava poucas horas após sua distribuição. Parte do sucesso nas vendas, na

40. Apenas 8 das 65 edições do acervo, apresentam número diferente de páginas constituindo casos particulares. 41. Existe divergência em relação a logística envolvida no processo de impressão. Para esta pesquisa a fonte primária foi tomada como fundamento para afirmações que possam vir a divergir de outras pesquisas.

posição

1

Vitória, 29 de outubro de 1976

UM JORNAL QUE DEPENDE DO LETEUR

Cr\$ 5,00



ESPÍRITO SANTO

AS INVASÕES DE TERRAS,
A LUTA POR CASA PRÓPRIA,
A POLÍTICA HABITACIONAL
E O DESFAVELAMENTO

**BARRA DO RIACHO:
O PESADELO**

**A LIÇÃO DE
PAULO BROSSARD**

Figura 19: Capa da edição de lançamento do jornal Posição de 29 de outubro de 1976.

opinião de Walter Araújo, também em entrevista a Lino Resende, estava associado à posição de referência que o jornal assumira para aqueles que se posicionavam contra o Regime Militar (RESENDE, 2005, p.17-18).

A circulação do periódico era quinzenal especialmente porque a distância entre a redação, a composição e a gráfica ofereceu um empecilho para cobertura noticiosa sincronizada aos fatos, por outro lado relevada diante da melhor oferta de custo para produção do material impresso. Dessa forma as notícias da redação, chefiada por Jô Amado, que chegavam às casas dos leitores tinham no mínimo uma semana de atraso. O jornalista José Martinuzzo e colaboradores, no livro *Impressões Capixabas*, afirmam que apesar do conteúdo retroativo nas edições do jornal *Posição*, o compromisso da direção estava firmado no interesse de oferecer ao leitor uma cobertura alternativa dos acontecimentos no estado em relação à "imprensa tradicionalmente instituída na sociedade e que, ao longo da história, consolidou sua atuação, seu modelo de produção e difusão de informações como modelo convencional de se fazer jornalismo - portanto, um modelo hegemônico" (MARTINUZZO e col., 2005, p.260).

Nas palavras da diretoria no primeiro exemplar entretanto, o fato da circulação ser quinzenal também estava profundamente ligado à concepção de jornalismo que a redação adotara, na missão de ter mais tempo para apurar fatos com maior esmero e separar a publicidade do conteúdo jornalístico.

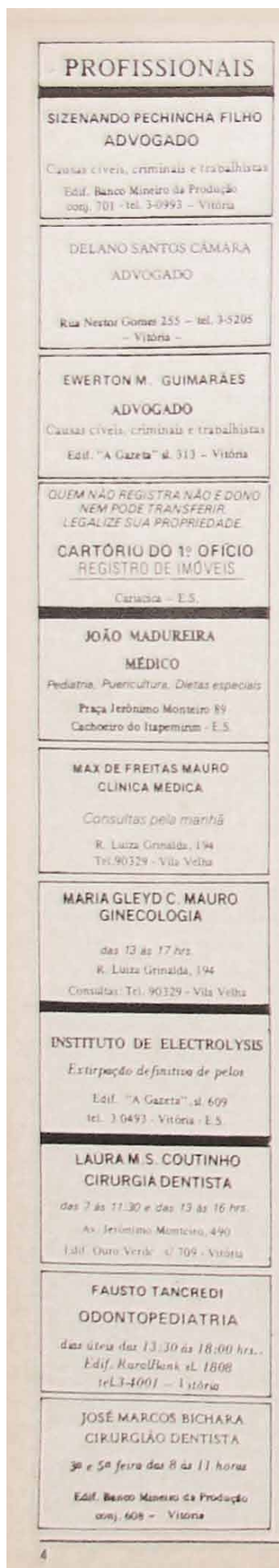
Sobre a relação entre a publicidade e o regime ditatorial, o historiador Lino Resende utiliza argumentos de Anne-Maria Smith⁴² para explicar que o mais curioso em relação à imprensa brasileira nesse período, era o poder do estado capaz de boicotar periódicos através de pressão sobre anunciantes. Dessa forma, era evidente o acordo entre os grandes meios de comunicação e o governo para maquiagem de escândalos políticos do regime ditatorial.

O padrão internacional era de 50% das receitas vindas da venda dos exemplares e os outros 50% de publicidade. No caso brasileiro, a publicidade era responsável por dois terços da receita das empresas jornalísticas e, em alguns casos, chegava próximo a 80% de todo o faturamento (RESENDE, 2005, p.72).

Para os jornalistas que formulavam o jornal, da contaminação da notícia com a publicidade e sob a limitação da falta de tempo, resultava uma mistura desagradável que degradava a profissão sob a forma de fabricação de "boletins previamente fabricados pelas grandes empresas, pelas autoridades ou pelas autarquias com o objetivo de serem 'a notícia'". Ademais, o prazo minguido para a manutenção de uma publicação diária ou semanal, poderia expor a publicação à intervenções de fontes em "off" ocasionando a baixa credibilidade da informação especialmente sob o controle rígido da censura (*Posição*, 29 de outubro de 1976, nº.1, p.2). Isso justifica o fato de que a parte esmagadora da publicidade do *Posição* eram relativas a serviços de profissionais liberais terceirizados.

A economia de recursos financeiros e o engajamento associado à fidelidade jornalística entretanto, não eram as principais razões pelas quais o periódico era composto, impresso fora do estado e conseqüentemente veiculado semanalmente. Posteriormente, a própria redação do jornal revela aos leitores a razão genuína desse fato: "Fomos obrigados a fazer o nosso jornal todo (composição, fotolito e impressão) em outro estado: foi essa a forma pela qual a censura nos atingiu mais duramente". (*Posição*, 20 de julho

42. SMITH, Anne-Maria. Um acordo forçado. O consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro, Editora FGB, 1997, p.45, p.57.



de 1978, nº.38, p.9). Entretanto a confiabilidade dessa informação pode ser colocada à disposição do revisionismo quando no primeiro número o *Fotolito do Armando* (Rua Sete de Setembro, 475, Vitória-ES, posteriormente instalado em Jardim da Penha), aparece no expediente como estabelecimento responsável pela confecção do fotolito e reaparece a partir da edição de nº.47. É possível que nesse intervalo os fotolitos tenham sido feitos na cidade de Vitória e o fato pode ter sido ocultado no expediente por motivos desconhecidos.

Para José Martinuzzo e colaboradores, este gênero de publicação emerge "particularmente em regimes de exceção e cassação de direitos civis" (MARTINUZZO e col., 2005, p.266). Dedutivamente, o jornal alternativo e declaradamentepositor fortalecia-se combatendo aquilo que constituía base para sua nutrição: a censura. Era a censura e a repressão que projetavam o jornal ao conhecimento público por razões simples: "aquele que não publica determinada notícia é porque tem alguma coisa a ganhar não a publicando; nós a publicávamos porque não tínhamos nada a perder publicando-a" (*Posição*, 20 de julho de 1978, nº.39, p.9).

Ainda sobre a contaminação do jornalismo com a publicidade, após a veiculação do 1º e do 2º exemplar, o jornal experimentou um momento de crescimento vigoroso no número de anúncios presentes nas edições: o número logo saltou para a casa dos 20 e dos 30 anúncios a partir da quinta edição, porém não chegou a representar uma contradição na política da redação do jornal *Posição*. Na edição nº.4, esse crescimento se consolidou graficamente formando a seção "Profissionais" (Fig.20), estruturada em uma única coluna lateral e externa que aparece geralmente nas páginas 4 e 5 do jornal.

A seção voltada a profissionais não existia no periódico paulistano, mas o perfil de publicidade institucional é bem semelhante. Os rendimentos da redação do *Movimento* apoiavam-se na contribuição de alguns colaboradores, anúncios institucionais e outros recursos tais como palestras pelo país que aumentavam a popularidade e as vendas da publicação. Mesmo assim eram seculares os momentos de crise financeira, prejuízos com a atuação da censura proporcionalmente ao porte dessa publicação paulistana que lograva alta popularidade em todo o país (AZEVEDO coord., 2011, p.175-178)

Figura 20: O padrão gráfico adotado pela seção "Profissionais".

Além da seção "Profissionais" (responsável pelo maior número de anúncios), o restante das publicidades circularam nas edições do jornal assumindo um layout basicamente tipográfico (Fig.21.1 a 21.6) reduzindo quase à inexistência anúncios com desenhos ou fotografias. Geralmente os serviços/ produtos anunciados estão relacionados à educação e capacitação profissional, prefeituras, outras publicações similares, estabelecimentos diversos.

Ainda sobre o caráter alternativo do capixaba, o livro *Impressões Capixabas* diz que para ser classificado como alternativo, o jornal *Posição* precisa ser estimado como um meio de comunicação sem os fins lucrativos de causas empresariais e seguir "diametralmente o sentido oposto à grande imprensa" (MARTINUZZO e col., 2005, p.266).

Os rendimentos do jornal garantiam que esse conseguisse honrar compromissos fundamentais para que o periódico continuasse circulando. A forma que o jornal encontrou para que isso se mantivesse foi a propaganda no próprio periódico (Fig.22.1 a 22.5) "com pou-

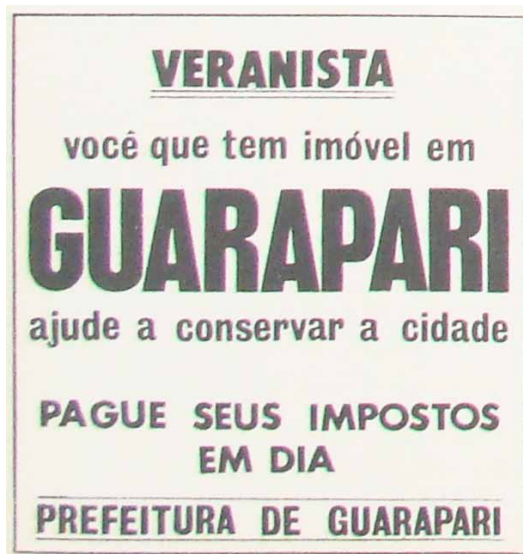


Figura 21.1: Anúncio da prefeitura de Guarapari.



Figura 21.3: Anúncio da prefeitura de Linhares.



Figura 21.5: Anúncio do congêneres *Uai*.

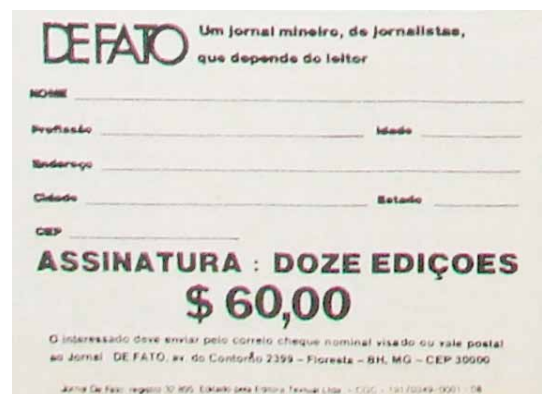


Figura 21.2: Anúncio do congêneres *De Fato*.



Figura 21.4: Anúncio de restaurante local.



Figura 21.6: Anúncio do congêneres *Repórter*.

cos recursos e contando com a participação financeira dos seus próprios sócios, *Posição* foi procurar um esquema de produção que lhe custasse o mínimo" (RESENDE, 2005, p.17).

posição
— quinzenal —

**leia
pense
colabore**

assine um jornal independente

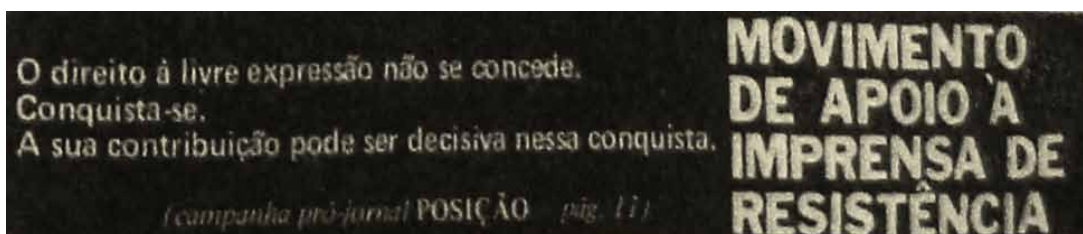
ASSINATURA SEMESTRAL — 13 EDIÇÕES ANUAL — 26 EDIÇÕES

ANEXO VALE POSTAL
 CHEQUE NOMINAL PARA EDIÇÕES DO LEITOR LTDA
NO VALOR DE

CR\$ 60,00 (SEMESTRAL) CR\$ 120,00 (ANUAL)

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
CIDADE: _____

CEP: _____
ESTADO: _____



Figuras 22.1 a 22.5: Conjunto de anúncios institucionais do jornal *Posição* comumente encontrados nas páginas do jornal em sua primeira fase.

Afastando-se da publicidade do grande mercado e contando com a alta rotatividade de colaboradores, o que conferia ao periódico uma atitude dinâmica, o jornal *Posição* encontrava uma saída para desvincular-se da intervenção estatal e distanciar-se da possibilidade de adequar-se a interesses estranhos. Logo na capa, (como mostra a Figura 19) abaixo do logotipo do jornal, aparece o slogan "O jornal que depende de você" atribuindo a possibilidade de sucesso do periódico à colaboração dos leitores na aquisição de exemplares e envolvimento com seu conteúdo. Para o corpo editorial estava claro que dificuldades futuras poderiam surgir em relação ao financiamento da produção das edições, mas acreditava-se que de uma proximidade mais honesta com os leitores, poderiam brotar soluções inteligentes que sustentassem a veiculação afinal, como defende a expressão comumente encontrada em diversas edições, "a imprensa independente era a única alternativa".

quando o dinheiro gasto pelos leitores na aquisição do jornal for suficiente para pagar a edição, melhoraremos o jornal: aumentaremos o número de páginas de cada edição, aumentaremos o número de informações e notícias. Eventualmente teremos pela frente o problema de aumentar o preço do jornal – a inflação corrói o preço do papel, dos filmes, dos transportes etc... Nessa ocasião, caso o diálogo entre nós tenha sido positivo, poderemos e deveremos tomar essa decisão em comum: manter o número de páginas (ou talvez até diminuir) ou aumentar um pouco o preço? Todos os problemas desse tipo, normalmente discutidos a portas fechadas e decididos à revelia do leitor, deverão ser debatidos abertamente. Com o diálogo. Para que o jornal continue a ser independente (Posição, 29 de outubro de 1976, nº.1, p.2).

Dessa forma o jornal contou com a colaboração de mais de 132 jornalistas, intelectuais e artistas dentre os quais, destacam-se as participações mais frequentes de Zinho Siqueira, Tânia Mara Ferreira, Robson Moreira, Miriam Cardoso, Luiz Cláudio Lira, José Fermo, Joaquim Nunes Dias, João Grillo, Ângelo Zurlo, Maurício Corrêa, Fausto Porto e Milson Henriques.

A projeção do jornal *Posição* alcançou durante sua história, uma ampla difusão na sociedade chegando a circular com tiragem de "12 mil exemplares quinzenais, o que era muito para as pretensões do *Posição*" (MARTINUZZO, 2008, p.163). Dessa forma, a partir do 5º número, os nomes dos membros do Conselho Editorial passaram a ser divulgados. Esses, em reuniões "intermináveis" aos sábados com os demais jornalistas, discutiam as pautas das edições inclusive, algumas vezes, com sugestões de pauta dadas por jornalistas de outros jornais "principalmente de assuntos que os outros jornais não podiam – ou não queriam – publicar" (RESENDE, 2005, p.17). Os colaboradores Deusdedit Dias, Luiz Rogério Fabrino, Mário Nunes, Robson Moreira e Ronaldo Reis tornaram-se membros do conselho editorial, responsáveis inclusive, pela seleção de quais anúncios deveriam compor o jornal dentre eles, os de prefeituras e partidos de oposição que não intervissem na política interna e imagem pública do jornal (*Posição*, 3 de janeiro de 1977, nº.5, p.3).

Sobre a página número 2 (Fig.23), a página em que aparece o expediente, é importante afirmar que comporta-se graficamente de forma linear, sendo outra página padrão para o jornal, afetada a cada reestruturação na redação. Sendo assim, a transformação da página 2 até sua versão mais estruturada em cujo expediente ocupa uma única coluna inteira e externa – de semelhante modo ao jornal *Movimento* (Fig.24), é de difícil mapeamento já que se dá de acordo com o acréscimo ou decréscimo do número de integrantes no expediente, extensão do editorial e quantidade de notas na sessão *Recortes*, sendo que isso nem sempre processou-se de forma clara. Apesar disso, a página é modulada sob uma mesma lógica organizacional, segundo a qual o Expediente, o Editorial e a seção *Recortes* compartilham os espaços. Em comparação ao jornal *Movimento* cabe ressaltar que a presença de um editorial relacionado à manchete principal da capa é uma característica particular do *Posição* restando de semelhança apenas a forma como o expediente é apresentado em uma única coluna externa.

Sendo mais minucioso, na parte superior direita encontra-se o editorial de cada edição, acomodado na página em duas colunas, com título em fonte sem serifa e em negrito e, a partir da edição nº.3, em itálico. Abaixo do editorial, a seção "Recortes" aparece cercada por um box de cantos arredondados, onde eram publicadas notícias curtas, notas e erratas, distribuídas em 4 colunas. Quando esses elementos não são suficientes para preencher toda a página, alguns anúncios comerciais aparecem na parte inferior. Nela

MOVIMENTO

Conselho Editorial
Alencar Furtado, Assisio Dentari,
Checo Buarque de Holanda, Edgar da
Mata Machado, Fernando Henrique
Cardoso, Hermínio Borela Filho,
Orlando Villas Boas

Conselho de Redação
Agnaldo Siva, A.C. Ferreira, Ber-
nardo Racinski, Elias Andreato, Fer-
nando Pinheiro, Francisco de Oliveira,
Francisco Pinto, J.C. Bernardet,
Márcio Gomes, Maurício Azevedo,
R.R. Pereira, Teodorico Braga

Director de Operações
Francisco Magalhães

Director Responsável
Antonio Carlos Ferreira

Editor
Raimundo Rodrigues Pereira

Editores especiais: Bernardo
Kucinski e Marcos Gomes

Nacional Sérgio Buarque (editor
assistente), Carlos Alberto Sarden-
berg (editor assistente), Teodorico
Braga (editor assistente), Brasília,
Francisco Pinto (chefe de secção de
Brasil), Genilson Cezar, João
Whitely (corresponsável), Rio, Agnaldo
Siva, Fernando de Souza (edical),
Bernardo Lerner (pública política),
Carlos Genilde de Melo (medicina),
José Zatz e João Loyola (esportes),
Luiz Bernardes (reporter), Elmar
Ramos, Carlos Moschis e Jefferson
de Barros (reporters), Rio Grande
do Sul, Ivan Maurício (correspon-
dente), Nordeste, Luiz Pontual (cor-
respondente), Salvador, Lello Fabiani,
dos Santos (correspondente), Belo
Horizonte, Dirceteu Bristola,
Maurício Azevedo e Ricardo Katschko
regionalistas, Curitiba,
Fernando Henrique Cardozo, Francisco Weff,
Kort, Hamilton Almeida Filho, Motor
Bandeira, Nelson Wernick, Sobre
colaboradores.

Economia Afonso Murgel (editor),
José Roberto de Alencar (consulor),
editor assistente, Hélio Pereira (re-
porter), Rôti, Paulo César (reporter),
Brasília, Francisco de Oliveira (re-
porter colaborador), Paulo Singer e
Ricardo Bueno (colaboradores).

Cultura Fernando Pinheiro (editor),
Flávio Azevedo e José Miguel Wink
(editores assistentes), Ricardo
Maravilha (reporter), Marcos, Pen-
chel (editor assistente), Rio, Anto-
nio Mendes Junior, Carlos Nelson
Coutinho, Gilberto Vasconcelos,
Heitor da Luz, Luiz Roberto, Marco
Aurelio Nogueira, Paulo Vello, Paulo
Sergio Pinheiro e Sérgio Pechman
(reporters), Jean Calvete (reporter co-
operador).

Internacional Flávio de Carvalho
(editor), Iraila Sardenberg (reporter),
Paulo Emílio (editor), A. La Lanza,
J.M. Ramos Pereira (edical), Carlos
de Souza (correspondente), Paris,
David Allister (correspondente),
Nova York e Jaime Saubath (cor-
respondente), Londres.

Arte Elias Andreato (editor), Valdir
de Oliveira (secretário gráfico), Joca
Pimenta e Silvio José Macedo (dica
gramatical), Cláudio Lordeiro, Checo
de Carvalho, Carlos Chaves, Jota Jay-
me Lello, Luiz Gá, Luiz Tomaz,
Paulo Carlos e Rubem Galo (dese-
nhistas), Izabela Hussak, Leda Trin-
dade, Ricardo Alves, Augusto
Barnasco, Antônio Carlos, d'Aula,
Marcelo, Joca, Marlene e An-
tônio Saegesser (fotógrafos).

Pesquisa Maria Cecília Magalhães
(chefe), Jacqueline Tyslow (inter-
nacional) e Eduardo Macedo (sus-
tento).

Revisão Luiz Roberto V. de Jesus e
Armando A.T. Sartori.

Administração Luiz Carlos Bitten-
court (chefe), Luiz Augusto Carli-
no Cabral, Maria das Graças,
Rodrigues (secretária).

Movimento é uma publicação de Ed-
ição S.A. Editora de Livros, Jornais e
Revistas, Administração e Redação:
Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto,
375, Fátima, São Paulo, telefo-
no: 210.6622 e 210.6744. Sacos
de Rua de Janeiro, Rua Voluntários
da Pátria, 249, Sala 202, telefone:
726.0679. Sucursal/Brasília: Edifício
Marica, sala 1.007, telefone:
24.1627. Distribuição: Abel S.A.
Cultural e Industrial, Rua Emilio
Guedes, 975, São Paulo, telefone:
65.5111. Composição e Impressão em
Litho, PAB - Publicações e
Assessoria Gráfica, Rua Dr.
Virgílio de Carvalho Pinto, 417,
Fátima, São Paulo, telefone: 262-
7023. Material internacional via
Vale.

O caso Vasco-Olaria

REVIRA VOLTA NO BARRIGATE

Maurício Azevedo

depósitos da investigação, o
Delegado Moreira Cesar de-
ixou entrever que o inquérito
podia ser inteiramente ino-
cuo, porque o suborno no futebol
é feito sem CPF, nota fiscal,
recibo ou outras munim-
nhas necessárias às transações
conventionais. A apuração dos
fatos dependia basicamente
do depoimento dos suspeitos
ou das testemunhas, o que coloca
o inquérito sob o risco fatal
da ineficácia: basta que todos
neguem o conhecimento da his-
tória que se investiga para que
em pouco a comissão opine
pela impossibilidade de uma
conclusão. Com o tempo,
como em outras histórias reais
ou de ficção, se fazia silêncio
perpetuo sobre o assunto. O
primeiro depoente, o técnico
Daniel Pinto, apontado como
um dos negociadores do acordo
escuso com representantes do
Vasco, pensava assim, tanto
que saiu da sala reservada de
interrogatório rindo à bande-
lras despregadas: negou tudo,
disse desconhecer os fatos
narrados pelo denunciante e
assim garantiu a sua inocência,
ou a sua impunidade.

Ainda que o Conselho
Nacional de Desportos se dis-
ponha a intervir no episódio,
que esperanças há de revelar
a verdade íntima e, além de
morar no fundo de um poço, ela
tem de ser exposta ou reconhec-
ida ou confessada pelos acusa-
dos? Poucas, realmente, sobre-
tudo porque os agentes ativos e
passivos do ato de corrupção
não só se obtinham em negar os
fatos, como também passam a
industrial texturizadas convoca-
das a depor, ditando-lhes o
comportamento durante os

interrogatórios. E o caso por
exemplo do Presidente do
Campeonato sob a orientação
do treinador Adalberto Mar-
tins, mas a equipe reserva
entendida de dois ou três efeti-
vos, para não dar muito na pin-
ta. O time titular, sob protesto
do treinador, foi deslocado
para um amistoso sem impor-
tância na Fábrica Nacional de
Motores, em Duque de Caxias.
Antes do jogo, o Vice-Pre-
sidente de Futebol do Olaria,
Edmundo dos Santos Cigarro,
foi mais ou menos sutil com a
gatorada.

— Olha, se até os 15 minutos
do segundo tempo o Vasco estive-
r ganhando só de um a zero,
como até agora, fica sabendo
que você vai sair. Vou escalar
em seu lugar um cara do ata-
que.

— Todo o mundo sabe dessas
coisas dentro do Olaria, como
sabe também que a barganha
envolve "gente muito alta
dentro do Vasco", como os mais
bem informados fazem questão
de proclamar, para mostrar
que, pela importância das figu-
ras envolvidas no caso, o inqué-
rito não vai conduzir a conclusã-
o alguma. "Gente muito alta
dentro do Vasco"?

No Vasco, ninguém fala
sobre o assunto e a diretoria
atribui todas as informações
divulgadas a mera invenção da
imprensa. Como em muitos
confrontos, a melhor defesa é o
ataque, a diretoria do Olaria, à
frente o Presidente Agatino
Gomes, vêha raposa dos corre-
dores da Declaração, parte para
a ofensiva: declara alguns jor-
nalistas, *perone non pruz*, sem
pluralizar o esquadro Latim e
ção de que ele denigre a origem
dos imigrantes que fundaram o
club. Sobre o inquérito, bico
calado.

E calado permanecerá se o
CND não intervir no caso. Por-
que do TJD, salvo surpresa,
nada há que temer: nesse tribu-
nal singular, cuja constituicão-
nalidade já foi contestada por
um juiz federal de São Paulo (o
juiz Luiz Kondor Ferreira de
Magalhães, em sentença no
caso da suspensão de César), os
juizes são indicados pelos pro-
prios clubes. Alguns deles são
capaz de cuspir no prato em
que come?

*O fechamento de um vespertino de Porto Alegre.

Morre "Hoje"

Delmar Marques

Da equipe de jornalistas, cer-
ca de quinze pessoas foram rea-
providadas na empresa, destaa-
cadas para a rádio, televisão ou
para o jornal Zero Hora, sendo
os demais dispensados sumaria-
mente sem nenhuma explica-
ção. Reunidos apressadamente
por João de Souza, presidente
do Sindicato dos Jornalistas
Profissionais de Porto Alegre,
os antigos repórteres não
sabiam explicar o aconteci-
mento. "Quando de seu lan-
çamento, já estava previsto que
pelo menos durante dois anos a
empresa deveria sustentar os
prejuízos do jornal", afirma um
deles.

Armando Burd, ex-diretor
geral da publicação, explicou
assim o fato que abalou profun-
damente seu prestigio na
empresa: "Foi a agressividade
do jornal, voltado para uma
linha popular, que determinou
essa decisão de direção. Eles
preferindo-se os membros da
família Sirotsky, que ocupam

os principais cargos estavam
recebendo muitas reclama-
ções, pois o jornal vivia apor-
tando problemas da cidade,
abalando certas áreas adminis-
trativas". Já Marcos Doorski,
gerente do presidente da empre-
sa e gerente do jornal, alega que
a circulação era muito peque-
na. Apesar do apoio da televi-
são, rádio e jornal Zero Hora,
que promoviam campanhas em
torno do Hoje, oferecendo aos
seus leitores viagens sorteadas
pelos carros, visitas ao
zoológico, dando presentes
para os proprietários de deter-
minadas placas de carros foto-
grafadas ou para garotas honi-
tas descobertas na praia, as
vendas dificilmente ultrapassa-
vam os seis mil exemplares diá-
rios.

Oficialmente, porém, a
empresa não deu qualquer
esclarecimento sobre a deci-
são, limitando-se a retirar o veí-
culo de circulação sem publicar
a menor nota nos outros jornais

de divulgação. Preocupado
com o fato e vendo nele um
desrespeito pela classe e pelo
público, o Sindicato dos Jorna-
listas resolveu convocar uma
Assembleia Geral Extraordina-
ria para a próxima sexta-feira,
quando será apresentada uma
análise sobre o fechamento do
jornal, considerando um panora-
ma nacional em que pesam o
aumento do papel e controle de
publicidade para agências
estrangeiras.

"Prendendo economizar, a
empresa usava o mesmo siste-
ma de distribuição do jornal
Zero Hora e esse pessoal, sem
receber uma compensação
financeira pelo aumento do tra-
balho não atendia convenient-
mente o novo jornal", afirma
o incolorado Armando Burd.
Ele adianta: "Entre os conflitos
de publicidade era a mesma
coisa. Faturando bem com a
televisão e Zero Hora, os con-
tatos relaxavam na apresenta-
ção do jornal Hoje, muitos mes-

mo chegando a "malhar" a
qualidade do jornal na frente
de possíveis anunciantes.
Denunciou esse fato à direção
mas nenhuma providência foi
tomada". Ainda que justifican-
do o que considerou seu "tra-
caso profissional", esse deta-
lhes serviram de pouco consolo
para a meia centena de profis-
sionais que amanheceram
desempregados. Reunidos na
noite do fechamento, para um
jantar de despedida no Clube
dos Carneiros Vagantes, os jor-
nalistas despedidos expulsaram
da sala dois supostos políti-
cos que, acimontados, procura-
ram acompanhar todos as
conversações na mesa. "Uma
preocupação inconhecível",
disse um veterano repórter,
"nem nós temos o que dizer,
nem eles o que ouvir. O patrão
abre, o patrão fecha: só nós res-
ta chorar". Ainda que não muito
condulente com o propulso-
rismo macho, muita gente
chorou naquela noite.

Figura 24: Imagem mostrando padrão do expediente do jornal Movimento semelhante ao jornal Posição.

o expediente comporta-se de forma semelhante à seção "Profissionais" (ocupando uma única coluna lateral e externa) ganhando espaço vertical a cada vez em que a redação se reorganizava e cargos vão surgiam sucumbindo assim, gradativamente, a propaganda de outros produtos da imprensa alternativa no Brasil aí presentes no início da história do jornal. Foi especialmente e inicialmente na página do expediente que o jornal incentivou seus leitores a assinarem, divulgarem e emprestarem outros produtos da imprensa alternativa tais como: *Movimento* (Fig.25.1), *De Fato*, *Versus*, *Opinião* (Fig.25.2), *Boca do Inferno*, *Pasquim*, *Cobra de Vidro*, *Lampião*, *Paca Tatu Cutia Não*, *Nós Mulheres*, *Ficção*, *Inéditos*, *Informação*, *Escrita*, *Ovelha Negra*, *Dois Pontos*, *O saco*, *O bicho*, *Poeira* e *Brasil Mulher*.



Figura 25.1 e 25.2: Imagem das capas dos congêneres *Movimento* (12-06-1978, nº.154) e *Opinião* (02-07-1973, nº.34).

As capas dos jornais alternativos afins sempre trazem em seu cabeçalho um *lettering* que funciona como uma espécie de logotipo com o nome do jornal. No caso do jornal *Posição*, esse cabeçalho tem características específicas, a começar pelo fato de que sempre aparece na parte superior da capa e ocupa cerca de 20% de sua composição espacial na cor preta (Fig.26.1) ou em contragrafismo (Fig.26.2) - versão que circulou pela primeira vez na edição nº.4. Sua estrutura é distinta em ambas as fases que circulou porém, sempre é composta por *lettering*, número da edição, data de publicação, *slogan* e preço de comercialização. Na primeira Fase, a maior parte do cabeçalho é ocupada pelo *lettering*, expressando visualmente a força do jornal ao lançar mão da alegoria do muro como símbolo de resistência e; o lado direito pelo número da edição em fonte com serifa em corpo 70. Abaixo do *lettering* e número da edição (ainda no cabeçalho) a data de publicação; o *slogan* do jornal em caixa alta que traz a expressão "Um jornal que depende do leitor" e; o preço de comercialização aparecem em fonte sem serifa e corpo 10.

Os cerca de 80% restantes da composição visual das capas, afora o cabeçalho, são constituídos de chamadas para as matérias da parte interna do jornal, ilustrações e/ou fotografias e espaços em branco lembrando bastante o aspecto de um cartaz.



Figura 26.1: Cabeçalho da capa da edição nº.6.

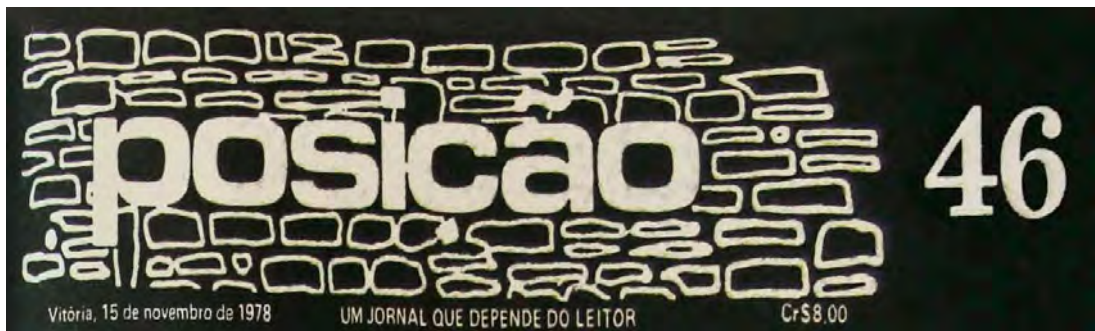


Figura 26.2: Cabeçalho da capa da edição nº.46.

Nessa primeira fase do comportamento gráfico do jornal *Posição*, nota-se o uso predominante de tipografia em negrito e em caixa alta (com ou sem serifa) em suas diversas variações para expor as manchetes das edições na capa, atingindo 58,2% das ocorrências, acompanhada em segundo lugar por tipografias regulares e suas variações com 40,3% das ocorrências. Em um número menos significativo de 1,5% das ocorrências aparecem tipografias light. Os gráficos obtidos a partir da coleta de dados sobre tipografias nas manchetes das capas abrem caminho para supor que a utilização de tipografias em negrito está intimamente relacionada com o intuito da publicação de fazer-se notada. Graficamente na primeira fase, as capas das edições assumem tipografias de corpo e peso expressivos, ilustrações elaboradas e fotografias jornalísticas construindo capas impactantes e mostrando a própria força do jornal. Em algumas capas em que há a predominância absoluta de tipografias sem auxílio de recursos imagéticos, é notável a dramaticidade com que são utilizadas (Fig.27 a 30) entretanto é importante ressaltar que o padrão compositivo das capas que é mais recorrente resulta da combinação de texto e imagem, seja essa última sobre a forma de ilustração (Fig.31 e 32) ou fotografia (Fig.19). Tanto em composições com utilização apenas de elementos verbais, quanto em composições em que se combina elementos verbais e visuais (fotografia ou ilustração) ou ainda em composições com predominância de elementos visuais (mas ainda com pequena presença de elementos verbais), a variedade tipográfica e sua dramaticidade aplicada à capa chamam atenção.

Nas capas, esse comportamento tipográfico expressivo e o caráter panfletário e contestador manifesto através de seu comportamento semelhante ao de um cartaz entretanto, não são características específicas do *Posição*. São características comuns também em publicações de mesma linha editorial, como no caso do paulistano *Movimento* que "muitas vezes chamava a atenção justamente pelo visual, com belas capas" (Fig.25.1, 33.1 e 33.2) (AZEVEDO coord., 2011, p.58). As raras vezes em que se utilizou mais de uma cor para a capa nas edições do *Posição* (e conseqüentemente para a última página do periódico encartado), utilizou-se as cores preto e vermelho, tal qual em outros congêneres, fazendo pensar

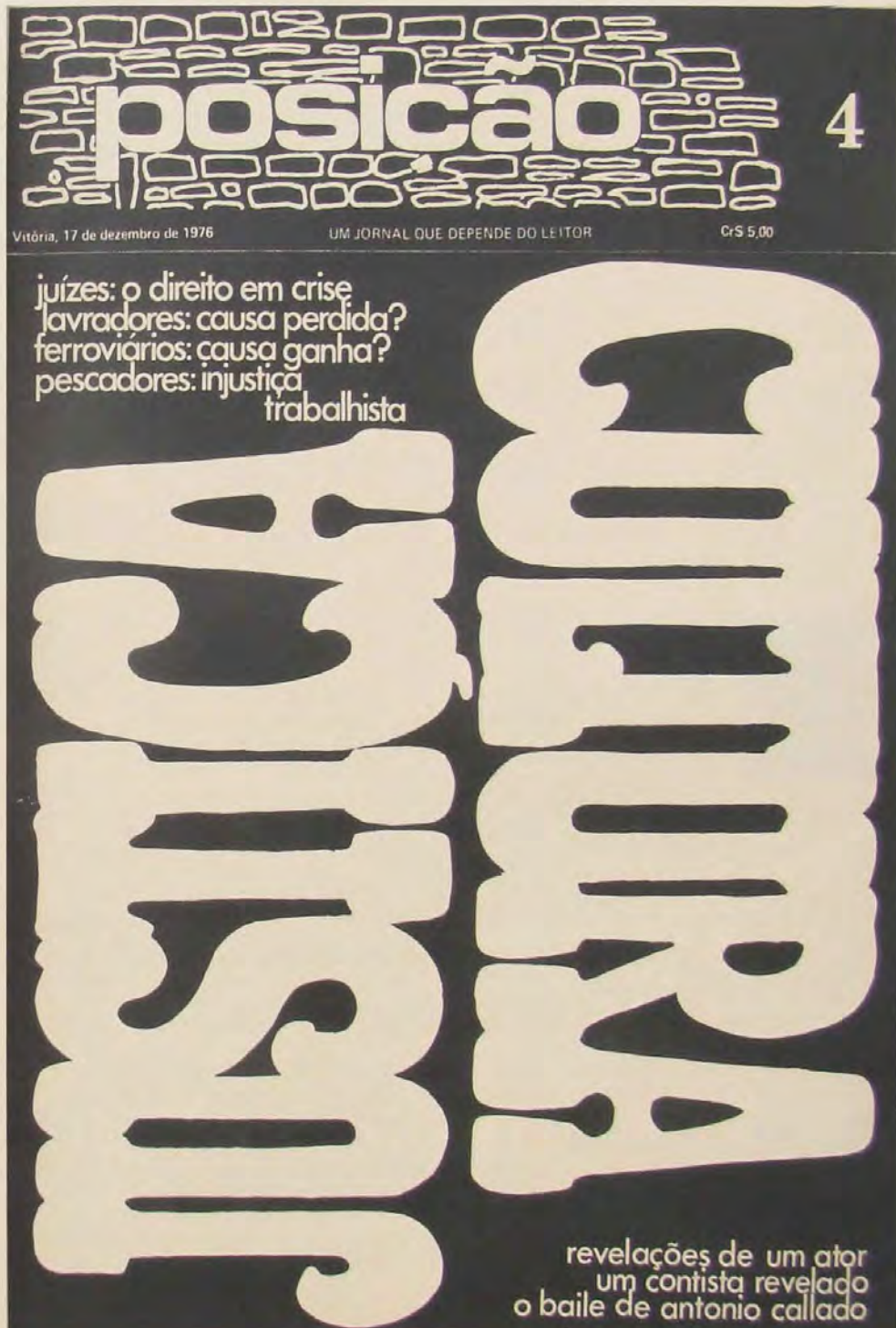


Figura 27: Imagem da capa da edição nº.4 mostrando exemplo de composição com predominância absoluta de elementos textuais através do desenho de letras e tipografia.

posição

5

Vitória, 3 de janeiro de 1977

UM JORNAL QUE DEPENDE DO LEITOR

Cr\$ 5,00

**finalmente acabou-se
um ano-pesadelo**

UM EX-GOVERNADOR EM DESGRAÇA - p.11

SECRETÁRIOS DEMITIDOS - p.3

PROFESSORAS MAL PAGAS - p.5

TRABALHADORES DESCONTENTES - p.7

e agora, com vocês

**O FANTÁSTICO «AUMENTO»
DO FUNCIONALISMO:
MENOS 50%**

**O IMPÉRIO
JOÃO SANTOS**

91

UNIDADE 3
cap. 10

Figura 28: Imagem da capa da edição nº.5 mostrando exemplo de composição com predominância absoluta de elementos textuais através de tipografias em negrito e condessadas.

posição 9

Vitória, 24 de março de 1977

UM JORNAL QUE DEPENDE DO LEITOR

Cr\$5,00

ÉLCIO ÁLVARES 1975 - 1977 O DEVEDOR DE PROMESSAS (páginas 7 a 10)

IRMÃOS DIAS LOPES

sai Justiça, entram interesses (p.6)

ENSINO

**eleições na Universidade,
politicagem nas escolas** (p.3 e 4)

MANOBRAS

sobe Resende, apaga-se Setembrino
(p.5,6 e 16)

ECONOMIA

**multinacionais com tudo;
a Siderúrgica não** (p.12 e 13)

Figura 29: Imagem da capa da edição nº.9 mostrando exemplo de composição com predominância absoluta de elementos textuais através de tipografias.

**O ESTADO ESTÁ
DANDO
TERRA DE
PRESENTE**

p.3

**NOS MANGUES E NOS
MORROS CONTINUA
A LUTA POR UM
PALMO DE**

TERRA

p.6e7

Professores x Políticos

PERSEGUIÇÕES, VIOLÊNCIAS,

ARBÍTRIO E DEMISSÕES

**JOÃO ANTÔNIO p.12
EXCLUSIVO**

Figura 30: Imagem da capa da edição nº.11 mostrando exemplo de composição com predominância de elementos textuais e amarração temática em torno do elemento verbal "terra".



assembléia legislativa, casa civil etc:
CABIDE DE EMPREGOS

p.3

câmara de cachoeiro:
O CASO DO SUMIÇO DAS ATAS

p.6-7

<p>mês do aumento</p> <p>A GORJETA DOS JORNALISTAS p.5</p>	
<p>dia do trabalho</p> <p>TUDO NA SANTA PAZ p.9</p>	
<p>hora do almoço</p> <p>COMENDO BALA p.12</p>	

Figura 31: Imagem da capa da edição nº.12 mostrando exemplo mais recorrente de composição utilizando texto e imagem e amarração temática em torno do elemento verbal "tempo", cujos elementos verbais são *mês*, *dia* e *hora*.

posicao 21

Vitória, 29 de setembro de 1977 UM JORNAL QUE DEPENDE DO LEITOR Cr\$ 5,00

RUSCHI: abrindo fogo contra

Elcio Alvares

p.6e7



DR. CRISTIANO: abrindo mão de cem mil

p.3

MDB NÃO ABRIU:
o partido está
em perigo

p.9

De Prá: p.12
ABRE-SE MAIS
UM CAPÍTULO

Figura 32: Imagem da capa da edição nº.21 mostrando exemplo mais recorrente de composição utilizando texto e imagem e amarração temática em torno do elemento verbal "abrir".

sobre a própria escolha cromática que em muito lembra a militância comunista utilizada por essas publicações de mesma linha editorial (Fig.33.1).



Figura 33.1 e 33.2: Imagens das capas das edições nº.154 e nº.217 do jornal *Movimento* exemplificando comportamento semelhante a um cartaz, padrão cromático (vermelho e preto quando impresso em duas cores) e tipografia expressiva, aspectos também identificados nas capas do *Posição*.

A presença de amarrações temáticas é muito comum unindo as manchetes em torno de um mesmo elemento verbal mostrando-se como uma característica específica do *Posição*. Na Figura 30, o elemento verbal que une as matérias é a palavra "terra". Outros exemplos da presença de amarrações textuais podem ser acompanhados tais como na Figura 31, cujo elemento verbal que une as matérias está relacionado a tempo (mês, dia, hora) e na Figura 32 em torno do verbo "abrir".

96

Política e justiça eram os temas mais recorrentes das capas da publicação alcançando o número de 42% dos registros coletados. Raras vezes as capas tinham uma única manchete, então além de denunciar aspectos da administração pública encobertos pela imprensa institucionalizada, o jornal *Posição* também abordava com ênfase temas como urbanização, habitação, educação e trabalho que juntos somaram 36% dos registros. Reportagens variadas, quadro econômico, cenário internacional, saúde e segurança obtiveram os menores registros alcançando juntos 22% do total.

Veza ou outra, o conteúdo imagético, seja sobre a forma de fotografia ou desenho, assume a predominância compositiva, como já foi mencionado, porém nunca há ausência de elementos textuais nesses casos. As duras críticas ao sistema político, renderam capas bem elaboradas graficamente. A primeira que se destaca nesse sentido traz um desenho de Milson Henriques criticando o sistema educacional (Fig.34). A ilustração é visualmente bastante alegórica e irônica apresentando ao leitor uma metáfora sobre a educação pública em que é comparada a uma escada improvisada e bamba. No horizonte o símbolo da *Rede Globo* como metáfora da grande mídia difundindo o senso comum.

Em relação aos elementos imagéticos registrados em 57 exemplares das 65 capas analisadas, os dados afirmam que a fotografia é utilizada com maior frequência em am-

Siderúrgica arquivada Bairro destruído Ensino falido



Figura 34: Imagem da capa da edição nº.24 mostrando exemplo de composição com predominância de elementos visuais. A ilustração é de Milson Henriques.

bas fases atingindo o índice de 32 registros enquanto a ilustração, apenas 20 registros. Produtos de técnicas diferentes, a fotografia e a ilustração dividem espaço em apenas 5 publicações em composições mistas.

Na contramão da postura de alguns periódicos que "optaram por uma resistência mais discreta", o jornal *Posição* foi firmando-se através de um posicionamento ideológico mais firme e responsabilizou-se por desempenhar o papel que a imprensa tradicional não fazia, o papel de enfrentar "a ditadura militar publicando matérias dos movimentos sociais e denunciando a censura", característica ímpar que lhe conferiu notável importância na capital (MARTINUZZO e col., 2008, p.163). Entretanto o jornalista José Martinuzzo adverte que "embora, de modo geral, esses jornais se remetam às massas, não há, aqui, propriamente, uma participação efetiva do povo na sua produção" (MARTINUZZO e col., 2005, p.266-267).

Adentrando no miolo dessa publicação capixaba, é possível identificar outra página padrão do jornal tal qual a página nº.2 que traz o expediente, o editorial e a seção "Recortes".

O jornalista Fausto Porto, a partir da 8ª edição ganha uma coluna própria onde abordava os mais diversos temas, geralmente relacionados ao contexto ditatorial da época, com enfoque crítico sobre temáticas variáveis. Acomodada em 3 colunas, essa é a seção de maior duração do jornal permanecendo em ambas as fases e, graficamente, apresenta a curiosa peculiaridade de ser a única parte da publicação obrigatoriamente com fonte com serifa para corpo de texto. Os motivos pelos quais essa seção comporta-se graficamente de forma tão peculiar e por tanto tempo são desconhecidos, porém uma dedução particular sobre o assunto me induz a supor que Fausto Porto representava para a publicação um nome de peso dentro do jornalismo capixaba prestando serviço ao movimento contestador local.

Maurício Corrêa também anteriormente inaugurou na 4ª edição uma seção do jornal de título "Olho crítico de Maurício" onde apresentava aos leitores as mais novas publicações literárias no país. Sua seção, graficamente, aparece diagramada de formas variadas: ocupando 1 coluna - a forma mais recorrente de diagramação - 2 ou 3 colunas (antes da existência da coluna de Fausto Porto) com uma espécie de vinheta ilustrada na parte superior para tornar rápida a sua localização na página.

98

Ambos colaboradores, Porto e Corrêa, foram fundamentais para a composição de uma única página de numeração cambiante, porém religiosamente presente no jornal, que ainda trazia notícias sobre outras publicações, trabalhos de cartunistas, e mais textos críticos de autoria de outros colaboradores (Fig.35).

A existência de páginas padrões, como as que contém a coluna de Fausto Porto e a página de expediente, apesar de constituírem um padrão para a identidade gráfica e editorial do jornal, não são tão marcantes graficamente quanto o aspecto contestador e dramático das capas e ilustrações do periódico (como será visto mais adiante). Sobre o diagrama do jornal, é visível sua linearidade, modulação e formalismo muito mais atrelado à seriedade relacionada à atitude jornalística do que ao espírito contestador. Genericamente pode-se afirmar que a estrutura da mancha gráfica do jornal durante sua história é também bastante elementar, predominantemente disposta em páginas de três ou quatro colunas com um rodapé separado por um fio trazendo o nome do jornal a numeração da página e a data de veiculação (Fig.36.1 e 36.2). Apesar da predominância de três e quatro colunas para o diagrama do jornal, nessa primeira fase há diversas ocorrências de páginas com uma, duas, três, quatro e até cinco colunas, às vezes combinadas em uma mesma página a critério do paginador, comportamento que se restringe apenas à primeira fase.

o olho crítico de Maurício

NOVAS TENDÊNCIAS?

Fausto Cupertino, *As Muitas Religiões do Brasileiro*. Volume 4 da Coleção Realidade Brasileira. Editora Civilização Brasileira, Rio, Cr\$50,00, 144 páginas. Nas bancas e livrarias de Vitória.

Reunindo reportagens publicadas pelo O Estado de São Paulo entre 9 e 18 de janeiro de 1973, a Civilização Brasileira acaba de editar *As Muitas Religiões do Brasileiro*, do jornalista Fausto Cupertino. É o quarto volume da Coleção Realidade Brasileira. Os outros três, por coincidência, também são de autoria de Cupertino: *A Concentração da Renda no Brasil*, *População e Saúde Pública no Brasil* e *Os Contratos de Risco e a Petrobrás*. O "maior país católico do mundo" enfeixa múltiplas tendências religiosas. Evidentemente, o catolicismo ainda predomina. Mas o pentecostalismo apresenta grandes índices de crescimento, principalmente junto às populações marginalizadas das capitais. Como o fenômeno da urbanização é crescente, obviamente as religiões pentecostais tendem a ganhar cada vez mais adeptos. Afinal, com esse salário-mínimo que tal, só mesmo apelando pra Deus.

Fausto Cupertino tem o dom de escrever de maneira didática, embora seu texto esteja bem distante, felizmente, do que se poderia denominar de professoral. Este seu último livro tem o ponto de destaque no capítulo intitulado *Igreja debate os seus problemas*. São personalidades brasileiras ligadas ao setor religioso apresentaram suas respostas para a crise do catolicismo, o déficit de vocações, a escalada da umbanda e do pentecostalismo, a religiosidade nacional e os rumos da Igreja Católica no Brasil. (MC)

REVELAÇÕES

Astúlio de Figueiredo, *Portugal, 50 Anos de Ditadura*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Cr\$80,00, 258 pp. Nas bancas e livrarias de Vitória.

"O Exército possui o segredo da juventude perpétua e, tal como uma grande e velha família de descendência nobre, mantém e continua as suas tradições tão intactas e vivas que forma sempre uma e a mesma unidade moral".

Para que Antônio de Oliveira Salazar não tenha vivido mais alguns anos para ver que se enganou totalmente, não só o Exército, como também a Marinha e a Força Aérea — que durante 50 anos sustentaram uma ditadura obscurantista — deram um basta a esta tradição ilegítima e reintroduziram a liberdade em Portugal.

MFA, MRPP, PCP, PPD, Cunha, Otelo Saraiva, Mário Soares; nomes e siglas que há quase três anos mostram o novo Portugal. Mas o que existe antes, como era antes da "Revolução dos Cravos"? É o que procura mostrar o jornalista Astúlio de Figueiredo no livro *Portugal: 50 Anos de Ditadura*, editado pela Civilização Brasileira.

Veterano combatente anti-salazarista, Figueiredo, em linguagem bastante clara, revela alguns pormenores do antigo regime, que para os brasileiros não constituem propriamente uma surpresa. Afinal, as afinidades entre os dois países não se limitam apenas à herança cultural. Em Portugal: 50 Anos de Ditadura, conforme diz seu autor, foi traçado um retrato de Salazar "ao mesmo tempo que descrevi as características da cultura portuguesa, no ambiente natal e escolar em que decorri e sua formação. Estou ciente do fato de que um ditador não atua num vácuo e que é apenas a personificação do poder gerado por interesses econômicos, sociais, religiosos, que se relacionam".

Neste livro, a figura de Salazar desaparece e reaparece através dos acontecimentos que mais influenciaram o País: o nazi-fascismo, a Segunda Grande Guerra, as guerras coloniais. O período de Marcello Caetano merece uma objetiva análise, enquanto o autor dedica poucas páginas ao movimento militar de abril de 1974. Pode-se discordar de uma ou outra tese de Antônio de Figueiredo, mas há que se concordar inteiramente com Énio Silveira, que assina a orla do livro: "O mundo gira e as ditaduras rodam". Esta é a grande contribuição de Portugal: 50 Anos de Ditadura. (MC)

A vaca do Israel

Na fértil saga da política mineira, ao lado de Benedito Valverde, José Maria Alkmin e Uirino de Carvalho, o nome de Israel Pinheiro se destaca. Velha esposa comedata, cheia de vitalidade e malícia.

Quando da construção de Brasília, como presidente da Novacap — empresa estatal encarregada da construção da nova capital —, Israel apadrinhou tanto comedata que tornou celebre a frase criada pelo espírito anônimo das ruas: "Brasília a terra prometida ao povo de Israel Pinheiro".

Nos primeiros anos da década de 40, na qualidade de primeiro presidente da Cia. Vale do Rio Doce, com a companhia se escontrando com o dinamismo e o progresso na administração de Juracy Magalhães e quando tudo não passava de sonhos e projetos, Israel conseguiu vender ações a Minas inteira, grandemente fama de mineiro sabido. Sabido, Israel já era desde

menino.

No principal do século, quando em seu alardeo pela era civil político conceituado que chegou à Presidência de Minas Gerais, Israel deu mostras de sua velhacaria.

Acompanhando o Dr. João Pinheiro a uma exposição agropecuária em Juiz de Fora, Israel — que tem 10 anos — foi juntamente com seu duster pai, apresentado por um fazendeiro da região com uma vaca de raça

Na viagem de volta, quando frente de ferro, foi assim que a mineiros falaram ao brasileiro, contava as montanhas de Barbacena na base de Belo Horizonte, o grego Israel, depois de muito matar-propõe a seu pai:

"Pai, não é homem de importância e bom compreendido. A vaca é uma só e não dá leite nenhum a banda da frente e a vontade, que é Presidente e é ficar com a parte mais bonita, mas limpa, do meio pra trás, a vaca é minha. Sou mentiroso, mas não faz mal ficar com a banda da superior, das inundadas, a parte feia".

Hoje, quando vemos a rua na oficina em torno do famoso complexo siderúrgico capitalista, meias com o capital japonês, perguntamos a nós mesmos: com a desconfiança mineira, não há uma nova "Vaca do Israel" mentindo do farelo capitalista, pagando no Brasil pra dar a ele Japão?

O SENHOR JÃO

Luiz Trevisan

— Já se esqueceu as agarradas no período da máquina de olhar sobre as folhas secas que estavam na mão dele do terreno. Depois que ele não morreu, os domingos parados na casa só podiam passar, pois que quem não tinha dinheiro para pagar o aluguel... — Contar como um pai sereno, na beira do rio... — estava sempre a mil e entre as mangas de vado levava e apertada trouxa na cabeça... — ao andar das noites levava humidade pela brancura do suor de filho do "seu" João. O dia do nome, o primeiro da infância, mudou feio no terreno onde se achava a casa, muito em paz na sua vizinhança. Quem tinha escolhido o que está na reportagem, depois do casamento da cidade de "João R. Santos, preto, solteiro, 25 anos, mas conhecido pelo apelido de "Jão", residente nesta, foi previsto ficando de viver com a menor M.M. de tal, na noite de São João... "Mito" casou, levando no rosto a corpa de São João, de noite sem luz, cheio de uma e das lanternas barato no nálio. Depois de casar, a menor não fez nada de novo, ficando com outros ao mesmo tempo. Ela na casa de na distante, esperando erro e roendo as unhas pra não amarrar a berriga que cresce e cobre. Ela de novo no quarto da casa refrigerando sangue e carne na parede, uma marca de por dentro de letras vivas. Choveu de mais e chuva de calor e vento evaporou as coisas e a casa por que moite mais seca e firme. Já que um dia moite a chuva, não viu e não seca mais. E não tinha sido na a qualidade da nova tempestade sobre a mãe. Sangue amarelado? É sempre fe, calda? Baco inchado? O médico seudista do Instituto Maranhense mas era tarde. E mesmo se machês foram ficando, no nada no rosto dela. Já descorado como o retrato que ficou, despendido no quarto de Jão, para servir de lembrança e anotar a pequena casa vista de cima e de baixo, mas cheia de silêncio e interrogações sobre os móveis. E o tempo marcou o rosto de Jão, as agarradas se multiplicaram nas pedras, as memórias que continha já miravam fugas no espelho e enchiam as pernas de varões. Os memórias restavam no lugar, no mesmo raio de luz, mas na cabeça e corpo, conforme pelo trabalho, comida destruída e derramada pra as coisas, arreife e corpo na. Santa

o calma das sombras, prestada de, tudo sobre as coisas a mergulhar no rio, cheio de cheiro bom de manjedoura, comendo, com a mão esquerda nos pulmões e as duas esquerdas das mãos sobre as pernas e o corpo.

Segundo o Jão, no mesmo aniversário, depois de ter trabalhado pelo Luiz Trevisan do ventre de M.M. "seu" João em setembro de 1973, observou como o mesmo industrial, quando veio a porta e falou. O mesmo então chegou, no mês, mas não soube de graça que transformara em mesquinha, quando então, com um pouco de carinho, cheio de amigos, Amoreiros e moras. Amal é que Jão, depois de não fazer nada como a moque, não pôde do seu tempo a condições. Contar a noite em fessas e valentes, cavalgar sobre o dono humano de tantas fessas e machos, nem tanto um caminho de apanhar se a fessas não se dá, ou deve ensinar. Na verdade, o empregado, as fessas, as fessas, as fessas, as fessas, as fessas, a fessas de ser senhor pai de um filho, frustado, no mês de São João e girado no Estado do Espírito Santo pelo "seu" João, sobre tudo, Jão, dividido? Descobrir do filho, de mais, do pai... E sem a carga, TUO P. CHADO.

Mas deve ainda pra dizer que os dias de Jão, vinhos existiam em grande quantidade, só que nas pedras, as pedras, americanas, ou na casa do seu senhor, período poderoso, mesmo que em todas as festas de São João, de empregados, como ele, para fazer as coisas, gemer o nascimento do Senhor. E entre banquetes, as invernos e chuveiros verdes, Jão em ergua, fessas sobre o qual... E sempre, as mãos apertadas cada vez mais pelas chaves mecânicas, que vibravam durante de dia. (V. REPRIMIDO).

A abertura explodiu da lábia de entrar a café e afugentar as agarradas que cobriam as pedras e as pedras, definitivamente com a solidão tanta das madrugada e as pedras, com a culpa, roendo suas memórias, as memórias e interrogações. Um salto, um mergulho, e a água da brava se fessas isoladas da imaginação de Jão, entre MP de em seus pulmões, eliminando a nicotina do baco, limpando a graça sempre guardada entre as unhas e memórias, de sarado suas olhos ardidos, depois de tudo, de nada. E o corpo de Jão viajou, finalmente, liberado de as coisas. Como o Senhor, LIVRE.

RANGO

Já se encontra à venda nas bancas de jornal e nas livrarias de Vitória o volume 5 da publicação "Rango", do cartunista e chargista Edgar Vasquez. Nesta edição, além da tradicional comunidade de caricaturistas que cobra a personagem que dá o nome à publicação, é também apresentada uma nova figura criada por Vasquez: "Classificação, o perguntador". Figurinha simpática, inocente e persistente, Classificação provoca mal-estar geral com suas candidas perguntas que, afinal, têm por objetivo mostrar (apesar da ingenuidade) que o rei está nu.



Figura 35: Página padrão com seção "Olhar crítico de Maurício" e coluna de Fausto Porto.